



*A diferença que faz crer
na soberania de Deus*



Terry Johnson

A
DOCTRINA
DA
GRAÇA
NA
VIDA
PRÁTICA

A Doutrina da Graça na Vida Prática © 2001, Editora Cultura Cristã.
Publicado em inglês com o título *When Grace Comes Home*: © 2000,
Terry L. Johnson. Publicação em português autorizada pela Christian
Focus Publication Ltd. Todos os direitos são reservados.

1ª edição – 2001
3.000 exemplares

Tradução

Paulo Correa Arantes

Revisão

Arlinda Madalena Torres

Edson Reinaldo Facco

Editoração

Ailton de Assis Dutra

Capa

Lela Design

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:
Cláudio Marra (*Presidente*), Alex Barbosa Vieira,
Aproniano Wilson de Macedo, Fernando Hamilton Costa,
Mauro Meister, Ricardo Agreste e Sebastião Bueno Olinto.



EDITORIA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Junior, 382/394 – Cambuci

01540-040 – São Paulo – SP – Brasil

C.Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01599-970

Fone (0**11) 3207-7099 – Fax (0**11) 3209-1255

www.cep.org.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Prefácio	7
Introdução	11
1. Adoração	21
2. Humildade	33
3. Adversidade	45
4. Perspectiva	59
5. Testemunho	77
6. Santificação	97
7. Segurança	113
8. Lei e Liberdade	135
9. Oração	153
10. Orientação	173
11. Uma fé para um modo de Vida	189
Índices: De Pessoas	201
De Personagens Bíblicos	202
De Assuntos	203
De Referências Bíblicas	204

Prefácio

Um congressista norte-americano observou recentemente que existem dois tipos de políticos conservadores: aqueles que são conservadores e alegres por isso, e aqueles que são conservadores e loucos por isso. Alegres? Sim, alegres por causa de todos os benefícios que eles vêem resultar de uma filosofia conservadora de governo. Loucos? Desculpe-me, mas sim, eles também existem. Eles são loucos por causa das opiniões políticas incorretas que estão circulando, e por todas as pessoas que as sustentam. Não deveria haver dificuldade em se descobrir qual grupo é mais eficaz em ganhar outros para seu ponto de vista: o alegre ou o louco.

Parece que temos o mesmo problema no mundo cristão. Alguns são alegres por ser cristãos. Eles estão transbordando de gratidão por tudo quanto têm em Cristo. Mas existem aqueles que são loucos. Sua orientação fundamental não é a identidade positiva e os benefícios que eles têm em Cristo, mas irritam-se com todos que têm outro ponto de vista. Eles são cristãos, mas loucos por isso.

As doutrinas da graça são motivo de alegria. Facilmente admitimos que há razões suficientes para sermos loucos. A filosofia do mundo destrói casamentos, famílias e comunidades. Seu relativismo moral e religioso tem quebrado o pacto matrimonial, encorajado a promiscuidade, o aborto, a ilegitimidade, famílias em que o pai ou a mãe criam seus filhos sozinhos, e nos dão uma geração de crianças irritadas, alienadas e violentas. Quem crê na soberania de Deus pode achar que tem motivos suficientes para se irritar junto a comunidade cristã. Quantas pessoas têm sua paz roubada, porque outros cristãos os convencem de que eles não possuem segurança eterna? Quantas são devastadas pela aflição, por aprenderem que Deus não é soberano? Quantas estão presas na desordem emocional dos impraticáveis conceitos de santificação da “vida superior”? Quando alguém sobriamente considera o impacto da rede que filósofos e religiões desviadas produzem sobre a miséria humana, há muita coisa para se zangar. Sim, existe. Mas será que a raiva deve ser a nossa característica dominante, nossa característica?

Semelhantemente, em nossas polêmicas com os crentes e incrédulos, não devemos nos esquecer que a mensagem da graça soberana de Deus em Cristo é uma “boa nova”, é o evangelho. Este livro procura demonstrar que crer nas doutrinas é algo que deve alegrar-nos. Numa área prática após a outra, a mensagem da graça, quando completamente entendida, nos leva às mais elevadas alturas de paz, conforto, ação de graças e alegria que se podem alcançar neste mundo. Eu convido você a caminhar por essas alturas comigo.

Uma palavra de advertência antes de você prosseguir: mesmo um livro sobre “teologia prática” precisa

demonstrar suas bases bíblicas. Os dois primeiros capítulos fornecem as bases e, por esse motivo, são de leitura mais difícil do que o restante do livro. Persevere. Eles são valiosos se é para o restante ter o impacto necessário. Qual impacto? O impacto pelo qual eu oro, é que os leitores possam novamente aprender os encantos da fé, que eles possam ser alegres, não loucos, e mais eficazes em conduzir outros às mesmas convicções.

Introdução

Por favor, leia Romanos 11.33–36

Iniciaremos uma viagem dentro da teologia prática, como os antigos a costumavam chamar. Nos esforçaremos especialmente em observar a diferença prática que faz o entendimento do ensino bíblico a partir da aceitação da doutrina da soberania de Deus. No decorrer da nossa jornada, eu usarei a designação “reformado” como sinônimo dos termos “bíblico”, “aquele que crê na Bíblia” e “evangelho”. É como Spurgeon considerava. Essa não é uma questão sectária, mas uma questão de evangelho. Se você não compartilha dessa perspectiva, por favor, não se ofenda. Continue lendo, nós pedimos, pois há muito aqui que, cremos, será igualmente edificante para sua alma.

O que nos induz a começar essa jornada? É que até mesmo os católicos romanos reverenciam Agostinho como o maior dos teólogos da Igreja, e em muitos dos assuntos com os quais estaremos lidando, os defensores

das doutrinas da graça estavam de acordo com ele. Porém, apesar de todo esse consenso, há pouco entendimento sobre a tradição ou sua importância prática. Isso é uma fonte de frustração e pesar para mim, pois, pessoalmente, eu continuo como alguém que foi profundamente tocado pelas implicações práticas dessas doutrinas e anseio profundamente que outros bebam dessa fonte. Porém, na mente popular, as doutrinas da graça são consideradas como irrelevantes abstrações teológicas sem qualquer relevância prática.

De que exatamente estaremos falando? Eu não tentarei apresentar agora todo o sistema de doutrina. Para aqueles que desejam rever seu conteúdo, eu recomendo a *Confissão de Fé de Westminster com Textos de Prova*. Para nossos propósitos, eu me concentrarei nas três principais doutrinas, as quais servirão como o centro (ponto de convergência) para a primeira etapa da nossa jornada.

NOSSO DEUS SOBERANO

Antes de mais nada, *a soberania de Deus*. As doutrinas da graça partem dessa base. A Bíblia ensina que Deus governa sobre toda a criação, sobre toda a História, decretando e determinando “tudo o que acontece”. José pode relembrar suas tristes circunstâncias, quando seus irmãos o venderam como escravo e dizer: “Deus o tornou em bem” (Gn 50.20). Deus disse por meio de Isaías: “Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas” (Is 45.7). Ele faz “todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.11). Ele faz “todas as coisas cooperarem para o bem” (Rm 8.28). Não há exceções a isso. Os pardais não caem

das árvores e os cabelos não caem de sua cabeça se não for da vontade divina (Mt 10.29,30). Tudo é controlado e determinado por Deus. Incluindo o mal? Num sentido sim, em outro, não. Deus não é o autor do mal, mas nenhum mal corre solto no universo de Deus fora de seus propósitos soberanos. Até mesmo a crucificação, que é a maior maldade entre todas as ações humanas, foi mencionada por Pedro, no Dia de Pentecostes, como tendo sido realizada pelo “determinado desígnio e presciência de Deus” (At 2.23). A igreja primitiva disse que Herodes e Pilatos e o restante do povo fizeram tudo quanto a mão e o propósito de Deus “predeterminaram” (At 4.28).

Cada átomo que existe está sob o controle direto de Deus. Não há nem mesmo “uma só molécula desgarrada”, como disse R. C. Sproul.¹ Tudo está sob o controle de Deus.

DEPRAVAÇÃO HUMANA

A segunda doutrina principal é a da *depravação do homem*. As pessoas são basicamente boas ou basicamente más? Historicamente a Igreja Cristã tem dito que as pessoas são más por natureza. Dentro da cristandade não há perspectiva teológica tão pessimista sobre a natureza humana como a de Agostinho e Calvino. Historicamente temos usado a terminologia “depravação total” para descrever a condição humana, querendo com isso dizer que as pessoas são corruptas, pervertidas e anti-Deus em todas as suas faculdades. Novamente, usando a linguagem dos Símbolos de Westminster:

1. R.C. Sproul, *Chosen by God*, Tyndale, p. 27.

(O ser humano) se tornou inteiramente indisposto, incapaz e oposto a todo bem espiritual, e inclinado a todo o mal, e isso continuamente (Catecismo Maior P. 25).

A Bíblia é realmente tão negativa sobre a humanidade como isso indica? Examine as Escrituras. Nos dias de Noé, Deus disse aos homens, que “era continuamente mau todo desígnio do seu coração” (Gn 6.5). Por meio de Jeremias ele disse sobre o coração humano, “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jr 17.9). Em Eclesiastes nós lemos: “... também o coração dos homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem” (Ec 9.3). Paulo, em Romanos, cita os Salmos dizendo: “como está escrito, “Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, a uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (Rm 3.10–12). Jesus simplesmente disse: “os homens amaram mais as trevas do que a luz” (Jo 3.19–20). O problema está dentro de nós, em nossos desejos, em nossa natureza, em nossos amores e ódios. Portanto, podemos resumir com a última metáfora de Paulo: os homens estão “mortos nos [seus] delitos e pecados” (Ef 2.1–3). Ele está morto para o bem. Ele está morto para Deus. Ele é impotente, incompetente e diabólico.

GRAÇA SOBERANA

Em terceiro lugar, *a soberania da graça*. Esta segue necessariamente dos dois pontos anteriores. O homem está

tão incapacitado pelo pecado que, a menos que Deus aja para resgatá-lo, nada acontecerá. Ele permanecerá morto e cego. Portanto, a doutrina da soberania de Deus, mais a da depravação total do homem, leva-nos inexoravelmente à doutrina da *graça soberana*. Nós não podemos viver espiritualmente a menos que nasçamos “de Deus” ou “do Espírito” (Jo 1.13; 3.8). Nós permanecemos mortos a menos que sejamos vivificados com Cristo (Ef 2.5). Não podemos vir a ele a menos que ele nos “traga” (Jo 6.44). Não podemos escolhê-lo a menos que ele nos escolha (Jo 15.16). Não podemos amá-lo a menos que ele nos ame primeiro (1Jo 4.19). Não podemos crer nele a menos que ele nos dê fé (Ef. 2.8–9). Se devemos ser salvos, Deus nos salvará soberanamente. “... vós sois dele, em Cristo Jesus,” escreve Paulo (1Co 1.30). A salvação é “do Senhor” (Jn 2.9).

Quem é beneficiado por essa soberana e graciosa intervenção de Deus? Nem todos (ou todos seriam salvos), mas alguns, especificamente, aqueles que são escolhidos. Na linguagem da *Confissão de Fé de Westminster*,

Pelo decreto de Deus e para manifestação da sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida eterna e outros preordenados para a morte eterna. (III.3)

Calvino chamava isso de *decretum horrible*. Na linguagem da Escritura, “[Deus] nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo ... e em amor nos predestinou para ele” (Ef 1.4,5). “Bem, este é apenas um texto isolado”, você pode dizer. Seria mais verdadeiro dizer que isso é encontrado em cada página da Escritura. Caminhe pelo

livro de Atos. Quase casualmente você lerá que o número dos que crêem é o mesmo do número dos que “o Senhor, nosso Deus, chamar” (2.39); que o próprio Deus “acrescentava” ao número da igreja (2.47); que o próprio Deus “concede” o arrependimento (5.31; 11.18); que o Senhor “abre” o coração (16.14); e mais ostensivamente lemos: “e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna” (13.48).

Volte às cartas. “Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação,” diz Paulo aos tessalonicenses. (2Ts. 2.13). Ele “nos salvou”, diz a Timóteo,

... e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos (2Tm 1.9).

Poderíamos continuar (e muito!) mas penso que já ficou claro. Deus é soberano e a graça é concedida soberanamente. Se você não está convencido, vamos ver uma evidência irresistível nas páginas à frente. Fique atento.

RESPOSTAS

Estas doutrinas soam como “boas novas” para você? Para mim, não há nada melhor. Porém, muitos reagem negativamente. Deixe-me resumir duas respostas.

Primeiramente, *aqueles que não estão familiarizados com a Bíblia ou não estão seguros se crêem nela, normalmente recuam horrorizados*. Para eles, o Deus descrito acima é um monstro. Deus, elas diriam, até onde conhecemos algo sobre ele, é amável e bom, mas passivamente atento e

distante. Ele não está nō controle, e certamente nada predestina. Além disso, para o não familiarizado e incrédulo, o homem é bom. Ele pode estar desencaminhado pela corrupção em seu ambiente, mas é essencialmente benevolente. E o homem é superior. A liberdade do homem, suas habilidades, seus potenciais são a chave para eles, e essa idéia do Deus soberano ataca suas ambições pela autonomia da humanidade.

Em segundo lugar, *mesmo entre os cristãos que crêem na Bíblia existe um temor*. Isso seria especialmente verdade sobre muitos crentes evangélicos que não estão acostumados a pensar teologicamente. Eles não *gostam* de pensar teologicamente. Sua grande questão é “que diferença isso faz?” Se eles pudessem ver como isso faz diferença em sua vida, eles estariam interessados. Agora isso é notável, porque os crentes do tipo evangélico e fundamentalista normalmente gostam de dizer que crêem na Bíblia toda. Mas mostre a eles essa “coisa de predestinação”, *ali mesmo na Bíblia*, e eles se tornam estranhamente silenciosos e desinteressados. A discussão muda.

De fato, quando crentes evangélicos ouvem sobre a soberania de Deus, a depravação do homem, e a graça soberana, muitos ficam quase tão horrorizados como as pessoas descritas acima. Eles vão se opor com fortes afirmações sobre “livre-arbítrio”, um termo não encontrado na Bíblia, e “todo que quiser pode vir”, uma frase não encontrada na Bíblia. Eles talvez digam, como eu dizia na igreja da minha juventude, “nós não sabemos o que elas significam, mas não significam *isso*.”

Isso poderia até mesmo ser verdade sobre muitos membros de igrejas reformadas. Eles podem dizer que

crêem em seus credos, confissões e catecismos. Mas quando este assunto da eleição é introduzido, eles começam a murmurar sobre “que diferença” tudo isso faz, e sobre como “você entrará no paraíso quer entenda ou não,” e sobre como a coisa importante a fazer é continuar com o trabalho de ganhar almas! Toda essa teologia está atrapalhando a evangelização! Precisamos deixar de especular e continuar com a pregação do evangelho.

Isso faz alguma diferença? Estamos convencidos que faz, e que é vital o povo de Deus entender a diferença prática que fazem as doutrinas da graça. Essas doutrinas não são apenas meditações teóricas de teólogos de torre de marfim. Não são apenas abstrações sem relação com a vida. Elas são centrais. São vitais. São cruciais para a existência de vida.

Como então? Poucos parecem compreender que essas verdades teológicas têm dado forma a povos e civilizações inteiras. Os primeiros crentes que vieram para o Novo Mundo criam nessas doutrinas e o seu legado foi duradouro. Princípios vitais como leis estáveis, direito ao progresso, liberdade de religião, democracia, governo limitado, mercados livres, uma forte ética do trabalho, ênfase na educação (Harvard foi fundada apenas alguns anos depois que a colônia foi estabelecida). Todos estes princípios e pontos de ênfase fluem diretamente da aceitação das doutrinas da graça.²

Os cristãos contemporâneos também devem entender isso. As igrejas alinhadas com essas doutrinas são também as que defendem o governo representativo (na

2. Ver Douglas Kelly, *The Emergence of Liberty in the Modern World* P&R, 1992.

eleição de presbíteros ou anciãos), a participação congregacional na adoração e nos cantos, a centralidade da palavra pregada, a participação do leigo na comunhão de ambos os elementos, a justificação somente pela fé e o novo nascimento. Essa não é exatamente uma lista de itens irrelevantes e a sua aceitação tem contribuído em muito para o mundo moderno e para a igreja atual.

Mas, em vez de olharmos para a dimensão institucional (muito do que eu gostaria e farei no futuro), nós focaremos na diferença prática que essas doutrinas fazem em termos de piedade pessoal, coisas tais como segurança, humildade, adversidade, orientação, oração, santificação, e algo que chamaremos de “perspectiva”. Veremos a diferença que as doutrinas da graça fazem onde vivemos, agimos e andamos. Esperamos que você nunca precise perguntar “que diferença isso faz?”

“O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento”, Deus adverte através de Oséias (Os 4.6). Este tem sido, certamente, nosso problema. Nós não temos paciência para lutar com as grandes verdades. Temos, de propósito, evitado certas doutrinas. O resultado? O mesmo resultado que ocorre quando alguém deliberadamente recusa qualquer parte da revelação de Deus. Sofremos. Perdemos. Nossas almas não recebem o sustento que essa doutrina fornece. Nossas personalidades são distorcidas por essa omissão. Paulo ensinou “todo o desígnio de Deus” (At 20.27). Se não precisássemos de alguma parte disso, Deus não a teria revelado. Mas como ele revelou não podemos sair por aí dizendo, “é muito difícil”, ou “é muito teológico”. Usem suas mentes, o Senhor diz: “Vinde, pois, e arrazoemos” (Is 1.18).

Isso é o que pretendemos fazer nas páginas a seguir. Eu creio que, para muitos, o resultado será um conhecimento mais extenso de Deus. E com isso, virá igualmente um entendimento mais claro da vida.

1 Adoração

Por favor, leia Romanos 9.1–11.36; Efésios 1.1–14

O objetivo deste livro é a teologia prática. Que diferença faz se você crê nas doutrinas da depravação total do homem e na soberania absoluta de Deus? Elas realmente produzem algum impacto na vida de alguém? Deixe-me falar pessoalmente. A primeira grande diferença que essas doutrinas fizeram em minha vida foi a transformação de um egoísta, de um espectador sentado no banco da igreja, em um adorador de Deus. Quando tive meu primeiro contato com as grandes doutrinas da soberania de Deus e da depravação do homem, e me reconciliei com o ensino da Bíblia, fui dominado pela admiração. Até este ponto, o conhecimento de Deus tinha sido “proveitoso” para mim. Eu tinha crescido consideravelmente em maturidade na faculdade. Mas eu realmente não tinha relação com Deus, exceto para tirar alguma vantagem pessoal. Ele estava ali para mim. Certamente, é desta forma que muito do ensino bíblico de hoje faz parecer. Deus é retratado como o Auxílio Final no tratamento com

a auto-imagem, a raiva, a tomada de decisão, o medo, os relacionamentos, as finanças, etc. Quando compreendi que ele me salvou e que eu estava em suas soberanas mãos, isso reordenou minha perspectiva. Eu vim a compreender tanto que ele estava muito além das pequenas caixas que eu tinha construído para ele, quanto que eu estava ali para ele, não ele para mim. Isso fez com que me curvasse em adoração perante o Deus a quem eu fui feito para glorificar.

Minha experiência com as “doutrinas da graça” (um outro de nossos sinônimos, até aqui chamadas de depravação total e de soberania absoluta) é incomum? Não somente não é incomum, mas eu penso que ela assume algo que se aproxima das expectativas normativas no Novo Testamento. A doutrina da eleição não foi dada para ser um ponto de discussão teológica, mas uma chamada à adoração. É exatamente deste modo que Paulo trata do assunto tanto em Romanos 9–11, quanto em Efésios 1, o que consideraremos agora em alguns detalhes.

A GRANDEZA DE SEU PODER (Rm 9–11)

Como é que se explica que as pessoas mais familiarizadas com a Escritura, que melhor conheciam as promessas a respeito da vinda do Messias, não o compreenderam quando ele veio? Este é um problema sério que Paulo trabalha para explicar em Romanos 9–11. É um problema a ser encontrado no próprio Deus ou no evangelho de Deus? Não. “E não pensemos que a palavra de Deus haja falhado”, ele diz. Então, qual é a resposta? ele continua. “...porque nem todos os de Israel são, de fato, israelitas;” (Rm 9.6). A incredulidade dos judeus deve ser explicada

pela doutrina da eleição. A escolha soberana de Deus é a razão última para o fato de alguns crerem e outros não. Mas não pense que esta é uma explicação original. Sempre foi deste modo, desde o começo da história da redenção (da Bíblia), ele lhes diz. Volte a Abraão. Não foi ele eleito dentre as nações? Por que ele e seus descendentes deveriam ser separados como povo “escolhido”? Porque Deus determinou que deveria ser assim. Deus o elegeu soberanamente.

Dentre os descendentes de Abraão, todos foram salvos? Não. Ismael foi excluído. “... nem por serem descendentes de Abraão são todos seus filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência.” (Rm 9.7). Isaque foi eleito e Ismael não. Então, passe para a próxima geração. Isaque e Rebeca tiveram gêmeos, Jacó e Esaú. O que se diz deles?

E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama), já fora dito a ela. O mais velho será servo do mais moço. Como está escrito. Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú (Rm 9.11–13).

Esta é uma ilustração particularmente convincente da questão pois, por critérios humanos, os dois eram tão indistinguíveis quanto dois seres humanos podem ser – compartilhando a mesma mãe e ventre ao mesmo tempo. Todavia, antes deles nascerem, foi feita uma escolha por Deus. Assim, Abraão foi eleito e ninguém mais, Isaque foi eleito e Ismael não, e Jacó foi eleito e Esaú não.

Paulo continua a mostrar que mesmo em seus dias existia um remanescente crente no meio de Israel através da eleição. “Assim, pois, também agora, no tempo de hoje, sobrevive um remanescente segundo a eleição da graça” (Rm 11.5). Israel não foi rejeitado, mas ainda é eleito através do remanescente. Através do remanescente eleito, “todo Israel” será salvo (Rm 11.26).

Isso é justo? É interessante que você pergunte. Paulo antecipa sua questão. Lemos: “Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum!” (Rm 9.14). Mas note qual é sua resposta:

Pois ele diz a Moisés. Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão. Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia (Rm 9.15, 16).

Paulo não explica como isso é justo. Ele simplesmente declara o direito de Deus de fazer como lhe agrada. Deus não responde a ninguém. Se ele deseja mostrar misericórdia, ele o faz. Mas ele não é obrigado a fazê-lo. Paulo então, aponta para o exemplo de Faraó, cujo coração Deus endureceu e conclui. “Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz” (Rm 9.18).

Mas isso não é justo, você diz. Como ele pode responsabilizar Faraó quando ele endureceu seu coração? De novo, Paulo antecipa sua acusação. “Tu, porém, me dirás. De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade?” (Rm 9.19)

Qual é a resposta a esta questão? Não existe. Não existe nenhuma negação de que sua vontade não possa

ser resistida. Existe somente uma lembrança de que se está se aproximando da impertinência. Você começou a desafiar os caminhos de Deus e não sabe sobre o que está falando.

Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez. Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra? Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição... (Rm 9.20–22)

Estas verdades não podem ser debatidas. Elas devem ser recebidas. Paulo não está pedindo para você entender, mas submeter-se. Suas questões devem passar muito longe, ele diz. Agora você deve sentar-se e estar quieto. “Quem és tu, ó homem?” ele pergunta. Você desafiaria Deus? A propósito, as próprias questões provam que nós entendemos Paulo corretamente. *Existe* a aparência de injustiça! Todavia a justiça *não* é explicada; a soberania é declarada.

Notavelmente, em Romanos 10 Paulo continua a esclarecer que o portão do céu não está fechado para ninguém. Como alguém pode ser salvo? “Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Rm 10.9). Outra vez, “Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam” (Rm 10.12). E ainda, “Porque: *Todo aquele* que invocar o nome do Senhor será salvo” (Rm 10.13).

Como você explica ele poder falar sobre eleição num momento e então dizer: “Todo aquele que crê” será salvo? Ocorre que, quem não crer, será condenado por seu pecado, e não por não haver sido eleito. Não há contradição entre a Soberania de Deus e a responsabilidade humana. A Bíblia ensina as duas verdades, então ensinamos ambas. Se você rejeitar uma por causa da outra, você comprometerá as duas. “Por que reconciliar amigos?” pergunta Spurgeon.

O que faremos com elas? Nós nos curvamos em adoração. É exatamente isso que Paulo faz. Por três capítulos ele persegue o assunto. Finalmente, no fim do capítulo 11, ele não pode mais conter-se, ergue suas mãos (por assim dizer) para o mistério e exclama:

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém! (Rm 11.33–36).

O amor soberano, eletivo de Deus leva Paulo a louvá-lo por sua sabedoria, seu conhecimento e sua incompreensibilidade. Este é um Deus maior do que Paulo. Ele não se ajusta dentro do tamanho de qualquer caixa de Paulo. Ele volta-se para Isaías para uma linguagem apropriada. “Quem conheceu a mente do Senhor?” Ninguém. Ninguém lhe deu conselhos. Aliás, ninguém lhe deu nada. Para Paulo, tudo isso é para o maior louvor de sua glória. Este

é o Deus de quem, através de quem e para quem são todas as coisas. *Todas as coisas* são *de* e *através* de nosso Deus e *para* a sua glória.

Isso é o que é tão vital. Nós todos devemos chegar a um ponto em nossa vida onde compreendemos que estamos lidando com Aquele que está fora do nosso controle. Sua vontade não está sujeita a nossa. Deus elege soberanamente. Ele não pode ser mudado. Não pode ser desafiado. Não pode ser manipulado. Ele não pode ser controlado. Isso é algo assustador. Eu estou completamente sujeito à misericórdia soberana deste Deus. Eu não posso discutir com ele. Não posso barganhar com ele. Eu não posso nem ao menos entendê-lo. Ele transcende a minha lógica. Ele excede todas as categorias da minha experiência e até mesmo da minha imaginação. Seus caminhos são “insondáveis”. Eu posso ser um dos grandes da terra. Posso ter grande poder e autoridade neste mundo. Quando eu dou ordens, as pessoas podem dar tudo de si tentando obedecer. Eu posso conseguir sempre o que quero. Posso sempre alcançar o meu desejo. Mas com Deus este arranjo chega a um fim. Ele está no controle absoluto, e eu estou impotentemente à sua mercê.

Você conhece este Deus? Eu não estou perguntando se você o conhece intelectual ou teoricamente. Estou perguntando se você olhou na face daquele que é vontade e poder absolutos e sentiu seus joelhos dobrarem-se? Nada o fará prostrar-se em adoração como a convicção de que Deus é soberano.

Eu digo que esta revelação é uma transformação de vida porque ela produzirá nova seriedade a respeito da vida. Sabendo que este é o Deus a quem eu devo servir, eu serei mais cuidadoso acerca da adoração dominical.

Serei também mais sério a respeito da vida em geral, sabendo que um dia eu estarei diante da face deste Deus. Talvez, antes eu tenha brincado com as coisas de Deus. Não brincarei mais. Agora eu me torno mais cuidadoso para viver em conformidade com seus mandamentos.

A GRANDEZA DE SUA GRAÇA (Ef 1–2)

Na carta aos Efésios, temos a mesma perspectiva. Sinclair Ferguson faz uma comparação útil. Enquanto que em Romanos 8 as doutrinas da salvação são “argolas de uma corrente” (predestinação, vocação, justificação, glorificação), em Efésios 1, elas são “raios de uma roda” cujo centro é Cristo.¹ Os capítulos 1.3–3.21 são uma ininterrupta oração de louvor, cujo tema central é o amor eletivo de Deus. “... assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, ...” diz Paulo, “... nos destinou para ele, para a adoção de filhos, ...”. A base desta escolha? “... segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, ...” (1.4–6). Este não é um ponto de discussão. Paulo não está escrevendo a fim de vencer uma discussão. Ele regozija-se no fato. Repetidamente ele fala da vontade de Deus, da intenção e do propósito, dizendo ainda: “... no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade,” e tudo “... para louvor da sua glória, ...” (1.11, 12).

O que a graça tem a ver com sua escolha? O apóstolo Paulo realmente não explica. Mas existe uma suposição

1. Sinclair B. Ferguson, *Know Your Christian Life*, IVP, p. 20.

crucial que se encontra no fundo de toda esta discussão, a qual precisa ser entendida para que faça sentido. Ele não a revela até o cap 2.1, “estando vós mortos nos vossos delitos e pecados” (Ef 2.1).

Por que Paulo está tão dominado pelas “... riquezas da sua graça, que Deus derramou abundantemente sobre nós ...” (1.7, 8)? Porque ele sabe que ela veio a alguém que estava espiritualmente “morto”. O amor que predestina é um amor que vem a um rebelde. Quando Deus escolhe ou elege uma pessoa, é uma decisão para amar alguém que está perdido na multidão de caídos, da humanidade rebelde. Dentro de uma raça humana morta em pecados, que ama a escuridão, que odeia a Deus (Rm 1.30, 31), Deus decide amar e salvar alguns. Ele não é obrigado a salvar ninguém, mas decide salvar alguns. Ele enviou seu filho para morrer por eles, enviou um pregador para explicar o evangelho, operou a fé em seus corações, justificou, adotou, selou e os glorificará um dia. Então Paulo regozija-se. Ele sabe o que merecia – o inferno. O que ele recebe? Céu. “Em amor ele nos predestinou” diz ele. Foi amor! “Ele nos predestinou ... segundo o beneplácito da sua vontade.” Ele foi bondoso. Sua graça é uma graça digna de louvor, uma graça gloriosa e uma graça “concedida gratuitamente” (Ef 1.6). Considere as “riquezas da sua graça” tal como foi “derramada sobre nós” (Ef 1.7, 8).

Como vimos, um verdadeiro entendimento da soberania de Deus e da depravação humana, nos leva a apreciar não somente a grandeza de Deus, mas a grandeza de sua graça. Somente quando verdadeiramente entendo a profundidade da minha própria depravação, da minha total incapacidade, e do amor soberano, iniciativo de

Deus, eu posso entender a imensidade da graça de Deus. Nenhum outro sistema de teologia humilha tanto o homem. Nenhum outro diz que o homem é tão imundo e incapaz. Nenhum outro, como consequência, diz que Deus fez tanto para nos salvar. Os dois lados vão de mãos dadas. Quanto maior a necessidade do homem, maior deve ser a graça de Deus. Quando um filho de Deus entende isso, ele é humilhado. Ele curva-se. Aquele que muito é perdoado, muito ama (Lc 7.47). O crente sabe o quanto ele foi perdoado. Ele pergunta juntamente com Isaac Watts: "Meu Deus e meu salvador sangrou e meu soberano morreu? Ele devotaria aquela cabeça sagrada por *um miserável como eu?*" Escute a adoração cristã:

Foi pelos pecados que eu cometi
Que ele sofreu sobre aquele madeiro?
Maravilhosa compaixão! Graça desconhecida!
E amor além de qualquer medida!

E ele responde,

Mas gotas de pesar nunca podem reparar
a dívida de amor que eu tenho;
aqui, Senhor, eu me dou;
é tudo que eu posso fazer.

Para onde uma verdadeira compreensão das doutrinas da graça nos leva? Para nossos joelhos em adoração. Talvez uma razão por que tão poucos são motivados a adorar a Deus com fervor, é que reduzimos Deus a uma versão levemente maior de nós mesmos. Ele pode ser compreendido por nossa lógica. Ele opera dentro dos limites de nossas regras e razões. Ele é tão parecido conosco,

que não vemos uma razão verdadeira para adorá-lo. É patético, mas verdadeiro. Qual é o antídoto? Um Deus que é soberano sobre as almas dos maus, pecadores indignos, incluindo a mim.

Este foi o discernimento que transformou a minha vida. Inaugurou uma revolução Copérnica em minha perspectiva – eu compreendi que fui deposto do centro do meu universo, e que Deus foi entronizado ali. É uma revolução que continua.

Que diferença prática fazem as doutrinas da graça? Esta primeira é vital para todo o resto. Elas transformarão você num adorador. Quando você vier a compreender que o Deus que está ali não está sujeito a seus desejos, que ele é soberano sobre sua eternidade, e quando você compreender a grandeza de sua misericórdia e graça, você começará a ansiar por uma adoração genuína, que prostra você e exalta a Deus.

Além disso, você começará a experimentar um divino descontentamento com a adoração que não é adoração. O entretenimento que se apresenta como adoração se tornará repugnante para você. Os encontros de reavivamento que se apresentam como adoração, deixarão sua alma insatisfeita. Cultos com cânticos, pregação e comunhão superficiais que finalmente não conseguem convencer a adorar, deixarão a alma desejando pela adoração que adora. Sua alma almejará e exigirá a adoração que está centralizada em Deus, que está cheia de alto louvor e humilde confissão, e caracterizada por um espírito de reverência e temor pela Trindade onipotente. Quando você compreender a grandeza do Deus soberano, sua adoração será transformada, porque *você* será transformado, para daqui em diante ter a perspectiva de alguém que vive de joelhos.

2 Humildade

Por favor, leia 1 Coríntios 1.18–31

Temos considerado a “diferença prática” que fazem as doutrinas bíblicas às vezes chamadas de “reformadas”, às vezes “doutrinas da graça”. Essas doutrinas têm feito diferença em termos de piedade prática? Nossa resposta tem sido um ressonante sim.

Agora, consideraremos a humildade.

Normalmente, os livros de História falarão do orgulho e arrogância gerados pela crença dos fundadores na América. É dito que, para eles, a prosperidade era um sinal de eleição. Os ricos e bem sucedidos consideravam seu ganho material como prova de que eles eram abençoados por Deus e, conseqüentemente, estavam entre os “eleitos”. Eles olhavam com desprezo para aqueles que tinham menos. A nação como um todo falava de seu “evidente destino” de governar o continente americano. Afinal, eles eram o “povo escolhido de Deus”, e os Índios, os Mexicanos, ou qualquer outro que ficasse no caminho, não eram. Assim, tais doutrinas, seguindo tal

argumento, inevitavelmente produzem orgulho, arrogância, e até mesmo condescendência criminoso.

Eu duvido que esta interpretação dos efeitos das doutrinas da graça suporte um exame minucioso. À medida em que as descreve, ela apresenta uma secularização e corrupção dessas doutrinas. Historiadores honestos reconhecem isso. Eu iria mais longe para dizer que isso representa a antítese dos reais efeitos das doutrinas da graça. Se existe um efeito incontestável da fé cristã sobre o caráter, é produzir humildade. O mundo clássico não considera a humildade como uma virtude. Ela é vista como uma fraqueza. A religião bíblica a considera uma virtude fundamental, exibida por Moisés, e supremamente vista em Cristo (Nm 12.3; Mt 11.29).

Eu vou além. Um cristão orgulhoso, condescendente, especialmente se diz crer na soberania de Deus, é uma contradição em termos. Se alguém que tem compreendido as doutrinas da graça é orgulhoso, ele não as compreendeu de fato. Ele pode ter aceito uma filosofia que assemelha-se à doutrina. Ele pode ter sido convertido a um modo de vida, ou uma “cosmovisão” semelhante, mas precisa retornar às Escrituras. Um crente de verdade é alguém que nasceu de novo pelo Espírito de Deus, que viu sua corrupção e imundície pessoal, que buscou refúgio em Cristo, e que sabe melhor que qualquer outro que ele é salvo somente pela graça de Deus. Ele não tem nada do que se gabar. Nada de que se orgulhar.

“Mas eu conheço alguém que é exatamente como você descreveu”, alguém objeta, “e ele é crente e orgulhoso”. Evidentemente, coisas como esta acontecem algumas vezes, e eu algumas vezes penso que sei como. Quando alguém chega a entender as doutrinas da total

depravação do homem e da soberania absoluta de Deus, isso pode ser (como o foi para mim) como uma segunda conversão. Um novo entendimento muda a vida de uma pessoa. Estas doutrinas tornam-se muito preciosas para esta pessoa, e ela torna-se zelosa em promover sua propagação. Os que ganham essa compreensão frequentemente relembram com desprezo seus conceitos anteriores, e quando eles ouvem que outros continuam a expressá-los, olham com desdém para eles, e são rápidos em refutar cada uma de suas palavras. Em seu zelo, eles rapidamente esquecem quão recente é sua própria “conversão”, e quanto tempo eles viveram no erro. Eles podem parecer arrogantes e insensíveis. Aos olhos dos outros eles se parecem com o “sabe-tudo”, e são pessoas desagradáveis. Embora possamos entender este problema, ainda devemos dizer que esta arrogância somente pode ser uma aberração temporária, provocada por um “entusiasmo de convertido”. Ele deveria rapidamente retornar ao estado de mente normal, que é profunda humildade. Eis a razão: a doutrina da eleição.

SUA COMUNIDADE (1Co 1.26–29)

Examine cuidadosamente 1Coríntios 1.26–29. Paulo repete quatro vezes as palavras “vocação” ou “escolhidos”.

Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar as sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e

Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus (1Co. 1.26–29).

Qual é o objetivo de Paulo? ele está lidando com o orgulhoso povo grego. Eles eram orgulhosos de sua herança. Eram orgulhosos de seu legado de filosofia e sabedoria secular. Aparentemente, havia na congregação elementos de várias classes aristocráticas que sentiam orgulho de sua linhagem. Então Paulo os lembra da verdade acerca deles mesmos.

Primeiro, a *mensagem* que converteu vocês é considerada pelo mundo como uma *mensagem louca*. “Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus” (1Co 1.18). Os grandes intelectuais não são tocados por esta mensagem. Eles zombam dela. Os estudiosos das grandes universidades da antigüidade, bem como os da modernidade, rejeitam completamente o evangelho. Então Paulo lhes pergunta. “Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?” (1Co 1.20). O “homem sábio”, o “escriba”, o “inquiridor”, estão todos do outro lado. Seria bom se tivéssemos todos os intelectuais concordando conosco, mas não temos. Henry F. Schaeffer, candidato ao Prêmio Nobel de Teoria Química, me disse que quando ele estava em Berkley, não havia nem meia dúzia de cristãos em uma faculdade de vários milhares. Isso é mais típico do que não. Onde estão as mentes dominantes dos nossos dias? Elas estão professando ser cristãs? Se elas professam, elas o vivem?

Quantos são zelosos por Cristo? Paulo diz “o mundo *não o conheceu* por sua própria sabedoria” (1Co 1.21). “Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios” (1Co 1.22–23). Não, nossa mensagem ou é uma ofensa ou é uma loucura. Os grandes homens e a grande maioria a rejeitam completamente.

Segundo, vocês têm um *pregador humilde*. Escute o testemunho de Paulo sobre si mesmo.

E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus (1Co 2.3–5).

Não havia nada impressionável em Paulo. Ele não era um orador público hábil. Ele estava falando para um povo que estimava as artes da oratória. Esta era sua herança. Mas aqui ele veio em “fraqueza”, em “temor”, e em “muito tremor”. Ele não prega com “palavras persuasivas ou sabedoria”. Aparentemente, este não era muito seu estilo. Tampouco ele cita os famosos filósofos ou sustenta sua posição com citações de pensadores contemporâneos. Por que? Porque ele não quer que seus convertidos coloquem sua fé na “sabedoria humana”, mas antes “no poder de Deus” (2.5).

Normalmente este tem sido o caso. Jonatham Edward foi rejeitado pelos intelectuais em Boston. Os Wesleys e Whitefield foram rejeitados pelas autoridades eruditas na Igreja da Inglaterra. Moody foi rejeitado inicialmente

por todos. Seu estilo, seu biblicismo, sua falta de fineza intelectual, tudo levava a rejeição pelo mundo. Os seus pregadores são fracos e humildes.

Terceiro, seus *membros* são humildes. Leia de novo os versos 26–29. “Irmãos, reparaí”, Paulo diz, “e aprendam a verdade acerca de vocês mesmos”. Do ponto de vista humano, muitos de seus irmãos não são “sábios”, “poderosos”, ou “nobres”. Talvez existam alguns, mas não muitos. O que a imensa maioria é? Eles são “loucos”, “fracos”, “humildes”, e “desprezados”. Eles são “aqueles que não são”. Eles são os ninguéns e os rejeitados da sociedade. Eles não são a elite. Eles não são pessoas de nobre nascimento. Eles não vêm de famílias ricas. Por que? Porque não é intenção de Deus que eles devam ser assim. Ele escolhe, escolhe, escolhe, Paulo repete três vezes, o fraco e humilde, de modo que ele possa “humilhar” os grandes e “anular” sua grandeza. Através do fraco ele humilha o forte.

Às vezes pensamos: não seria ótimo se de algum modo eles se unissem à nossa Igreja! Pense no prestígio que ele nos traria. Pense na vantagem que ele seria para a Igreja. Ele é um sangue azul! Ele é um profissional! Ela é um sucesso! Com honestidade, deveria ser dito que, ocasionalmente, Deus converte um dos grandes – a Igreja possui seus homens e mulheres de habilidade excepcional. O maior homem da Antigüidade, sem um igual ou rival, foi Agostinho. O maior homem da Idade Média foi Tomás de Aquino. Calvino, Lutero, Edwards e Warfield foram todos homens de perfeita habilidade. Mas, de modo geral, isso é exceção. Muitos crentes são normais, humildes, pessoas comuns. Geralmente Deus não escolhe os “ricos e famosos”. Ele escolhe os humildes. Não

soa como se Deus fosse preconceituoso contra os grandes? Não, lembre-se que nós temos dito que a Bíblia não compromete a soberania à custa da responsabilidade humana ou vice-versa. Há uma convergência de propósitos entre elas. Realmente, Deus não os escolhe, mas há também, tipicamente, uma excepcional dureza de coração entre os “Grandes”. Eles não precisam de Deus. Eles estão bem, obrigado. Estão muito satisfeitos consigo mesmos, e não vêem nenhuma razão por que Deus não deveria estar assim também. E eles não querem ninguém, nem Deus, dizendo-lhes o que fazer. Ninguém lhes diz o que fazer. Ninguém está acima deles em autoridade. O orgulho está no coração do problema. O orgulho domina o caminho. O orgulho não admite ajuda. O orgulho não se submete a um outro. Quantos dos altos executivos das corporações são cristãos? Quantas das famosas estrelas de Hollywood são cristãs? Quantos da classe mais alta da sociedade são cristãos? A grande maioria na Igreja sempre têm sido de pessoas simples, humildes o suficiente para crer em Deus e se submeterem a ele. Quando você olha para as pessoas ao seu redor na Igreja, você não deve ser orgulhoso do ponto de vista do mundo.

Então, olhe para a sua comunidade. O evangelho *simples* no qual você crê, é considerado como loucura. Seus *líderes* não são estimados pelo mundo. Seus *irmãos* são humildes aos padrões do mundo. Por que? Porque este sempre tem sido o caminho de Deus. O Salvador, afinal, não nasceu em um palácio, mas em um estábulo. Os discípulos não eram intelectuais, mas pescadores. Não há nada na comunidade cristã, como Deus a tem soberanamente constituído, que possa servir como fonte de orgulho.

SUA PRÓPRIA CONVERSÃO (1Co 1.29–31)

Bem, talvez você pensa que pode tornar-se orgulhoso de sua própria conversão. Afinal, eu passei por um longo processo intelectual. Eu considere todos os fatos e tomei uma decisão. Eu decidi que seria um cristão.

Realmente, não foi isso que aconteceu. Paulo declara. “Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1Co 1.30). Então ele cita Jeremias: “para que, como está escrito. ‘Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor’” (1Co 1.31; Jr 9.23,24). Tudo bem, você tomou uma decisão. Mas você somente a tomou porque Deus tomou uma decisão primeiro. Sua decisão é como o criminoso que, quando conduzido de olhos vendados à margem de um penhasco, decidiu cooperar com as autoridades. Assim que ele viu a situação em que estava, não havia outra decisão a ser tomada. “Mas vós sois dele, em Cristo Jesus”, diz Paulo.

Ah, mas eu tinha a sabedoria, você afirma. Não, ele “se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria”. Qualquer sabedoria que você possua, Deus lhe deu.

Ah, mas eu tinha a fé, você argumenta. Eu confiei, eu cri. Não, a fé “não vem de vós” mas é “dom de Deus” (Ef 2.8). Deus deu a você sua fé.

Bem, eu fiz uma escolha, você diz. Eu escolhi Cristo. Por minha livre vontade eu decidi. Não, disse Jesus. “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda” (Jo 15.16). Sua escolha foi determinada pela escolha dele.

Mas existia amor por Deus em meu coração. Eu sempre o amei. Foi por isso que eu me tornei um cristão. Não, “nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19). Nosso amor é uma resposta ao seu amor. Não há *nada* de que você possa se gabar em sua conversão.

Ah, mas e a respeito de meu crescimento como um cristão? Eu realmente tenho crescido. Tenho aprendido muito. Eu tenho lido boa literatura e todos os livros sobre casamento. E eu sei como testemunhar. Ou talvez sua vida cristã tenha um foco diferente. Você cresceu para ter uma responsabilidade com o necessitado. Você dá aos pobres. Você traz à sua casa pessoas solitárias e perdidas. Você está convencido de que o Cristianismo está mais no fazer que no teologizar. Hospitalidade e caridade são marcas de seu discipulado cristão. Você pode estar orgulhoso de seus registros? Você pode olhar desdenhosamente para aqueles que clamam por Cristo, mas não fazem nenhuma dessas coisas? Não, eu receio que você não possa ter crédito por qualquer uma delas. “Cristo”, Paulo diz, tornou-se para nós “justiça, e *santificação*”. Qualquer medida de progresso espiritual que você tenha tido, é trabalho de Deus. O auge da maturidade espiritual que você atingiu é um presente de Deus. É obra dele.

Eu creio que todo cristão sabe disso, de joelhos perante Deus, senão em outra ocasião. Paulo diz: “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1Co 15.10). O filho de Deus sabe disto, especialmente se ele entende a profundidade da depravação humana como explicada pela fé reformada. Ele sabe que esteve morto em pecado. Ele sabe que era surdo,

cego e desinteressado. Ele sabe que era um “amante das trevas” (Jo 3.19, 20). “Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1Co 2.14). Ele sabe que foi um milagre de Deus ser salvo de sua incredulidade. Foi também um milagre de Deus ser salvo de sua ignorância e egoísmo. Ele sabe que “a salvação é do Senhor”, e não dele (Jn 2.9). Se ele está realmente convencido da verdade das doutrinas da graça, não pode haver nenhum orgulho nele.

TUDO MAIS (1Co 4.7)

Existem outras fontes potenciais de orgulho. Alguém poderia tornar-se orgulhoso de sua própria beleza física. Ou poderia tornar-se orgulhoso de sua própria posição no mundo. Ou de suas habilidades. Alguém poderia pensar de si mesmo como um “homem que se fez por conta própria”. Paulo está reduzindo gradualmente o orgulho deles nos capítulos 2 e 3, o orgulho da sabedoria secular, das festas, e finalmente faz a pergunta esmagadora, “pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se não o tiveras recebido?” (1Co 4.7)

Aqui está, Senhor Superioridade. Vamos avaliar sua arrogância. Vamos dar uma olhada em seu orgulho e arrogância. “Quem exatamente é que te considera como superior?” É o povo de Deus? É o próprio Deus? A opinião de alguém vale quando você concorda inteiramente com ela? É claro que não. No grande dia do Julgamento, apenas a opinião de Deus importará. E *e/le* não considera você como superior. Então quem o faz? O mundo? Sobre

a base de valores do mundo você é alguém? Que neblina! Que coisa passageira, ninharia desvanecedora! Você está vivendo pela opinião do mundo pecaminoso e desvanecente?

Agora vamos olhar mais de perto para suas habilidades. Então você tem feito grandes coisas. Quem te fez? Quem deu para você os talentos naturais que você tem? Quem te deu habilidades e inteligência? Agora olhe para suas oportunidades. Cremos que Deus tem determinado cada momento de cada dia de nossa vida. Cada porta aberta, cada experiência, cada oportunidade nos têm sido dada por ele. Apenas para esclarecimento, vamos considerar o que você poderia ter atingido se nascesse no meio de um país obscuro. O fato é, não importa quão prestigiosa sua família seja, não importa o quão talentoso você seja, não importa o quão trabalhador você seja, você estaria vivendo em circunstâncias primitivas. “E que tens tu que não tenhas recebido?” Então, como você pode se gabar? Tudo o que você tem e é moral, social, vocacional, e religiosamente, é um presente dele.

Eu fico maravilhado quando encontro não-cristãos usando a frase: “se não fosse pela graça de Deus...” Você conhece a origem desta expressão? Ela remonta ao reformador inglês John Bradford. Ele estava andando pela rua e passou por um bêbado deitado na sarjeta. Enquanto outros mostraram desprezo pelo bêbado, Bradford disse: “ali estaria John Bradford, se não fosse pela graça de Deus.” Ele entendeu as implicações das doutrinas da graça. Deus nos tem feito o que somos. Não podemos nos gloriar em nada. “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; toda-

via, não eu, mas a graça de Deus comigo" (1Co 15.10). Como então eu posso julgar os outros tão severamente? Se não fosse pela graça de Deus, eu cometeria os mesmos pecados. Se não fosse pela graça de Deus, eu copiaria as suas falhas.

Esta é sua perspectiva? As pessoas mais humildes do mundo devem ser aquelas que crêem nas doutrinas da graça. Elas, melhor do que ninguém, sabem que somente pela graça de Deus nós alcançamos alguma coisa neste mundo, e escapamos do inferno.

3 Adversidade

Por favor, leia Romanos 8.26–39; Gênesis 50.15–21

Em 1858, um jovem missionário presbiteriano talentoso chamado John G. Paton, navegou com sua esposa e seu pequeno filho para as ilhas New Hebrides no Pacífico Sul para começar um trabalho missionário entre os ilhéus. Após alguns meses de sua chegada, sua esposa e seu filho morreram, deixando-o sozinho no trabalho.

Em agosto de 1876, um jovem teólogo talentoso chamado Benjamin Breckinridge Warfield e sua esposa, estavam em lua-de-mel na Alemanha. Durante a visita aos pontos turísticos da região da Floresta Negra, eles foram pegos de surpresa por uma terrível tempestade, e algo aconteceu com sua esposa que nunca foi completamente explicado, submetendo-a a uma invalidez para o resto da vida.

Na década de 1950, a congregação da Igreja Presbiteriana Independente de Savana chamou um jovem pregador para tomar as rédeas de uma igreja muito dividida. Ele veio com sua esposa e seus cinco filhos, o mais

novo tinha apenas três anos. Depois de um ano e meio, desenvolveu um tumor no seu cérebro, e após dois anos do início de seu trabalho em Savana, o Rev. Van Puffelen estava morto.

Como você explica estas coisas? Talvez um tanto frustrante. Como você explica as respostas destes indivíduos? John G. Paton permaneceu no campo e teve uma grande colheita, e mais tarde disse:

Eu construí um túmulo cercado com blocos de coral, e cobri o topo com lindos corais brancos, pequenos cascalhos quebrados; e aquele lugar se tornou para mim, meu mais sagrado e freqüentado santuário durante todos os meses e anos que se seguiram, enquanto eu trabalhava na salvação daqueles ilhéus selvagens, em meio a dificuldades, perigos e mortes. Quando esta ilha se voltar para o Senhor, e for ganha para Cristo, nos dias seguintes os homens encontrarão a memória daquele lugar ainda vívida – onde, com incessantes orações e lágrimas, eu reivindiquei aquela terra para Deus, na qual eu “enterrei minha morta” com fé e esperança.¹

Warfield cuidou de sua esposa durante os quarenta anos em que permaneceram juntos, humilde e submisso, sem lamúrias, sem pena de si mesmo, sem justificar a necessidade de auto-satisfação, cumprindo seus votos matrimoniais, cumprindo seu dever para com sua esposa.

A “Sra. Van”, como era conhecida em Savana, gentil e dócil por fora, forte como cravos por dentro, começou a

1. Iain Murray, *The Puritan Hope*, Banner of Truth, pp. 179, 180.

lecionar no Externato Presbiteriano Independente e educou seus cinco filhos com um tremendo sacrifício próprio, e sem lamúrias.

Qual é a explicação em cada uma destas situações? A explicação é que cada um deles cria na soberania de Deus. Todos entenderam a justiça de Deus, sua misericórdia, seu governo absoluto, e cada um recebeu suas circunstâncias como de sua mão para seu bem e se submeteram a elas.

Ainda, como você explica a adversidade? Como você lida com o sofrimento que está no mundo? Admita que leva tempo para que nossas emoções alcancem nossas mentes, que não há respostas “fáceis”, e que quando nós perguntamos “por que”, não devemos fazer de forma tão simplista ou como uma questão de fatalidade; porém temos uma explicação para o sofrimento, a única explicação para o sofrimento que opera e abre caminho para o conforto num mundo de dor.

O PROBLEMA DO PRAZER

Do nosso ponto de vista, muito da discussão sobre o “problema da dor” e sofrimento tem começado do jeito errado. Como vimos em nossa consideração sobre predestinação, há uma tendência por começar com a suposição da inocência humana. A adversidade então, é vista como uma intromissão imparcial ou injusta na vida de quem não a merece. Isso está implícito em quase todas as discussões sobre o assunto. Portanto, nós frequentemente questionamos: “Por que Deus tem permitido que isso aconteça a uma família tão pura (e não merecedora)?”

O lugar bíblico para se começar qualquer consideração sobre o sofrimento, não é a inocência, mas a culpa. No começo da Bíblia está um relato do que é chamado a “Queda do Homem”. Ele está lá para lembrar-nos que vivemos em um mundo “caído”, um mundo em desordem e sob a maldição de Deus. A resposta de Deus ao pecado de Adão e os pecados de sua descendência é uma condenação. Deus prometeu a morte “no dia em que dela comeres”. Entretanto, num sentido final, a morte foi adiada. Enquanto isso, a vida consiste em múltiplos mini-julgamentos que nos visitam por causa do pecado de Adão e de nossos próprios pecados, como pré-estréias do julgamento final. Estes mini-julgamentos, porque são desprovidos da morte eterna do inferno, são, em efeito, graciosos estágios de execução.

O que estamos dizendo é que cada momento que um de nós vive do lado de cá do inferno é um problema. Como é que um Deus justo e verdadeiro pode tolerar o mal e deixá-lo continuar existindo? Como ele pode atrasar seu aviso de que “a alma que pecar, essa morrerá” (Ez 18.4)? O problema não é a dor, mas o prazer. Uma justiça severa lançará cada um de nós no inferno. Qualquer coisa menor do que isso – enfermidade, injúria, miséria, fome, ou sofrimento profundo – é misericórdia.

Considere a resposta de Jesus à questão de seus discípulos sobre os infelizes galileus que haviam sido massacrados por Pilatos (Lc 13). Eles queriam saber se “estes galileus eram mais pecadores que os outros porque sofreram este destino”. Esta questão é antiga. Aqueles que sofrem, sofrem porque são mais pecadores que as outras pessoas? Podemos dizer que o sofrimento é diretamente proporcional ao pecado? A resposta popular é

dizer “não”, e ela está correta. Podemos corretamente citar Jó como um exemplo de um homem que não sofreu por seu pecado pessoal. Jesus, de fato, diz: “*Não* eram, eu vo-lo afirmo...” Jesus concorda com a resposta popular ao dizer que estas pessoas não eram necessariamente mais merecedoras de sofrimento que outras. Elas não morreram porque eram mais pecadoras que o resto. Nós esperávamos que ele continuasse a falar sobre como o sofrimento é imerecido. Muitas vezes, nós diríamos, os inocentes sofrem neste mundo. Frequentemente, nós dizemos, é o bom que é injuriado e ofendido. Mas, surpresa, isso *não* é o que ele diz afinal. Em vez de dizer que alguns são sofrendores inocentes, ele diz que *todos* merecem sofrer deste modo. Ele avisa que “se não vos arrependerdes, *todos igualmente perecereis*”. Em outras palavras, não é que eles sejam piores do que os outros, mas é o que cada pecador merece, e terá, a menos que se arrependa. Jesus não se concentra na tragédia que caiu sobre alguns, mas na graça pela qual a maioria é poupada.

Da mesma maneira, Jesus continuou a falar nos deztoito sobre quem a “torre de Siloé caiu e matou”. Ele pergunta: “(eles) eram mais culpados que os outros habitantes de Jerusalém?” Podemos deduzir, a partir da quantidade de sofrimento que as pessoas suportam, quem é justo e quem é pecador? Não, ele diz. Mas, novamente, isso significa que eles poderiam não ser merecedores? Não. Eles têm o que todos merecem, mas alguns são poupados.

Não eram, eu vo-lo afirmo; mas, se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis (Lc 13.5).

Assim, o problema do sofrimento, como Jesus o interpreta, não é afinal um problema de dor. A dor pode ser explicada facilmente. Vivemos em um mundo caído e sob julgamento. Todos os piqueniques da vida têm suas formigas. Em nossa lua-de-mel, Emily e eu fomos um dia à praia. Quando chegamos, começou a chover. Não sendo a teóloga da família, ela perguntou: “por que Deus fez isso conosco?” Minha resposta sensível foi: “por que não choveu outro dia? Por que ele permitiu que viéssemos aqui afinal?” Ela não estava para brincadeira. É claro, há sofrimento. O extraordinário não é que exista dor, mas que exista prazer. Uma vez que se entenda a doutrina da queda e da depravação do homem, o problema filosófico não está no explicar o porquê Deus permite o sofrimento, mas no porquê ele mostra graça e misericórdia. Qualquer dor e sofrimento menor que as chamas do fogo eterno no inferno, é um adiamento misericordioso de Deus. Eu posso entender porque sofremos. Eu não posso entender porque não sofremos mais.

SOBERANIA E DOR

Em capítulos anteriores, vimos que a soberania de Deus se estende sobre cada molécula existente. Ele decretou e planejou “tudo quanto acontece”. Então, não pense, por um só momento que sua dor está excluída. Quando eu estava no seminário, um jovem cristão muito promissor, um estudante talentoso da Cal Tech,² com uma mente brilhante, estava se preparando para uma missão de campo com os Tradutores Wycliffe da Bíblia. Ele caiu,

2. NT – Cal Tech refere-se a California Technology School.

em uma viagem a pé e morreu tragicamente. Um teólogo evangélico mundialmente famoso disse em seu funeral. “Esta não era a vontade de Deus”. Em um funeral em Savana, poucos anos atrás, uma declaração similar foi feita no velório de uma jovem mãe que morreu repentinamente: “Deus não queria que isso acontecesse.” Esta posição também é tomada num livro muito popular, *Why Bad Things Happen to Good People* (Porque Coisas Ruins Acontecem a Pessoas Boas). O autor perdeu sua filha adolescente para a leucemia. Ele lutou tentando explicar como Deus poderia ter permitido que isso acontecesse. Note seu modo de pensar. Existem pessoas “boas” (leia “inocentes”) que não merecem que coisas “más” aconteçam a elas. A resposta que ele deu foi que Deus é bom, mas não há nada que ele possa fazer acerca do sofrimento. Ele não pode interferir. Suas mãos estão atadas. Ele não é culpado. Ele não pode ser acusado. Podemos estar certos de que ele ainda nos ama, pois não foi ele quem fez estas coisas horríveis acontecerem conosco.

O que podemos dizer sobre isso? Em nosso conceito, esta explicação não oferece qualquer consolação e, de fato, é horripilante. Por quê? Considere o seguinte.

Primeiro, se existe um Deus, *o que acontece deve ser sua vontade*. Se acontece alguma coisa que não é de sua vontade, ele não é Deus, e nós temos um problema. Se existem moléculas perambulando por aí, fazendo o que não foi ordenado por Deus, então ele tem um concorrente igual a ele, portanto não é Deus como a Bíblia o descreve. Para Deus ser Deus, ele deve ser soberano. Para ele ser soberano *em tudo*, ele deve ser o soberano *sobre tudo*.

Deixe-me ver se consigo esclarecer o que eu quero dizer. Todos os que crêem em Deus, crêem que ele pode

prever todas as coisas. Uma vez que você deixe de crer na presciência, você realmente deixa de crer em Deus. O que ele prevê, certamente acontecerá. Então quando Deus prevê algo e decide permitir que aconteça, ele o faz porque isso convém a seus propósitos. Isso serve a seus planos. A alternativa é dizer que ele prevê coisas e as permite até mesmo que elas não combinem com seus propósitos, o que é claramente ilógico e absurdo. Isso não significa que ele “gosta” do que prevê, ele só permite que aconteça porque encontra algo positivo e alguma razão nisto. O bom Deus permite acontecer o que acontece porque convém a seus propósitos; e seus propósitos são bons.

Às vezes as pessoas tentam evitar as implicações disto apelando para a previsão, dizendo que Deus meramente “prevê” todas as coisas, ele não as fará realmente. Mas conforme pudemos ver, esta distinção não se sustenta. O que um Deus onipotente prevê e permite, ele quer e ordena.

Segundo, *ou os eventos têm um significado dado por Deus, ou não têm sentido algum*. Na tentativa de manter Deus “fora da armadilha”, as pessoas acabam deixando suas tragédias sem sentido, transformando-as em algo realmente trágico. Você deve reconhecer que não pode haver dois caminhos. Ou Deus está nele, ou ele não está. Se ele não está, então é o diabo, o mal, a “sorte”, o destino, ou o acaso.

Quando eu era pastor dos jovens em Miami, nós presenciávamos duas mortes trágicas de pais de adolescentes. Um foi o pai de minha esposa Emily, que sofreu um ataque do coração quando ela tinha apenas dezesseis anos. O outro foi do pai de uma garota de dezesseis anos também,

mas as circunstâncias foram diferentes. Enquanto que o pai de Emily morreu de repente, este homem, o Dr. John Richardson, filho do Reverendo J. R. Richardson, morreu lentamente durante um período de quase dois anos. Os dias finais foram diferentes de qualquer coisa que eu já havia visto ou que viria. Ele morreu em casa, rodeado por sua família. Seus últimos momentos foram passados com sua filha mais nova aconchegada a ele de um lado, a outra filha nos seus pés, sua esposa ao seu outro lado, seus filhos sentados junto à sua cama. Esta foi a morte mais triste e mais doce que eu já presenciei. Algumas semanas depois, a filha mais nova veio a mim e perguntou: “Por que Deus permitiu isso?” Minha resposta foi gentilmente dizer: “Ah, ele permitiu, mas teve *boas* razões,” e continuei, “e nós nos agarramos a isso porque a única alternativa é dizer que Deus não o permitiu, e não há razão e é apenas uma tragédia sem propósito.” O que você deve fazer agora? Confiar nele! Diga que ele não é o responsável e você perde a oportunidade de confiar nele.

“Deus é grande e Deus é bom.” Esta foi a primeira oração que eu aprendi. Ela também expressa o problema do sofrimento. Por que um Deus *grande* permite o mal quando ele poderia impedi-lo? Por que um Deus *bom* permite o mal quando o odeia? Negue qualquer lado da equação e você resolverá o problema do mal: Deus é bom, mas não é grande; ele gostaria de impedir o mal, mas ele é fraco. Deus é grande, mas não é bom; ele não quer impedir o mal porque ele se deleita nele.

Desde Agostinho, os cristãos têm dito que Deus permite o mal para um bem maior. O paradigma é encontrado na crucificação. Quando o homem realizou este grande mal, Deus produziu a partir dele o maior bem.

Porém, a crucificação foi realizada pelo “determinado desígnio e presciência de Deus” (At 2.23). Deus estava nela; ele a tinha ordenado. Da mesma maneira, ele está em nosso sofrimento. Por ele estar no sofrimento, este tem um propósito, tem um sentido.

CRISTO E A DOR

Finalmente, vamos às respostas encontradas em Romanos 8. A maravilha de nossa adoção e conseqüente glorificação, leva Paulo a falar do caminho para a glória que é o caminho do sofrimento. Ele diz que nós somos “co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados” (8.17). Novamente, ele une o sofrimento e a glória dizendo: “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (8.18). Ele fala de nossos “gemidos” e os contrasta com “nossa adoção de filhos, a redenção do nosso corpo” (8.23). Ele estimula à necessidade de “esperança” e “perseverança” (8.24,25). Ele promete a ajuda do Espírito quando oramos “com gemidos inexprimíveis” (v.26). Então vem a jóia da coroa das promessas bíblicas. “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8.28). Paulo regozija-se num Deus que está em todas as coisas, fazendo-as trabalhar para o bem daqueles que o amam. E precisamente no caso de que você pudesse parar e duvidar se você ama Deus o suficiente ou não, ele acrescenta: “daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. Machen disse sobre estes versos:

...que pequeno conforto existiria nessas palavras se o versículo parasse ali – se nos tivesse sido dito simplesmente que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, e então seríamos levados a acender aquele amor de Deus em nossos corações frios e mortos. Mas, graças a Deus, o versículo *não* termina ali. O versículo não diz apenas, “sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus”. Não, ele diz: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.” Aí está, meus amigos, o verdadeiro motivo de todo o nosso conforto – não em nosso amor, nem em nossa fé, ou em qualquer coisa que está em nós, mas neste misterioso e eterno conselho de Deus do qual vem toda a fé, todo o amor, tudo o que temos, somos e podemos ser neste mundo e no mundo que está por vir.³

Aqueles que amam a Deus são aqueles que foram chamados. Os chamados são aqueles que foram conhecidos de antemão (o que significa amados de antemão) e predestinados. A “corrente de ouro” está exposta no verso 30: “E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou” (Rm 8.30). Àqueles nos quais Deus colocou seu amor – àqueles que foram chamados eficazmente a Cristo pelo evangelho, que foram justificados e glorificados (o tempo passado indica que Paulo até mesmo vê isso como um fato concluído) – é prometido que tudo tem um bom propósito para eles. O próprio Deus o garante.

3. J. Gresham Machen, *The Christian View of Man*, Banner of Truth, p. 68.

Quando eu tinha três anos, meus pais distraidamente deixaram minha irmã e eu no carro da família depois que voltamos da Igreja num domingo. Nós brincávamos e eu soltei o freio de mão. O carro começou a rolar pela rampa da garagem. Nós nos apavoramos. Minha irmã pulou para fora do carro. Ela tinha cinco anos – podia fazer aquilo. Eu caí debaixo da roda dianteira, e nossa perua Plymouth ano 56 passou por cima das minhas costas, pescoço e cabeça.

Quando eu tinha quinze anos, eu estava praticando com o time de futebol do colégio, que incluía três futuras estrelas do futebol universitário, entre eles Vince Feragammo. Certa tarde, eu corri um “reinício”⁴ padrão, peguei a bola, contornei o campo, tentei evitar meu defensor, nesta tentativa de evitá-lo, subitamente senti uma dor aguda na minha coxa. Um barulho tão forte como o de um galho de árvore quebrando pode ser ouvido em todo o campo enquanto eu caía, minha perna torceu debaixo de mim, meu fêmur estava caprichosamente quebrado.

Por quê? Eu não sei. Eu não tenho que saber. Tudo o que eu sei é que Deus estava nesse acontecimento, e o estava trabalhando para o bem.

Alguns de vocês já sofreram coisas muito piores que isso. Alguns de vocês perderam filhos e netos em acidentes e doenças. Outros foram assolados pela morte de seus maridos e esposas. Amigos, parentes, outros amados têm sofrido com circunstâncias trágicas. Você tem gritado. “Ah não, isso não – tudo menos isso! Senhor, por quê? Por

4. NT – Do inglês “quick-out”, refere-se ao início ou reinício do jogo no futebol americano.

que o Senhor fez isso? Talvez você tenha cultivado amargura. Você tem estado ressentido com Deus desde então. Você está desiludido e confuso. Tenha isso por certo – em Cristo, embora o diabo, o mundo e os inimigos tenham planejado sua destruição, Deus estava trabalhando todas as coisas para o bem.

Considere a vida de José. Que adversidades ele sofreu! Pense em seu coração quebrado por causa da total rejeição por parte de seus irmãos, que estavam prontos para matá-lo de imediato. Pense na dor de ter sido vendido como escravo, sendo obrigado a deixar sua família, e não vê-la por décadas. Mesmo no Egito ele teve que lidar com a falsa acusação de tentativa de estupro, armada pela esposa de Potifar, o qual o lançou na cadeia. Ele tinha muitos motivos para a amargura. Pense em tudo o que Deus permitiu que acontecesse. Sua infância lhe foi tirada, foi tirado de sua terra natal e de sua família, bem como seu bom nome, por que ele não deveria amaldiçoar a Deus? Mas o que ele diz? Ele vê a mão soberana de Deus em tudo. Primeiro, ele diz a seus irmãos: “Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, e sim Deus, que me pôs por pai de Faraó, e senhor de toda a sua casa, e como governador em toda a terra do Egito” (Gn 45.8). E numa segunda ocasião ele diz: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida” (Gn 50.20). Leia de novo: “Deus o tornou em bem”, ele diz.

Algumas vezes, até mesmo muitas vezes, não sabemos que bem Deus estará trazendo da adversidade. Este não é o ponto crucial. O ponto crucial é saber que Deus é bom e que ele quer isso! Quando você perdeu seu amado,

ele o quis. Quando você foi afligido por doenças, ele o quis. Quando você foi atingido por reversões financeiras, ele o quis. Ele promete transformar isso em bem. Agora você precisa confiar nele.

Crer na soberania de Deus tem algum impacto prático sobre a vida? Eu espero que você tenha começado a entender que estas doutrinas são vitais. Somente quando entendemos que Deus ordenou nosso sofrimento, podemos começar a entender o sentido dele. Somente então, estaremos certos de que ele tem um propósito. Quando as tragédias vierem, quando as adversidades atacarem, não seremos abalados. Sim, nós choraremos. Sim, nós sofreremos. Mas continuaremos andando confiantes, sabendo que Deus está no seu trono, que estamos em suas mãos, que nossas circunstâncias são seus feitos, e que ele trabalha este mal para o nosso bem.

4 Perspectiva

Por favor, leia Jó 1.5–22; 2 Coríntios 12.1–10

Leia o seguinte relato acerca do sofrimento, encontrado no famoso sermão de Ben Haden, intitulado “Aflição”.

O falecido Dr. Donald Barnhouse contava que uma vez estava dirigindo uma semana de conferências em uma grande igreja. O pastor daquela igreja estava numa situação difícil. Sua esposa estava perto de ter seu primeiro filho. Isso era uma fonte de grande ansiedade para o pastor, mas uma fonte de muito humor para o Dr. Barnhouse, e ele brincou com isso a semana inteira.

Em sua última noite, quando ele dirigiu-se ao púlpito, o Dr. Barnhouse esperou muito pela chegada do pastor para que este o apresentasse. Mas o pastor não veio. Assim sorrindo, e de um modo sábio, o Dr. Barnhouse levantou-se, se apresentou, e dirigiu o culto aquela noite.

Próximo ao fim do culto, o Dr. Barnhouse notou que o pastor entrou de mansinho no santuário, e ca-

minhou silenciosamente até o púlpito. Quando o pastor tomou seu assento, o Dr. Barnhouse virou-se para ele e sorriu para ele de um modo sábio. Toda a congregação o acompanhou sorrindo. Então, Dr. Barnhouse continuou o culto e o terminou.

Quando estava neste ponto, o Dr. Barnhouse perguntou ao jovem pastor. “Está tudo bem?” Ninguém havia notado a expressão do pastor.

“Poderia vê-lo em meu gabinete?” o pastor perguntou ao Dr. Barnhouse.

“Certamente”, ele respondeu.

Eles foram para o gabinete do pastor. Então o pastor deixou escapar. “Dr. Barnhouse, meu filho é um *mongolóide*. Eu não disse para minha esposa, e não sei como vou fazer para contar-lhe.”

“Meu amigo, isso é *do Senhor*,” disse o Dr. Barnhouse. E recorreu para esta passagem, a mais negligenciada em todo o Antigo Testamento, o quarto capítulo de Êxodo, e leu em voz alta:

“Respondeu-lhe o Senhor. Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor?”(Ex 4.11)

“Deixe-me ver isso,” o pastor disse. E o estudou cuidadosamente. Enquanto o fazia, o Dr. Barnhouse disse: “Meu amigo, você conhece a promessa de Romanos 8 de que todas as coisas, *incluindo esta criança mongolóide*, cooperam para ao bem daqueles que amam o Senhor.”

O pastor fechou a Bíblia. Deixou seu gabinete e foi direto ao quarto de sua esposa no hospital. Quando entrou, ela foi logo dizendo: “Cap, eu quero ver meu bebê. Eu perguntei se podia vê-lo, mas eles não deixaram. Tem alguma coisa errada com meu bebê?”

Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor?

“Minha amada, o Senhor nos abençoou com uma criança mongolóide.”

A jovem esposa e mulher chorou longa e duramente. Então ela disse. “De onde você tirou essa idéia?”

“Da própria Palavra de Deus.”

“Deixe-me ver isso.” E então ela a leu...

Quando a esposa daquele pastor chamou sua mãe, ela disse: “Mãe, o Senhor nos abençoou com uma criança mongolóide. Nós não sabemos a natureza da benção, mas sabemos que é uma benção.”

Não houve lágrimas, nem histeria, nem colapso, nem cicatrizes...

No domingo seguinte, o pastor estava de volta ao seu púlpito. Na congregação, sem que fosse de seu conhecimento, estavam a telefonista e setenta enfermeiras daquele hospital.

No final daquele culto, como sempre fazia, o pastor permaneceu à frente e disse: “Se você ainda não encontrou Jesus Cristo, eu quero estender a você o convite para vir à frente e recebê-lo como seu Salvador e Senhor.”

O pastor simplesmente o fez porque este era seu costume, visto que uns poucos sempre vinham. Naquele dia, trinta enfermeiras do hospital foram à frente!

Você pode imaginar uma criança mongolóide sendo patentemente responsável por dar a vida eterna a trinta enfermeiras? Você diz: “Como é horrível!” Não, meu amigo, não é horrível.

Esta história parece impossível para você? Bem, é possível. De fato, conhecemos pessoalmente um jovem casal em nossa igreja cujo filho pequeno tem Síndrome de Down, que encontraram profunda consolação em Roma-

nos 8.28 e no Salmo 139, e a certeza de que seu filho não foi um acidente, e sim, que foi formado no ventre pelo próprio Deus, e dado para que eles o criassem. Como disseram, embora chocados a princípio pela notícia desta condição, eles agora *não teriam outro caminho!*

Deixe-me resumir o que temos dito a respeito da adversidade. Onde quer que você se encontre, quaisquer que sejam suas circunstâncias, quaisquer que sejam suas lutas, você está *sempre* lidando com Deus. Ele é inevitável. Até mesmo o condenado no inferno está lidando com Deus. O salmista diz: “Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também” (Sl 139.8). Em cada circunstância da vida eu encontro Deus, e posso e devo responder apropriadamente.

Esta perspectiva é transformação de vida. Aqueles que estão certos de que o que acontece, acontece pela mão de Deus, olham para a vida de modo diferente daqueles que não têm esta certeza. Eles têm uma perspectiva diferente. A convicção de que “Deus é o autor das minhas circunstâncias”, habilita o crente a viver com paz e alegria incomparáveis, pelas razões que veremos abaixo.

SOBERANIA E GRATIDÃO

Paulo explica, em sua segunda carta aos Coríntios, que ele tinha recebido revelações extraordinárias. Ele foi arrebatado até ao “terceiro céu”, até ao “Paraíso” (12.2). Como ele poderia ser tentado a se tornar orgulhoso por causa dessas experiências únicas, foram-lhe dadas aflições especiais planejadas para mantê-lo humilde.

E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte (2Co 12.7).

Note como ele fala sobre isso. De um lado, ele vê o propósito de Deus nela. A aflição foi dada para “que não me exalte”. Por outro lado, ele a chama de “mensageiro de Satanás. O que era isso? Quem estava por trás disso? Deus ou Satanás? A resposta é ambos. Satanás era o agente da aflição que, sem dúvida, estava realizando seus maus desígnios. Mas a aflição em si era a vontade de Deus. Satanás, ao tentar destruir Paulo, estava, na verdade, servindo aos propósitos de Deus. Paulo suplica para ser aliviado da aflição (qualquer que ela fosse – não sabemos). “Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim” (2Co 12.8). Todavia ele recebeu esta resposta: “Então, ele me disse. A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.9a). Qual foi a reação de Paulo? Ele regozijou-se! “De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo” (2Co 12.9b).

Por que Paulo está contente? Porque ele vê os bons propósitos de Deus na aflição. Por que, então, ele responsabiliza Satanás? Porque se não houvesse a queda, não haveria sofrimento. Se a raça humana não estivesse em rebelião contra Deus, e se o coração humano não fosse “enganoso, mais do que todas as coisas e desesperadamente corrupto”, a dor e a tristeza seriam desconhecidas neste mundo. Quando o sofrimento vem, é válido tornar-se irado com as causas imediatas do mal. Sofrer pelo estado caído do mundo. Deixar a justa indignação aumentar

em seu coração contra o mal e os homens maus. Chamá-lo de “mensageiro de Satanás”. Ele é culpado pela dor que sofremos. Em suas orações, esperem pelo dia de sua destruição. Mas lembrem-se, por trás de todas as aflições estão os propósitos de Deus, que as permitem e as ordenam para o nosso bem. É um mensageiro de Satanás, *mas* cumpre os propósitos de Deus. Foi Satanás quem afligiu a Jó. Mas Jó viu por trás de Satanás o plano de Deus. Quando falaram da destruição de suas riquezas e da morte de seus filhos, sua resposta foi dramática e exemplar.

Então, Jó se levantou, rasgou o seu manto, rapou a cabeça e lançou-se em terra e adorou; e disse. Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor! (Jó 1.20, 21)

Era o diabo? Sim. É o diabo cumprindo seus propósitos a despeito de si mesmo? Sim. Não estamos lidando com Deus a todo instante? Sim. “O Senhor o deu e o Senhor o tomou”. Não podemos, então, bendizer a Deus e dar-lhe graças? Sim! Sim!

Paulo diz: “Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1Ts 5.16–18). Como uma pessoa pode fazer isso? Vendo os bons propósitos de um bom Deus em tudo. Paulo pôde ver que o poder de Deus estava sendo “aperfeiçoado na fraqueza”. Existe um valor positivo na dor.

Porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo o filho a quem recebe. É para disciplina que

perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige? Mas, se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo, sois bastardos e não filhos. Além disso, tínhamos nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos? Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade. Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça (Hb 12.6–11).

Observe cuidadosamente estas declarações. A aflição é o meio pelo qual Deus nos disciplina. Esta disciplina é “para o nosso bem”. Por quê? “A fim de sermos participantes da sua santidade”. Embora temporariamente “tristes”, todavia somos “exercitados” por ela, e “depois, entretanto, produz fruto pacífico ... fruto de justiça”. Isso prepara-nos para o serviço e para o céu!

A aflição é nossa academia. Os atletas não aperfeiçoam suas habilidades exceto por meio do treinamento doloroso. O mesmo vale para o reino. De fato, você talvez esteja interessado em saber que o slogan. “Sem dor, não há ganho”, encontrado nas academias por todo o país, pode ser encontrada na *Teologia Sistemática* de Charles Hodge, publicada na década de 1870. É somente “através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus” (At 14.22). Tiago diz:

Meus irmãos, tendo por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes (Tg 1.2–4).

Pedro escreve:

Nisto exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo (1Pe 1.6, 7).

Paulo diz:

E não somente isso, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado. Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios (Rm 5.3–6).

Eles falam de “provações”, “tentações”, “experiências” e “tribulações”. Todavia, em cada caso, os apóstolos vêem um valor positivo no sofrimento. Deus está nele operando seus bons propósitos para conosco. Por isso, “tende por motivo de toda alegria”, “nisto exultais” e “nos gloriamos” porque vocês e sua fé estão sendo testados e aprovados.

Pedro e João foram açoitados e ameaçados pelas autoridades. Sua reação?

E eles se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome (At 5.41).

Isso é extraordinário, não é? Eles são agradecidos! Eles se regozijam! Eles vêem o valor disso! Eles vêem o privilégio disso! Eles vêem Deus nisso!

Malcolm Muggeridge o disse bem:

Como um homem velho ... relembando a vida passada, é uma das coisas que mais violentamente chocam a você – que a única coisa que de alguma forma ensina alguém é o sofrimento. Não é o sucesso, nem a felicidade, nem qualquer coisa do tipo. A única coisa que realmente ensina alguém sobre a vida ... é o sofrimento, a aflição.¹

Você pode ser grato em todas as circunstâncias da vida, porque elas são os meios que Deus usa para salvar sua alma. Quantos creriam se não tivessem sofrido? Para alguns, o casamento tinha se desintegrado. Alguns tinham perdido uma pessoa amada. Alguns viram seus negócios entrarem em colapso. Alguns tiveram de ser demitidos de um emprego. Outros, que sempre foram crentes, somente tem crescido na proporção de seu sofrimento. A dor, e somente a dor, guia para o auto-exame, para o reconhecimento e a confissão de pecado, para a dependência humilde de Deus. A dor, e somente a dor, leva

¹ *National Review*, (Revista Nacional), 17 de Dezembro de 1990, p. 62.

você a ajoelhar-se, leva você a sentir fome e sede de Deus e de sua justiça, e faz você procurar pela verdade nas Escrituras. Somente no contexto do sofrimento você cresce. O “poder” de Deus “se aperfeiçoa na fraqueza”, nos diz Paulo. Ele extrai a irônica conclusão: “Porque, quando sou fraco, então é que sou forte” (2Co 12.9,10). Regozije-se e agradeça por suas aflições! Esta é a perspectiva daquele que vê todas as suas circunstâncias como ordenadas por Deus.

SOBERANIA E CONTENTAMENTO

Observe novamente o que o apóstolo Paulo diz:

Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor a Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte (2Co 12.10).

Ele diz, “sinto prazer ...”. É maravilhoso não é? Ele está contente com “fraquezas, com injúrias, com necessidades, com perseguições, com angústias”. Por que? Porque elas são “por amor de Cristo”. Cristo está nelas. Estas aflições não são o diabo agindo descontroladamente. Não atribua suas dores meramente às ações dos homens perversos. Deus está por trás delas. Seu sofrimento está cumprindo seus propósitos. Sabendo disso, podemos estar contentes. Se é o que nosso Deus soberano quer, então, eu posso viver com ele, posso até mesmo prosperar nele.

Observe como Paulo descreve sua perspectiva em sua carta aos Filipenses.

Digo isso, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez (Fp 4.11, 12).

Os filipenses estavam sendo elogiados por Paulo por virem em sua assistência no tempo de necessidade. Mas ele procura fazê-los saber que mesmo em privação, ele estava contente. Mesmo se eles não tivessem vindo em sua assistência, ele ainda estaria contente. “Aprendi”, diz ele, “a viver contente em toda e qualquer situação”. Quando “humilhado”, ele está contente. Quando com “fome”, ele está contente. Se em “escassez”, ele está contente. Notemos que ele está contente com a “prosperidade”, quando “satisfeito” e “tendo abundância”, mas isso não nos surpreende. O que nos surpreende é que ele está contente “em toda e qualquer situação”. Como ele consegue?

“Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13).

Cristo está nisso. É por sua vontade que Paulo está nas circunstâncias em que ele está. Então, Cristo o fortalece para as tarefas para as quais ele é chamado.

Se você crê que Cristo é soberano, que ele chama você para as circunstâncias em que você se encontra, então você deveria estar contente. Frequentemente, porém, parece ser que não é isso o que acontece. Por que tantos cristãos não estão contentes nestes dias? Eu posso pensar em dois motivos.

Primeiro, alguns deles não crêem que Deus esteja nas suas circunstâncias. Assim, quando eles encontram a pobreza, tornam-se enormemente infelizes. Eles olham ao redor, para o que os outros têm, e pensam: “Por que não posso ter coisas agradáveis? Porque não posso ter um carro novo? Por que não posso comprar lindas roupas?” Eles não vêem nada que compense em sua pobreza. Em vez disso, eles invejam aqueles que têm. Eles são miseráveis com sua sorte. Eles ressentem-se que Deus não tenha dado mais a eles. Talvez, para você, seja o seu cônjuge. Você está descontente com seu casamento. Você olha ao seu redor e vê pessoas que estão felizes com seus casamentos – mas você não está. Eles são tão carinhosos – e seu cônjuge não é. Eles conversam tanto – mas seu cônjuge nunca diz uma palavra. Não há comunicação. Ele ignora você. Nunca dá atenção a você. Ela está sempre com dor de cabeça e cansada. “Bem que você poderia ser um vaso de planta,” você diz.

Certo escritor de hinos escreveu.

Quando a paz, como um rio, acompanha meu caminho
Quando os sofrimentos reviram-se como as ondas do mar;
Qualquer que seja a minha sorte, tu tens me ensinado a dizer,
Está tudo bem, está tudo bem com a minha alma.

“Qualquer que seja a minha sorte”, o Senhor está nela. “Está tudo bem com a minha alma”, não importa onde eu me encontre. Sua relativa pobreza, seu relacionamento quebrado, são ações de Deus. Ele tem seus propósitos neles. Ele chamou você para viver nessas circunstâncias. Você crê nisto? Isso não faz diferença? Certamente fez diferença para Horatius Spafford, para quem a ocasião da autoria dos versos acima foi a notícia de que seus qua-

tro filhos haviam morrido no mar! Completamente devastado por esta inexprimível tragédia, ele escreve: “Está tudo bem com a minha alma”. Por quê?

Ele sabe que o Senhor tem seus propósitos nisso.

Se eu fosse um soldado, penso que poderia viver numa trincheira por muitos anos se eu soubesse que era temporário e que era por uma causa justa. Eu precisaria saber que os comandantes me colocaram ali a fim de cumprir uma função necessária, e tendo essa convicção, eu poderia ficar. É exatamente essa nossa situação. Nosso sofrimento é temporário, ele é o resultado da sabedoria tática do nosso Comandante, e é para o nosso bem e para o bem da Causa. Nossa privação é o professor que Deus nos dá. Aquele seu marido – aquele homem mudo, aquele homem não comunicativo, preguiçoso, é seu pela providência divina. Aquela esposa briguenta, que parece uma torneira pingando, é sua pela mão de Deus. Então, deixe os propósitos de Deus serem trabalhados em suas circunstâncias divinamente ordenadas.

Mas existe um segundo problema. Talvez você saiba e concorde que Deus está nelas, mas, apesar disso, você está lutando com Deus. Talvez você esteja resistindo e ressentindo-se com sua vontade. Você não entende *por que* ele negaria a você o que você quer. Você não pode crer que ele exigiria que você continue presa àquele homem terrível. Você não pode crer que talvez ele queira que você permaneça pobre. Mas você lê sua Bíblia e vê o que ele diz. Então você cresce ressentido. Você se torna amargurado. Você se recusa a confiar nele. O contentamento requer que nós não apenas *saibamos* que Deus está em tudo, mas que *confiemos* nele também. Você pode crer que a medida em que você faz a coisa certa e sofre priva-

ções (emocionais, materiais ou de outros tipos), eleabençoará você, e que toda perda é meramente temporal? Por que você está tão descontente? O Deus soberano que é a própria bondade, colocou você nestas circunstâncias. Não é um acidente. Não é má sorte. São os seus propósitos para com você. Creia nisto, e confie que Deus é a chave para a sua paz e contentamento. Francis Ridley Havergal escreveu:

Toda alegria ou provação vem de cima,
Traçada sobre nosso relógio de sol pelo Sol de Amor.
Podemos confiar plenamente nele, tudo faz para nós;
Aqueles que confiam totalmente nele, o encontram
completamente verdadeiro.
Apoiados em Jeová, os corações são completamente
abençoados;
Encontrando, como ele prometeu, perfeita paz e
descanso.

SOBERANIA E ESPERANÇA

Paulo diz: “Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (2Co 12.10). Esta declaração reflete um santo otimismo. “Sim, sou fraco”, ele diz. “Eu tenho esta aflição. Ela limita minha mobilidade. A dor obscurece meu pensamento. Sua inconveniência produz outras para me desviar. Parece ter um impacto debilitante sobre meu ministério. Mas ocorre o contrário. Minha própria fraqueza é a oportunidade para Deus demonstrar seu poder.”

O Cristianismo é uma religião de otimismo fundamental. O contentamento do ponto anterior não é fatalismo. Não produz passividade ante a adversidade. Nossa

tradição tem sido ativa, resoluta e até mesmo rebelde (desafiadora). Nosso otimismo, entretanto, não é o otimismo do mundo. Este, incita-nos a uma perspectiva positiva para o futuro, baseada na hipótese infundada da bondade e potencial humanos. Auschwitz sempre nos lembra da falta de fundamento e futilidade desta esperança. Nossa esperança repousa em um Deus soberano. Nada é impossível para ele. Jesus disse: “Tudo é possível ao que crê” (Mc 9.23). Isso me dá confiança e esperança em meio às trevas e à escuridão. Estou resolutos diante das derrotas sabendo que Deus é capaz até mesmo de ressuscitar os mortos.

Talvez eu esteja velho como Abraão. Ele olhou para seu corpo e constatou que estava “quase morto”, próximo dos cem anos de idade. Ele contemplou também a inércia do ventre de Sara (Rm 4.19). E, contudo, Paulo diz:

Não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera (Rm 4.20, 21).

Este é o ponto. As circunstâncias são contrárias. A evidência é esmagadoramente negativa. O que faremos? Continuamos resolutos, “estando plenamente convictos de que ele é poderoso para cumprir o que prometera”. Talvez você esteja faminto; ele pode multiplicar os pães. Talvez você esteja doente; Deus pode curar. Talvez você esteja morrendo; Deus pode ressuscitar os mortos. Talvez sua família esteja desmoronando; ele pode e quer reconciliar todas as coisas.

Nossa tradição tem produzido pessoas de grande resolução e esperança. Pensamos nos Contratantes Escoceses que, por décadas, sofreram nas mãos da coroa britânica. Todavia, poucas pessoas lembram-se que Daniel Defoe, autor do livro *Robinson Crusoe*, também escreveu o livro *Memoirs of the Church of Scotland* (Memórias da Igreja da Escócia), registrando as temíveis crueldades sofridas pelos crentes que resistiam à Prelacia, sofrimento que ele considerava ser mais severo que aquele infligido sobre a Igreja Primitiva pelos imperadores romanos ou aos reformados pela Inquisição Espanhola. Quando ocorreu a deposição de Tiago II em 1688 e o fim da intolerância, os 28 anos de perseguição tinham trazido a morte, o exílio ou o aprisionamento de 18.000 pessoas. Por que elas perseveraram? Elas tinham a esperança nascida da confiança em um Deus soberano. Quando a liberdade finalmente chegou, elas blasfemaram de Deus por tê-las abandonado por todos aqueles anos? Não! Elas estavam confiantes de que seu sofrimento tinha sido da vontade de Deus, e que através dele, Deus traria coisas grandes.

Quanto ao Novo Mundo, podemos pensar sobre os que deixaram a Inglaterra na confiança de que Deus os havia chamado para estabelecer uma nova civilização. Cento e duas pessoas embarcaram. Ao final do primeiro inverno apenas cinquenta e cinco ainda estavam vivas, incluindo somente quatro das dezessete esposas que embarcaram. Eles saíram-se bem no plantio de sua safra na primavera e tiveram uma ótima colheita no outono. Sua reação? Eles pegaram suas coisas e foram para casa? Baseados em suas adversidades, eles concluíram que Deus os havia abandonado? Não! Eles celebraram sua colheita com um dia de Ação de Graças! Eles receberam seu sofri-

mento como uma disciplina de Deus e continuaram esperando por dias melhores.

No livro *The Puritan Hope* (A Esperança Puritana) de Ian Murray, entre os muitos livros inspirados que eu já li, ele relata a força motivadora que o otimismo cristão tem tido. Milhares de missionários foram para além-mar e trabalharam por décadas com pouco resultado. Porém eles continuaram sem parar. Por que eles o fizeram? Eles estavam confiantes que Deus os havia chamado e que a seu tempo faria grandes coisas. Meu exemplo favorito disto é o próprio pai do movimento missionário moderno, William Carey. Carey trabalhou na Índia por cinco anos sem conseguir um simples convertido. Quando finalmente Krishna Pal converteu-se, Carey disse: “ele foi apenas o primeiro, mas um continente está vindo atrás dele. A graça divina que mudou o coração de um indiano, obviamente poderia mudar centenas de milhares” (p. 141).

Se você é um cristão, você deve ser um otimista. Um convertido significa a conversão de todo um continente. Deus pode salvar aquele amigo perdido. Deus pode curar aquele casamento sem esperança. Deus pode curar aquele viciado em drogas desamparado. Deus pode fazer qualquer coisa, e como Paulo diz em Filipenses 4: “tudo posso naquele que me fortalece”. Eu posso viver com a adversidade. Eu posso ter paz em meio aos distúrbios, alegria em meio aos sofrimentos. Eu posso superar minhas concupiscências. Posso vencer os defeitos do meu caráter. Eu posso alcançar vitória sobre minha ira. Eu posso superar minha vergonha e covardia e servir a Cristo publicamente com ousadia! Todos os defeitos e faltas da minha personalidade, toda as misérias e imperfeições do meu ambiente, todos os conflitos e brigas dos meus relacio-

namentos podem ser superados porque servimos a um Deus soberano. O apóstolo Paulo diz que em Cristo Jesus somos “mais que vencedores” (Rm 8.37).

Talvez você esteja dizendo agora: “Eu tenho crido nisto por anos, mas eu não creio na doutrina da soberania de Deus”. Se você, em teoria, tem rejeitado o ensino que temos exposto com respeito à soberania de Deus, mas tem afirmado na prática o papel de Deus em suas circunstâncias, você apenas tem sido capaz de fazer isso com base na inconsistência teológica. Se você tem corretamente crido que “Deus tem um propósito em cada tragédia”, reconheça que isso somente pode ser consistente dizendo, conosco, que é porque Deus é soberano em todas as circunstâncias e em todos os tempos e lugares. Talvez você, pela primeira vez, esteja começando a compreender que as convicções que têm o sustentado na adversidade, que têm dado a você uma perspectiva otimista da vida são, de fato, aquelas que afirmam a soberania absoluta de Deus. Talvez sua perspectiva seja formada pela aplicação consistente destes princípios. Como um pecador que nada merece, eu agradeço a Deus por cada uma de suas circunstâncias ordenadas para nós. Como um filho de Deus, eu estou contente com cada uma em particular. Como uma pessoa confiante em um Deus soberano, eu me regozijo nas grandes coisas que ele ainda fará.

5 Testemunho

Por favor, leia Mateus 11.25–30

Todos os anos nossa Igreja realiza uma “Conferência de Missões Mundiais”, cujo propósito é levantar sustento – tanto de oração, financeiro, como pessoal – para a tarefa de evangelização mundial. A questão que os cépticos poderiam levantar sobre esta série de estudos é, simplesmente, por que? Por que preocupar-se? Se Deus é soberano, se ele tem um povo escolhido, o qual ele escolheu antes da fundação do mundo, então que diferença faz se evangelizamos ou não? A doutrina da soberania de Deus não significa a morte do evangelismo? Ela não destrói todo incentivo ao testemunho cristão, local ou no exterior?

Por que, então, evangelizamos? Pelas mesmas razões que outros evangélicos evangelizam. Crer na soberania de Deus faz alguma diferença em nosso evangelismo? Faz uma grande diferença, como veremos em breve.

POR QUE EVANGELIZAMOS

A fé reformada não enfrenta problemas peculiares com relação ao evangelismo. Os problemas que enfrentamos são os mesmos que os outros enfrentam. As razões porque evangelizamos são aquelas que os outros expressam.

Em primeiro lugar, *somos ordenados a evangelizar*. Por mais que uma pessoa possa interpretar o significado da doutrina da eleição, isso não deveria afetar sua obediência à Grande Comissão. Não importa o que a eleição significa, ainda somos chamados para obedecer a Deus, e ele nos deu essa ordem:

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco até a consumação do século (Mt. 28.19, 20).

Seria racionalismo incrédulo e desobediência pura permitir a lógica tomar conta do pensamento de uma pessoa e racionalizar que, visto que Deus já determinou tudo, estamos livres para ignorar esta ordem. O mesmo livro que nos ensina sobre a eleição, nos instrui a evangelizar. Não importa nosso entendimento sobre o que a eleição significa, não podemos permitir que ele anule o mandato para testemunhar. Testemunhamos porque somos ordenados a fazê-lo.

Em segundo lugar, *vivemos com uma antinomia*. J. I. Packer define uma antinomia em seu livro *Evangelism and the Sovereignty of God* (Evangelização e a Soberania de Deus), como “aparência de contradição”, e “uma aparen-

te incompatibilidade entre duas verdades evidentes”. “Existe uma antinomia”, ele explica mais adiante, “quando um par de princípios permanecem lado a lado, aparentemente irreconciliáveis, todavia ambos são inegáveis” (p18). Ele cita o exemplo encontrado na física moderna que descreve a luz como consistindo tanto de ondas como de partículas que, de acordo com o que agora sabemos, é impossível. Ela deve ser uma ou outra. Mas a evidência é que ela é as duas coisas, e deste modo é tratada como ambas. É assim que tratamos a eleição e o evangelismo. Oferecemos o evangelho livremente a todos, embora saibamos que apenas os eleitos responderão. Por que fazemos isso? Por duas razões.

1. Porque *a Bíblia* o faz. A própria Bíblia vive com esta antinomia e nunca preocupa-se em parar para explicá-la. Repetidas vezes encontramos lado a lado as doutrinas da graça (a iniciativa soberana de Deus, a inabilidade do homem, predestinação, etc.) e a chamada universal para que todos creiam. Podemos dar alguns exemplos dentre os mais amados textos evangélicos, muitos dos próprios lábios de Jesus. Você conhece a famosa passagem: “Vinde a mim”. Ela é comumente citada como evidência de que Deus não escolhe ninguém. Visto que “todos” são convidados a vir, ninguém pode ser excluído pela eleição. Aqui está o texto.

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve (Mt 11.28–30).

Os versos que o precedem são freqüentemente ignorados. Sim, “todos os que estais cansados e sobrecarregados” podem vir, mas é também verdade que Jesus começou esta declaração com uma oração na qual ele disse:

Por aquele tempo, exclamou Jesus. Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Mt 11.25–27).

Jesus diz que o Pai “ocultou” a verdade do evangelho de alguns (os sábios e instruídos) e a “revelou” a outros (“os pequeninos”). Por que ele fez isso? Porque foi da sua vontade. Foi “do seu agrado”. Mais adiante, Jesus diz que ninguém conhece o Pai a não ser o Filho “e aquele a quem o Filho o quiser revelar”. *A seguir* Jesus diz: “Venha a mim!” Isso é extraordinário. Ele fala do Pai escondendo a verdade de alguns e revelando-a a outros. Ele diz que o conhecimento de uma pessoa sobre o Pai é dependente da vontade do Filho de revelá-lo. O Filho, é seguro conjecturar, está desejoso de revelar o Pai a alguns e não a outros. O Filho não revela o Pai a todos. Para alguns, a verdade permanece escondida, enquanto que para outros ela é revelada, e a diferença é a vontade soberana de Deus, aquela que é “do agrado” do Pai.

Como você reconcilia estas coisas? Você não reconcilia. Como pode o convite a “*todos os que estais cansados*” ser oferecido sinceramente quando ele tem dito

exatamente que Deus está escondendo a verdade de alguns? Pode, e é. Você crê em ambos os lados e vive com eles.

Encontramos, em João 1.12, um outro texto evangelístico amado.

Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome. (Jo 1.12)

“Observe a linguagem universalística”, é dito. É reivindicado que “a oferta do evangelho é para ‘todos quantos o receberam’. Todos são bem-vindos. Ninguém é excluído. Se a eleição fosse verdadeira, o texto diria. ‘a todos os eleitos quando eles o recebem ...’. Isso prova que a eleição não é verdadeira”. Por favor, continue e leia o próximo versículo.

Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.(Jo 1.13).

Como aqueles que crêem e recebem a Cristo vêm a fazê-lo? Eles nasceram de novo. Como eles vieram a nascer de novo? *Não* foi pela “vontade do homem!” Eles foram regenerados soberanamente pela ação de Deus. Eles “nasceram... de Deus”. Ele os ressuscitou espiritualmente da morte e os trouxe à vida. Assim, o “todos quantos o receberam” está limitado pelo “nasceram... de Deus”. Pode-se dizer sinceramente que “todos quantos o receberam” são salvos e, a seguir, mudar de atitude e dizer, com efeito, que somente aqueles que nascem “de Deus” o receberão? A Bíblia pode e faz.

Um outro texto paralelo que merece atenção, mas que mencionaremos apenas de passagem, é o “importa-vos nascer de novo”. Note que quando Nicodemos tenta descobrir como ele pode realizar este renascimento, lhe é dito que ele não pode fazê-lo. Não é uma questão da “carne” (ação humana). “O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito.” Deve-se “nascer do Espírito”. Confundindo ainda mais Nicodemos sobre “como fazer isso”, Jesus diz:

O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito (Jo 3.8).

Você pode determinar onde o vento irá soprar? Você tem tanto controle sobre seu nascimento espiritual quanto você tem sobre o vento. Quem controla o vento? Somente Deus. Todavia, “importa-vos nascer de novo” (Jo 3.7). Você é ordenado e é responsável por fazer que isso aconteça. Deus é soberano; você é responsável. Como você reconcilia estas coisas? Você não reconcilia.

Vamos tentar novamente. Uma das mais apreciadas declarações de Jesus é encontrada em João 6.35:

Declarou-lhes, pois, Jesus. Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede.

Mais uma vez, vemos o convite universal de Cristo. Ele diz: “o que vem a mim jamais terá fome”. Mas observe o que vem a seguir. Alguns não crêem no que ele disse. Alguns ficam ofendidos. Eis seu comentário sobre isso:

Porém eu já vos disse que, embora me tenhais visto, não credes. (Jo 6.36)

A seguir ele os classifica como fora do número daqueles dados pelo Pai. A eleição explica o fato de alguns crerem.

Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora. (Jo 6.37)

Não, ele não excluirá “o que vem a mim”. Todos os que vêm são guardados. Mas quem vem? Aqueles que o Pai “dá”. Duas vezes nesta mesma ocasião Jesus explica a incredulidade descrevendo os incrédulos como incapazes. A primeira no verso 44:

Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia. (Jo 6.44)

A seguir no verso 65:

E prosseguiu: Por causa disto, é que vos tenho dito: ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido (Jo 6.65).

Os incrédulos são aqueles que não querem vir a Jesus e não o farão, a menos que a habilidade para isso seja dada pelo Pai. Ele “traz”; a fé é “concedida”. Todavia todos podem vir!

Já vimos esta antinomia em Romanos 9–11, onde Paulo move-se do “não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia” para “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Rm 9.16; 10.13).

Usaremos, como nosso último exemplo, um dos textos evangélicos mais amplamente usados que encontramos na Bíblia, a Parábola do Semeador, como encontrada em Marcos 4.3–20. Primeiro Jesus conta a parábola (vs. 3–9), e a seguir a explica (vs. 13–20). Ele explica que os solos representam as reações ao evangelho: o solo duro indica os corações nos quais o evangelho não penetra; o solo pedregoso, aqueles em quem o evangelho penetra apenas superficialmente e são vencidos pela aflição; o solo espinhoso, aqueles que recebem o evangelho mas logo são sufocados pelo mundanismo; e o solo bom, aqueles que recebem o evangelho e produzem fruto. Até aqui, tudo bem. Mas espere um minuto! Nós pulamos o verso 13. Nele Jesus explica o propósito das parábolas. Você pensava que ele ensinava por parábolas a fim de ilustrar e iluminar a verdade? Tente novamente.

Quando Jesus ficou só, os que estavam junto dele com os doze o interrogaram a respeito das parábolas. Ele lhes respondeu. A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas, aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas, para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles. Então, lhes perguntou. Não entendeis esta parábola e como compreendereis todas as parábolas? (Mc 4.10–13)

Ele ensinava por parábolas para que se cumprisse a profecia de Isaías 6.9, para que as pessoas pudessem ver e ouvir a verdade mas não entender, “para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles”. Como você explica isso? Nós não explicamos, nem a Bíblia o

faz! A Bíblia, em todas estas ocasiões, mostra que Deus é soberano na salvação; ele escolhe alguns e deixa outros para trás e, todavia, todas as pessoas são responsáveis por responder. Ela não explica como pode ser isso. Ela simplesmente afirma que é assim. Assim também fazemos.

2. Não somente os que aceitam a doutrina da soberania de Deus, mas *todos* os demais, também vivem com a antinomia. Eles apenas não o admitem, para si mesmos ou para os outros. Como assim? Apenas as formas mais graduadas de Arminianismo negariam que Deus tem presciência e, como vimos antes, a distinção entre presciência e preordenação (ou predestinação) não se sustenta quando lidamos com Onipotência. Se Deus prevê quem crerá, então é certo que crerão e não podem outra coisa, senão crer. Se é assim, então voltamos direto ao problema da predestinação. Deus está trazendo pessoas ao mundo que ele sabe que nunca crerão, todavia ainda assim ele o faz. Se é certo que eles crerão, por que evangelizar? Se é certo que outros não crerão, por que evangelizar? Não há nada que possamos fazer para alterar a situação, para assegurar o resultado de um ou de outro modo. Até mesmo os Arminianos, que pensam não ter que viver com este mistério, vivem. Em última análise, isso somente pode ser evitado pelo Ateísmo.

Em terceiro lugar, *cremos em meios*. Crer na soberania de Deus não é fatalismo. Um fatalista é descrito assim: ele crê que o que está destinado a acontecer deve acontecer, e deste modo ele desiste e observa. O que é conhecido pelo nome de “hiper-Calvinismo” (mas absolutamente não é Calvinismo) cai nesta armadilha.

Os “hiper” negam a necessidade de evangelizar, dizendo, como John Rylands tem a fama de ter dito a William Carey, quando este fundou a primeira sociedade missionária moderna, “Sente-se, jovem! Quando Deus quiser converter o pagão, ele o fará sem sua ajuda ou minha!” Isso é fatalismo. É uma negação da necessidade de meios. Deus ordena os fins. Mas ele também ordena os meios para os fins. Os meios para o fim de converter pecadores são a oração e a pregação do evangelho. Há mistério nisto. Porém nossa responsabilidade não deve limitar-se a nossa obediência pelo entendimento. Nossa responsabilidade deve submeter nossos corações à ordem de Deus e ir por todo o mundo com o evangelho de Jesus Cristo, e orar por sua conversão. Fazemos isso confiando que ele usará nosso testemunho e que encontraremos, como a igreja primitiva, que “creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna” (At 13.48). Através de nosso testemunho e intercessão, Deus reunirá seus eleitos dos quatro cantos da terra.

A verdadeira questão não é “por que evangelizar” ou “por que orar”, mas “por que sair da cama de manhã?” Deus sabe se você está saindo para ir trabalhar ou não? Pode alguma coisa acontecer a não ser que ele tenha previsto? Não, então suponho que você pode deitar-se ali e ver como o dia se desenrola, e se nada acontecer, deve ser a vontade de Deus? Visto que Deus ordenou desde a fundação do mundo que sapatos você usará, você pode ainda ficar deitado e esperar que o par certo pule em seus pés? Certamente isso é tolice. O meio de ir trabalhar começa com levantar da cama. Deus ordena os fins e os meios. A mesma razão pela qual você se levanta da cama explica o porquê evangelizar. Existem meios para os fins apropriados.

A DIFERENÇA QUE CRER NA SOBERANIA DE DEUS FAZ

Até agora temos visto que o fundamento lógico reformado para o evangelismo é o mesmo que o aceito por outros evangélicos. Agora procuraremos considerar as vantagens que vêm dessas convicções. “Espere um minuto,” você diz. “Você disse. ‘vantagens’?” Sim, eu disse. É óbvio, a partir dos textos que vimos, que as doutrinas da graça não depreciam o evangelismo. Mas além disso, existem vantagens cruciais que vêm àqueles que crêem na soberania de Deus. São vantagens espirituais, mas apesar disso, são vantagens.

Em primeiro lugar, *as doutrinas da graça ensinam a dependência de Deus*. O que dissemos acerca de um pecador? Dissemos que ele não pode converter-se a si mesmo, e que nós não podemos convertê-lo. A produção de um cristão não se encontra na habilidade natural do pregador ou do ouvinte. Deus deve convertê-lo. É um milagre produzir um cristão, porque os homens estão mortos em pecado e amam as trevas, um milagre que somente Deus pode fazer. Para sermos bem “sucedidos” no ministério, devemos depender de Deus para mudar corações. Se nossa teologia dissesse um pouco menos do que isso, por exemplo, que o homem está apenas doente e não morto, então poderíamos não ter que depender tanto de Deus. Podemos dar um remédio ao doente. Mas inegavelmente não podemos ressuscitar o morto. Poderíamos persuadir àqueles que têm habilidade para se arrepender e crer a voltarem-se para Cristo. Mas não podemos convencer um cadáver a sair de seu túmulo.

Certo, então, como conseguimos que Deus faça isso? Resposta: através dos meios ordenados. Pregue o evan-

gelho, viva o evangelho e ore. Poderíamos dizer mais, especialmente sobre a adoração e os sacramentos, mas este é um resumo adequado por hora. Se nos concentrarmos nestas coisas, teremos uma probabilidade muito maior de ver um trabalho significativo de Deus, do que de outro modo. Por quê? Porque estes são *os meios* que ele deu para fazer sua igreja crescer. Assim, esta talvez seja a convicção decisiva para um evangelismo verdadeiramente bem sucedido, e aqui está o porquê.

1. A confiança nos meios ordenados nos guardará da *distração*. Quase todos os dias encontro em meu correio propaganda de alguma nova técnica, algum novo programa, algum novo método de crescimento de igreja. Existem muitos seminários. O que eles ensinam? Eles ensinam você a trabalhar com vários itens de “bom-senso” que podem ajudar seu ministério. Trabalhe as aparências, eles dizem. Esteja certo de que seus meios são claros e concisos. Trabalhe a organização. Adote os métodos das grandes empresas. Trabalhe a imagem. Deixe os peritos em publicidade garantir que você projete a imagem certa ao mundo. Trabalhe seu programa. Tenha alguma coisa para todos, jovens e velhos, casados e solteiros, divorciados e casados novamente, atletas e deficientes físicos. As igrejas estão gastando agora enorme energia nestas áreas. O pensamento é: assim podemos fazer a igreja crescer.

Inerentemente nada está errado com tudo isso. O problema com isso é ser uma tremenda distração. Se toda a energia, pensamento e tempo que está sendo empregado nestas coisas (levantamentos demográficos e tudo mais) estivesse sendo colocado na proclamação e oração, não há dúvida de que a igreja estaria à frente. É escanda-

loso quando estas coisas externas são o centro nas igrejas que quase não dão tempo à oração, e pouco tempo para a pregação. Estas outras atividades não são irrelevantes, mas acabam sendo irrelevantes quando medidas pelo próprio evangelho. É o evangelho que é o poder de Deus. O “estilo” de uma igreja pode ser comicamente pobre e Deus ainda pode abençoá-la. Paulo disse sobre sua pregação:

Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. ... E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus (1Co 2.1, 3-5).

Ele estava satisfeito com a metodologia fraca porque sua própria fraqueza provia o pano de fundo preto, para que o diamante do evangelho brilhasse mais claramente. O poder de Deus é “aperfeiçoado na fraqueza” (2Co 12.9). Quando somos fracos somos fortes, porque nosso trabalho é mais convincentemente sobrenatural quando a força humana está ausente. Se Paulo tivesse pregado com destreza estilística, a fé dos coríntios poderia ter se apoiado sobre “a sabedoria humana”. Porque ele não o fez, eles viram, não um homem talentoso, mas uma “demonstração do Espírito e de poder”. Quando nos concentramos nos meios básicos, simples e não estamos preocupados com o brilho, as pessoas não podem dizer: “Eles foram bem sucedidos por causa de tal e tal programa ou

técnica. Elas, em vez disso, concluirão que Deus deve estar nisto, e verdadeiramente crerão porque sua fé não “se apoiará na sabedoria humana, mas no poder de Deus”. E sua mensagem?

Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado (1Co 2.2).

“Cristo crucificado” é a mensagem que manifesta o poder de Deus. Pelo fato de Deus ser soberano, deveríamos nos concentrar em pregá-la e rogar pelo poder de Deus nela. Deus, em um momento de revivificação de poder, pode fazer mais que todos os nossos esforços organizados e programados podem realizar numa vida toda. Reavivamentos nascem em reuniões de oração, não em salas de diretorias ou conselhos. Esta convicção nos manterá concentrados e no caminho.

2. A confiança nos meios ordenados nos guarda da tentação de usar *métodos coercivos*. Uma quantidade significativa do evangelismo popular de hoje, apoia-se em manipulações psicológicas a fim de produzir decisões. Muita atenção é dada ao humor que é colocado nestes encontros. O ambiente deve ser “não-ameaçador”, afetuoso e otimista. Músicas e pessoas atraentes são exibidas aos microfones, para ajudar a estabelecer o cenário apropriado para a mensagem. Após a mensagem, é requerida uma decisão, encorajada pelo movimento maciço de pessoas à frente, freqüentemente iniciado por “conselheiros”. Este movimento da multidão é crucial para mudar a vontade do não convertido. Muitas estrofes de músicas suaves, tais como: “Tal como eu sou”, são tocadas, prolongando o tempo dado para a resposta e para a pressão psicológica.

O problema admitido livremente por aqueles que estão engajados neste tipo de encontros (e pelas muitas igrejas que imitam este estilo em suas reuniões semanais) é que muitos daqueles que “decidem-se por Cristo” logo desertam. A porcentagem dos que tornam-se verdadeiros discípulos de Cristo é muito, muito pequena. Nossa explicação para a taxa de abandono é que muito das conversões são apenas psicológicas, resposta às várias pressões não espirituais que são aplicadas; isto é, a *emocional* (música), a *social* (a multidão), e, dependendo de qual mensagem é dada, a *carnal* (desejo por “fogo seguro”, solução de problemas pessoais, etc.). O antídoto é pregar o evangelho sem enfeites. O evangelho em si, separados de seus invólucros, é o “poder de Deus para a salvação” (Rm 1.16). Se uma pessoa tiver de ser verdadeiramente convertida, o Espírito Santo deve persuadir o coração e mudar a vontade. Tudo o mais é uma falsificação.

3. A confiança nos meios ordenados nos guarda de fazer concessões. Se você está convencido de que somente Deus pode converter um pecador, que ele o faz através da mensagem do seu evangelho, então você não será tentado a enganar-se quando a mensagem for rejeitada. Quando o mundo responde ao evangelho com queixas de que ele é “muito duro”, ou “muito sério”, ou “muito negativo”, o que sempre tem sido a resposta do mundo, a tentação para tornar a mensagem aguada pode ser enorme. Muitos ministérios tem sido reduzidos a entretenimento de bodes, como William Still os chama, em vez de alimentação de ovelhas. “Deixem os bodes entreterem os bodes”, ele diz, “e deixe-os fazê-lo na bodelândia”.¹

1. William Still, *Work of the Pastor*, p. 8.

Paulo, em seus dias, advertiu sobre isso:

Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas (2Tm 4.3, 4).

Sua resposta? “Prega a Palavra ... corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina” (2Tm 4.2). Ele disse sobre seu ministério:

Pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade (2Co 4.2).

A convicção de que Deus é soberano faz isso com uma pessoa. Ele olha para Deus e não para a genialidade humana. Ele não é tentado a fazer do evangelho algo mais saboroso às pessoas do mundo. Ele sabe que o evangelho não é saboroso. Isso é esperado. Ele sabe que o coração não regenerado é duro. Ele sabe que este coração não pode entender o que estamos dizendo (1Co 2.14). O que devemos fazer então? Proclamar o evangelho. Ele é o poder de Deus. Ele é “vivo e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes”. Pode-se confiar que Deus opera através dos meios estabelecidos, sem manipular a audiência ou a mensagem. Deus encoraja Paulo a continuar em Corinto dizendo: “pois tenho muito povo nesta cidade” (At 18.10). Eles ainda não eram convertidos, mas seriam. O próprio evangelho seria o meio de

desenterrá-los. Eu creio que o mesmo é verdade para nós hoje. Não precisamos usar pressão psicológica. Isso de qualquer modo não funciona. Não precisamos suavizar a mensagem. Ao fazê-lo, enfraqueceríamos sua eficiência. O que precisamos fazer é depender dos meios estabelecidos por Deus e sair do caminho.

Tristemente, a popularidade dos truques nas igrejas revela falta de fé no evangelho. Atrás dos shows de cães e pôneis está uma falta de fé no Deus que deu o evangelho. Quando as pessoas começarem novamente a crer na soberania de Deus, eu suspeito que muitas destas novidades sairão de cena. O programa das igrejas serão reduzidos e simplificados, pregaremos, oraremos e observaremos a mão poderosa de Deus trabalhando.

Em segundo lugar, *as doutrinas da graça encorajam e motivam o evangelista*. Em vez de destruir o incentivo ao evangelismo, as doutrinas da graça freqüentemente têm motivado os servos de Cristo a proclamarem o evangelho nas situações em que às vezes pareciam impossíveis. Por quê? Porque Deus pode mudar o coração de qualquer pessoa. Se o “coração do rei” está nas mãos do Senhor, e ele o dirige para onde quer, e o rei é o último em soberania pessoal, sempre fazendo sua própria vontade (exatamente o ponto do provérbio), então Deus pode dirigir o coração de qualquer pessoa – do apóstolo Paulo – de qualquer pessoa (Pv 21.1). Esta convicção tem encorajado homens a defender a verdade em face do ridículo, da violência e da morte. Tem dado a eles a confiança de sucesso em meio a hostilidade, apatia e incompreensão dentro e fora de casa. Aqui está a diferença. O Arminiano prega com a visão de Cristo mansamente batendo na porta do coração do pecador. Jesus espera. O evangelista espera.

Nada pode acontecer até que a soberana vontade do homem permita a ajuda de Deus. Um coração duro pode parecer particularmente sem esperança nestas circunstâncias. A Bíblia apresenta uma imagem completamente diferente. Jesus não está esperando passivamente. O Espírito convence o pecador que então abre a porta. Jesus não depende da vontade humana.

Por séculos, os grandes evangelistas e missionários protestantes têm crido nessa mensagem. A Reforma do século dezesseis foi, antes de mais nada, um reavivamento religioso. Seus líderes eram mais do que teólogos. Eles eram, em primeiro lugar, pregadores do evangelho e evangelistas. Todavia, muitos deles criam na soberania de Deus. Os grandes pregadores do século dezessete criam assim. John Bunyan era um deles. O maior evangelista que já viveu, George Whitefield, a estrela do Despertamento Evangélico do século dezoito, foi outro. Os outros homens do período do “Grande Despertamento”, excetuando os irmãos Wesley (a quem Packer, entretanto, chama de “Calvinistas confusos”), criam na soberania de Deus. No século dezenove, o inglês batista, Charles Haddon Spurgeon, e no século vinte, confessadamente o período de maior insucesso do Calvinismo Bíblico, Bill Bright, fundador da Cruzada Estudantil para Cristo, e D. James Kennedy, autor do Evangelismo Explosivo, ambos crêem na soberania de Deus.

Quanto aos missionários, virtualmente cada um dos fundadores dos modernos movimentos missionários aceitavam a soberania de Deus na evangelização. Pode-se começar com o pai das missões modernas, William Carey, e seus companheiros de trabalho entre os Batistas. Os não conformistas: Robert Morrison, missionário na China, e

Robert Moffat, missionário na África. Os líderes do movimento de missões na Igreja da Inglaterra, Henry Venn, John Newton, Richard Cecil e Thomas Scott. Na Escócia, John Wilson, John Anderson, Alexander Duff, David Livingstone, John G. Paton e os missionários pioneiros. É uma coisa notável, contudo verdadeira. Ao invés de debilitar o evangelismo e as missões, a doutrina da soberania de Deus parece promovê-los. Dallimore, o biógrafo de Whitefield, sugere que isso era verdade acerca de Whitefield pelas mesmas razões que expomos. Ele pregou com a confiança de que Deus “é capaz de salvar até o último”. Ele pode mudar o coração humano.

Eu fui ordenado ao ministério do evangelho há quinze anos. Tem havido um número de pessoas durante estes anos acerca dos quais pensei: “Elas nunca serão alcançadas”. Talvez você saiba de tais pessoas em seu próprio círculo de ministério. Você pode ter um irmão ou parente, filho ou vizinho endurecido para com o evangelho. Você é tentado a pensar sobre eles: “eles nunca serão convertidos”. Você é tentado a desistir deles.

Nunca desista. Você pode perguntar a minha esposa, eu nunca desisti de uma pessoa. Por quê? Não por ser generoso. Eu não desisto porque eu creio na soberania de Deus. Deus pode salvar qualquer um. Jonathan Edwards escreveu uma vez um livro sobre conversões surpreendentes. Temos visto algumas conversões surpreendentes. Continuemos a testemunhar, do púlpito e do banco da igreja, semana após semana, aos corações e cabeças duras porque, se eles devem ser salvos, é o evangelho que o fará.

As doutrinas da graça fazem diferença? Ah sim, fazem. Elas nos forçam a depender de Deus e não de nós

mesmos. Elas nos dão confiança e esperança na tarefa de testemunhar o evangelho. E estou convencido de que quando o reavivamento chegar, serão estas convicções que abrirão o caminho.

6 Santificação

Por favor, leia Romanos 6.1–11; 7.7–8.4

Há alguns anos, um jovem universitário veio a mim para uma atividade social e começou a falar sobre sua experiência espiritual. Logo pude ver que ele estava perturbado com alguma coisa. Ele me falou sobre sua intenção de ir a Israel para que pudesse “sentir-se mais perto de Deus”. Quando eu lhe disse que estava preocupado, pois ele estava a caminho de um profundo desapontamento, visto que a intimidade com Deus nada tinha a ver com a geografia, sua face assumiu uma expressão de desespero. Eu perguntei: “O que é que está preocupando você?” Finalmente ele desabafou. Ele disse:

Quando me tornei um cristão, disseram-me que eu teria uma “vida abundante”. Eu teria paz e alegria, e seria feliz. Eu fui, por um tempo. Mas para ser honesto, descobri que a vida cristã é difícil. Eu luto com o pecado e com a fé. E por causa desta luta eu não tenho a alegria que deveria ter. As pessoas me dizem

que não sou uma boa testemunha por causa de meu desânimo. Isso tudo me faz querer desistir. Isso não está trabalhando a meu favor. Assim penso que se for a Israel, poderia encontrar o segredo da vida cristã.

Como você teria aconselhado esta pessoa? Suas expectativas (de consolo) eram razoáveis? Sua experiência (de luta) é indicativo de uma vida cristã defeituosa? As questões que levantamos aqui são estas. Como aqueles que são salvos fazem progresso na vida cristã? Qual é o caminho que está adiante? O que podemos esperar? O que devemos fazer para crescer diariamente no amor e no conhecimento de Cristo? Através de árduos esforços? Ou sem esforço algum? É algo que eu faço, ou algo que Deus faz? É através da conformidade à lei, ou através do livrar-nos da lei? Existe um segredo, ou uma fórmula especial para o sucesso? Ou é algo mais ordinário e difícil?

Anselmo da Cantuária, o primeiro teólogo a articular claramente o conceito de “satisfação” da obra expiatória de Cristo, frequentemente dizia a seus caluniadores: “Vocês ainda não consideraram quão grande é o peso do pecado.” Anselmo dizia que este era o problema com aqueles que reduziam a morte de Cristo a uma questão de influência moral. Este também é o problema com aqueles que reduzem a santificação a uma experiência instantânea, ou a um ato especial da fé, ou a uma questão de contemplação mística, ou a um processo mecânico. Eles não entendem o quanto há para vencer. Santificação tem a ver com tornar-se santo. Ela significa ser separado moral e espiritualmente. Significa tornar-se como Cristo. Como ela acontece? Novamente aqui, crer na soberania de Deus faz uma diferença prática vital. Alguns dizem:

“Você não consegue fazer isso”, e convidam à complacência e carnalidade. Outros dizem: “Você consegue fazer isso” e convidam à justiça própria e farisaísmo. A fé bíblica chega a um meio termo. Por um lado, ela nos resgata do legalismo e do moralismo (como se a santificação fosse somente uma questão de esforço moral), e por outro lado ela nos salva das falsas expectativas de consolo. Ela capta o equilíbrio entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana, tão poderosamente descrita na exortação de Paulo: “desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.13,14). Deus está trabalhando e contudo nós “desenvolvemos (nossa) salvação”. Deus a faz, contudo nós a fazemos. Deus é soberano, contudo o homem é responsável.

O PODER DA SANTIFICAÇÃO — O ESPÍRITO SANTO

Jesus disse: “... sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). Somente quando estamos unidos a Cristo podemos alcançar alguma coisa espiritualmente. A turma do “podemos fazer por nós mesmos” precisa ouvir isso e levá-lo a sério. À parte dele nunca faremos. Como podemos estar unidos a ele? O Espírito Santo nos une a Cristo. Como ele faz isso? Primeiramente regenerando-nos e a seguir operando a fé em nossos corações. A fé nos une a Cristo e a seus benefícios. Isso tem sido geralmente entendido como referindo-se à justificação. Paulo diz: “no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados” (Ef 1.7). Mas isso é também verdade sobre a santificação. Ele é nossa “santificação” (1Co 1.30). Como assim? De duas maneiras.

Em primeiro lugar, em Cristo *o poder do pecado foi quebrado*. O Espírito Santo nos une a Cristo em sua morte para o pecado. Este é o objetivo do apóstolo em Romanos 6:

Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isso: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos (Rm 6.5,6).

O “velho homem foi crucificado com ele”. O “corpo do pecado” foi destruído” (*katargeo*, tornar ineficaz, impotente, inativo; abolir, eliminar, anular). O que isso significa? Observe o resultado. O propósito de Deus ao unir-nos a Cristo em sua morte é “para que não sirvamos o pecado como escravos”. O objetivo é que deveríamos “andar em novidade de vida” (Rm 6.4). O velho poder escravizante do pecado foi quebrado em Cristo. Agora é possível um novo tipo de vida.

O autor da carta aos Hebreus usa a mesma palavra ao dizer:

Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo (Hb 2.14).

Ele “participou” de nossa natureza (isto é, foi unido a nós em nossa humanidade) para que ele pudesse “destruir àquele que tem o poder da morte” o diabo. Isso ele certamente fez, com o seguinte resultado,

E livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida (Hb 2.15).

Fomos libertos da “escravidão”. Não somos mais escravos do diabo, do medo, do pecado e da morte. Seus poderes foram quebrados. “Porque o pecado não terá domínio sobre vós” (Rm 6.14).

Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça. (Rm 6.17,18)

Aqueles que nasceram de novo pelo Espírito de Deus estão libertos do poder escravizante, dominante e tiranizante do pecado. Eles experimentaram, nas palavras de John Murray, “um rompimento radical com o poder e amor ao pecado”¹. João expressa categoricamente o resultado da mudança:

Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus (1Jo 3.9).

Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé (1Jo 5.4).

Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o Maligno não lhe toca (1Jo 5.18).

1. John Murray, *Redemption Accomplished and Applied*, p. 143.

O resultado do novo nascimento é a libertação do pecado habitual (o tempo presente no grego – “ele não pode pecar” – significa que ele não pode praticar o pecado habitualmente ou caracteristicamente). A pessoa regenerada “vence o mundo”. Em outra parte, Paulo diz que quem está “em Cristo” é “uma nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2Co 5.17). Em Cristo temos uma nova libertação, uma nova liberdade e um novo mestre.

Em segundo lugar, *o poder de Deus é dado* em Cristo. Não apenas algo foi tirado (o poder do diabo), mas algo diferente foi dado (o poder de Deus). Deus nos deu seu Espírito, e “onde o Espírito do Senhor está, há liberdade”. Além disso,

... todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito (2Co 3.18).

Note o tempo passivo: “Somos transformados”. Por quem? Esta é a obra do Espírito. Do mesmo modo, Paulo ora: “O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo” (1Ts 5.23). Deus santifica. Isso é algo que ele faz. Você deseja ser mais amável? Ser mais alegre? Estar mais em paz consigo mesmo? Ser mais paciente? Ser mais controlado? Tudo isso é fruto do *Espírito* (Gl 5.22, 23). O Espírito produz estas coisas.

Não podemos viver a vida cristã por nossa própria força. Somos muito corruptos, muito fracos e muito insensatos. Quando uma pessoa une-se a uma igreja, ela promete “esforçar-se para viver de modo a tornar-se um

seguidor de Cristo”. Se isso fosse tudo o que o voto expressa, seria um voto perigoso de se fazer. Mas esta promessa de obediência é introduzida pela afirmação de que a pessoa faz isso “em humilde dependência da graça do Espírito Santo”. Os votos de membresia reconhecem que não podemos fazer estas coisas *por nossas próprias forças*. Lutero escreveu,

Se confiássemos em nossa própria força,
Nosso esforço seria desperdiçado;
Se não fosse o homem reto ao nosso lado,
O homem escolhido pelo próprio Deus.
Pergunte quem pode ser?
Cristo Jesus, é ele;
O Senhor Tsebaoth é seu nome,
De eternidade a eternidade o mesmo,
E ele deve vencer a batalha.

“Ele deve vencer a batalha”, diz Lutero. É aqui que a santificação começa. Algumas pessoas estão cometendo o erro de tentar viver a vida cristã por sua própria força. E estão falhando. Talvez você seja uma delas. Por anos você está tentando vencer seus pecados. Mas tem falhado. Seu temperamento está fora de controle. Suas concupiscências estão consumindo você. Você não tem paciência. Você ainda ama o mundo, “a concupiscência dos olhos e a concupiscência da carne”. Você gosta muito das coisas e das opiniões do mundo. Muitas vezes você é indiferente acerca das coisas de Deus. Você pode frequentar a igreja ou deixá-la. Você pode ensinar a Bíblia, orar e ter comunhão, ou abandonar estas coisas. Você não sente responsabilidade para com o perdido. Muitas vezes você tem aversão por estas coisas em você mesmo. Você quer

obter a vitória sobre elas e simplesmente não consegue. Você quer ser um cristão melhor, mas parece não ser capaz de conseguir.

As doutrinas da graça nos ajudam nisto. Leve a sério sua própria depravação. Não seja ingênuo acerca de seu próprio potencial. Você não pode viver a vida cristã por sua própria força. Se pensa que pode, “você ainda não considerou quão grande é o peso do pecado”. O pecado é muito forte. A depravação é muito penetrante.

Algumas formas de pensamento cristão e sub-cristão têm semeado confusão entre muitos na igreja. Pelo fato de eles minimizarem o pecado, eles têm reduzido o Cristianismo a um sistema de moralidade. Em suas formas extremas, Cristo torna-se apenas um exemplo para nossa vida, não um Salvador. Não precisamos de um Salvador, eles afirmam. O que precisamos é de um exemplo. Uma vez que o temos, somos capazes de seguir o exemplo e viver adequadamente. Mesmo as formas mais moderadas desta linha de pensamento, os quais ainda reconhecem que necessitamos de um Salvador, exaltam tanto a habilidade humana e a vontade do homem, que concluem que o homem é capaz de reformar-se a si mesmo – para crer e obedecer a Cristo. Concordamos que a Bíblia possui um sistema de moralidade e que Cristo é um exemplo, mas que você não pode viver o sistema ou seguir o exemplo. Seu coração deve ser mudado primeiro. A seguir, ele deve ser enchido com o Espírito Santo. A primeira questão levantada pela falha em crescer em Cristo é: você está *em Cristo*? Você nasceu de novo? O Espírito Santo está habitando em você, está mudando seus desejos? Isso é o que invariável e infalivelmente o Espírito faz. Ele está? Volte aos primeiros fundamentos.

Você se deu completamente a Jesus Cristo? Ele é seu Salvador e Senhor? Somente se ele for, você pode esperar obter sempre a vitória sobre o pecado, falhas de caráter e insensatez.

Talvez você seja um cristão. Mas tem recorrido ao Espírito Santo? A santificação é um ato de fé, visto que a pessoa deve confiar em Deus para isso. Esta confiança é expressa em orações, no estudo bíblico e meditação e no uso dos meios de graça. “Porque eu creio que sou fraco e tu és forte, eu oro, ó Senhor, para que me ajudes. Dá-me o poder e a sabedoria que necessito para servir-te”. Com base nesta oração, a pessoa, então, abre a Bíblia, vai a igreja e procura a companhia de outros crentes. Por quê? Porque cremos no que Deus diz a nosso respeito. Somos fracos. Precisamos ter sua força se queremos ser bem sucedidos. Você está fazendo isso?

Eu oro com uma lista de oração. No topo de minha lista de pedidos está um grupo de qualidades de caráter que eu gostaria de ver em mim mesmo. Sou muito impaciente. Não sou sensível o suficiente. Preciso de sabedoria. Como vou conseguir vitória nestas áreas? Somente quando eu peço a Deus por força, e uso os meios de graça fielmente. A conclusão é que *não podemos fazer estas coisas por nós mesmos*. “Se confiássemos em nossa própria força, nosso esforço seria desperdiçado”. Se queremos vencer, “ele deve vencer a batalha”.

O PROCESSO DE SANTIFICAÇÃO — COMBATE

Até agora temos visto que a santificação é uma obra de Deus. Ele quebra o poder do pecado. Ele nos dá sua força. É neste ponto, contudo, que o “outro lado”, o

“somente Deus faz” abre caminho para um erro. Eles lêem em suas Bíblias tudo que temos visto e compreendido, “mas eu ainda luto com o pecado. Seu poder não foi quebrado. Eu não experimento o poder de Deus em minha vida como penso que deveria.” Assim eles começam a procurar o ingrediente ausente em sua experiência cristã. Nos últimos 150 anos não tem havido falta de pessoas prontas a fornecer este ingrediente para eles. Alguns têm visto a santificação como acontecendo através de um ato especial de fé, por meio do qual a pessoa poderia “considerar-se” a si mesma “morta para o pecado” (Rm 6.11). Quando o pecado é adequadamente “considerado”, a pessoa experimenta, naquele momento, a santificação pela fé, do mesmo modo que experimentou a justificação pela fé.

Outros imaginam que uma pessoa pode ser santificada através do ato passivo de submissão a Deus. Segundo este esquema, todo o problema com muitos cristãos é que eles estão se esforçando. O que eles devem fazer é parar de se esforçar. Eles devem submeter-se a Deus, “solte-se e deixe Deus agir”. Somente quando eles fizerem isso, alcançarão uma “vida superior”, experimentarão uma “vida vitoriosa”, ou uma “vida abundante”, como variadamente tem sido chamada.

Outros ainda imaginam uma segunda obra do Espírito, subsequente a conversão. Algum tempo depois da pessoa ser salva e receber o Espírito pela primeira vez, ela pode receber a capacitação especial do Espírito, algumas vezes chamada de “batismo” ou “enchimento” do Espírito.

Estes ensinamentos, todos idealizados para eliminar a luta com o pecado, dão origem a expectativas não realistas e danosas. Cada um desses conceitos tenta minimizar a luta

inerente à vida cristã. Como o sujeito mencionado no início de nosso estudo, às pessoas podem ser levadas a crer que se apenas tivessem bastante fé, ou se submetessem adequadamente, ou “se considerassem”, ou recebessem o “enchimento” ou “batismo”, elas seriam lançadas para um plano superior de vida cristã, acima de toda luta e esforço, experimentando o repouso. Para elas, a vida torna-se uma luta constante (bastante ironicamente) para encontrar este plano, e poucos, ou ninguém, a encontram. A explicação não está clara para eles. Sem entrar em todos os detalhes exegéticos (ver os livros de John Stott, *Baptism and Fullness* [Batismo e Plenitude], de J. I. Packer, *Keeping in Step With the Spirit* [Mantendo o Passo com o Espírito], e de Warfield, *Perfectionism* [Perfeccionismo]), o problema básico é um conceito errôneo do que podemos esperar como cristãos neste mundo. A verdade é como segue.

Primeiro, o processo da santificação é apenas isso, um *processo*. Ao contrário da justificação, a santificação (tornar-se santo e como Cristo) não acontece em um momento do tempo. Ela não é um evento instantâneo. É, antes, um processo diário de crescimento na graça. A justificação é uma questão de ser *declarado* justo, como num tribunal de justiça. A santificação é uma questão de *experimentar* a justiça no caráter e na conduta de uma pessoa, de *realmente tornar-se* justa. Diária e progressivamente, morremos para o pecado e nos tornamos justos.

Segundo, o processo de santificação pode ser caracterizado como um *combate*. Podemos concordar que muitos cristãos falham em utilizarem-se dos recursos que são seus no Espírito Santo. Podemos concordar que alguns que trabalham tristemente e em derrota, precisam saber que

somos mais que vencedores em Cristo. Mas a solução não é evitar a realidade do conflito e da luta, mas admiti-lo. Enfrentá-lo de frente. Este, de fato, é o quadro bíblico. Se queremos obter vitória sobre o pecado, é requerida uma ação violenta, até mesmo vigorosa. J. C. Ryle, em seu clássico estudo intitulado *Holiness*, diz: “Uma violência santa, um conflito, um combate, uma luta, uma vida de soldado, uma contenda são mencionadas como as características do verdadeiro cristão.” Ele cita o ensino “tentado e aprovado” do livro *O Peregrino* como a expressão clássica da vida cristã.² Sua vida era um conflito contínuo.

Mas você pergunta: o que a Bíblia diz? Bem, escute. Deixe a Escritura falar a você. A Bíblia diz que devemos, “revestir-nos de toda a armadura de Deus” e na mesma passagem refere-se a “nossa luta”! Eis a palavra desprezada – “luta”. Estamos em uma “luta” contra os “dominadores deste mundo tenebroso...”. Devemos “tomar” nossa armadura. Devemos “estar firmes”. Devemos estar “vigilando com toda perseverança e súplica” (Ef 6.11–18). É esperado que tenhamos “crucificado a carne com suas paixões e concupiscências” (Gl 5.24). Isso requer ação violenta de nossa parte. Jesus ensinou que se nosso olho direito nos fizesse tropeçar, deveríamos arrancá-lo fora, e se nossa mão direita nos fizesse tropeçar, deveríamos cortá-la fora (Mt 5.29, 30). Devemos “considerar os membros de (nossa) natureza terrena como mortos” para o pecado, “nos despojarmos” (de nossos pecados) e “nos revestirmos do novo homem” (Cl 3.5, 8, 10). Não deve ser isso um esforço antigo. Ele é contínuo. “Se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis”

2. J. C. Ryle, *Holiness*, pp. xvi, xvii.

(Rm 8.13). Somos comparados a soldados, atletas, agricultores “diligentes”, trabalhadores, bons servos (2Tm 2.1–24).

A própria experiência de Paulo é instrutiva neste aspecto. Ele compara sua vida cristã com uma corrida que ele corre para vencer, e a uma luta de boxe que, igualmente, ele luta para vencer. Ele diz:

Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado (1Co 9.27).

No entanto, existe Romanos 7. Há um argumento considerável sobre se a experiência dos versos 14 e seguintes referem-se a Paulo antes ou depois de sua conversão. Estou convencido de que eles descrevem Paulo depois de sua conversão, porque ele desejava fazer o bem e até mesmo diz: “Porque, no tocante *ao homem interior*, tenho prazer na lei de Deus” (7.22). O homem interior do homem natural não pode nem mesmo entender as coisas do Espírito de Deus, sua mente nunca se regozija nelas (1Co 2.14). Eu creio que ele está descrevendo a luta de fé que o cristão experimenta. Ele deseja fazer o certo, mas falha. De fato, ele diz: “pois não faço o que prefiro, mas o que detesto” (7.15). O que está acontecendo? Os refugos do pecado, os resíduos do pecado que permanecem dentro dele, ainda o atormentam. Gálatas 5.17 poder ser o comentário perfeito de Romanos 7:

Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer.(Gl 5.17).

Meu primeiro encontro com Romanos 7 ocorreu na universidade, numa época em que eu estava lutando para viver a vida cristã. Ironicamente, eu estava lendo um livro de metodologia advocatícia, *"Higher Life"* (Vida Superior). Os versos 14 e seguintes eram citados diversas vezes no livro, e as palavras saltaram diante de mim.

Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto... Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço (Rm 7.15,19).

Eu pensava comigo mesmo, "este sou eu!" Isso expressa perfeitamente o que tenho experimentado em minha vida cristã. Eu tinha sido levado a crer que ela seria fácil. Descobri que ela era difícil. O mundo estava indo em outra direção. A carne me atormentava. O diabo me afligia. Como Paulo, eu criticava a Deus.

Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? (Rm 7.24)

Agora leia o próximo versículo, e não pare no "Graças a Deus". Leia o versículo todo:

Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado (Rm 7.25).

O Rabi Duncan costumava dizer a seu povo: "Vocês nunca se livrarão de Romanos 7 enquanto estiverem em minha igreja." Os "Comprometidos com a Vida Superior"

diziam: “Devemos conseguir nos livrar de Romanos 7 e entrar em Romanos 8”. Vocês não conseguirão isso sob meu ministério”, ele dizia. A fé cristã deve repudiar todas as formas de perfeccionismo. Você nunca alcançará. Você nunca escapará do conflito, da luta ou do sofrimento até estar na glória. Paulo esclarece qualquer confusão quanto a este considerar-se a si mesmo, dizendo:

Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus (Fp 3.12).

Soa desagradável? Não, é simplesmente realista. “Eu prossigo”. Esta é a chave para a santificação. O alvo é a perfeição. Você nunca a alcançará nesta vida. Mas capacitados pelo Espírito Santo prosseguimos para o alvo. Objetivamos o fim – semelhança a Cristo.

As doutrinas da graça fazem uma diferença prática significativa na questão da santificação, como temos visto. O pessimismo acerca da natureza humana produz uma forte ênfase na dependência do Espírito Santo. Todavia, isso não significa ser irrealista acerca do que é requerido de nós. O pecado não será vencido, mesmo no coração redimido, sem árduo esforço. Não há fórmulas mágicas. Não há “segredos” ocultos. Não há “chaves” especiais. Deus está trabalhando. Ele deve estar, ou não há esperança para nós. Mas nós também devemos “desenvolver nossa salvação”. Se há uma chave, é esta. Trabalhe, combata, lute – *porque* Deus está trabalhando.

7 Segurança

Por favor, leia Romanos 8.12–17, 28–39; 1 João 2.3–11

Vivemos em uma época de confusão teológica, prática e experimental. Quase não há um tema doutrinário que podemos considerar, sem ouvir uma dúzia de vozes clamando em uma direção contrária. Nosso presente estudo não é uma exceção. Você tem certeza de que é salvo? Deixando de lado, por enquanto, o sentimento universalista de que todo conceito de estar “salvo” é antiquado e mal orientado (porque, certamente, dizem, *todos* nós estamos), há dois pólos entre os quais a discussão ocorre. O primeiro responde a questão dizendo: “Segurança? Eu não penso que jamais poderia dizer que ‘sei’ que sou salvo. Isso seria presunçoso. Eu espero que seja, mas não tenho nenhuma certeza disto.” Ele pensa que não deveria atrever-se, e nem você deveria.

A segunda resposta, se posso caracterizá-la, é: “Certamente eu sou salvo – eu até fui à frente, não fui?” Os conselheiros que procuram aconselhar as almas desta perspectiva dirão: “Tudo que você precisa fazer é repetir

esta oração para receber a Cristo. Uma vez que você faça isso, você pode ter perfeita segurança de que você está eternamente salvo. Você compreende as promessas de Deus àqueles que crêem? Você crê? Então, duvidar delas, até mesmo por um momento, é chamar a Deus de mentiroso. Você não quer fazer isso, quer?" Segurança instantânea, fácil, é dada a todos sem exceção e sem demora.

Ambas as respostas têm problemas. Ambas são contrárias ao ensino bíblico. A primeira nega a possibilidade de segurança, a qual a Bíblia claramente ensina ser possível, desejável e até mesmo esperada. A segunda, falha em lidar adequadamente com profissões de fé em Cristo, que parecem genuínas, mas não são. Nossa geração tem visto milhões de "falsos professantes", embalados em sono espiritual pelas promessas de "segurança eterna", enquanto eles passam décadas em rebelião aberta e carnal. Pergunte-lhes se eles são salvos e eles responderão: "Ah, sim, eu sou salvo! Eu apenas não estou andando com o Senhor." Ou pior ainda: "Eu recebi Jesus como Salvador, mas ainda não o recebi como Senhor."

Este é um assunto vital. Por diversos anos, eu pessoalmente lutei para obter segurança. A luta teve o efeito tanto de aprofundar minha sede espiritual como de roubar-me a paz e alegria que deveria ter tido. Os filhos de Deus não deveriam viver com medo do futuro. Eles deveriam *saber* que têm vida eterna. Por outro lado, a segurança não deve ser tão facilmente encorajada e arbitrariamente dada para que cabritos e joios vivam seguramente em seus pecados.

Como, então, devemos proceder? Estabeleceremos dois pontos, os quais examinaremos sob três tópicos.

Primeiro, os verdadeiros crentes (os “eleitos”) estão eternamente seguros. Segundo, não é fácil determinar quem é crente verdadeiro.

SEGURANÇA ETERNA

Existe apenas um fundamento seguro sobre o qual se constrói a doutrina da segurança, e este é o imutável decreto da eleição. É exatamente isso o que Paulo faz em Romanos 8. Qualquer crente que parar para pensar sobre isso compreenderá que sua fé, ou sua “decisão”, ou qualquer coisa sua, é um fundamento fraco sobre o qual baseia a segurança. De fato, esta é a razão por que a segurança é impossível com base nas pressuposições Arminianas. Eles ensinam que a decisão de uma pessoa de crer e seguir a Cristo é a base da salvação dessa pessoa. Mas do mesmo modo como uma pessoa decidiu crer, ela pode decidir não crer. Do mesmo modo como uma pessoa obteve a salvação pela fé, ela pode perder a salvação pela incredulidade. A segurança é impossível, porque sempre existe a possibilidade de que amanhã a pessoa poderia deixar de crer. Pode-se ter segurança para este presente momento, mas não para o próximo, o que é o mesmo que dizer que absolutamente não se pode ter qualquer segurança. A segurança é impossível. Isso não tem impedido alguns de criar uma teologia Frankenstein (como o monstro, feito de pedaços e partes daqui e dali) que insiste no livre arbítrio até a pessoa “se decidir” por Cristo, e então argumenta que daquele ponto em diante ela está “selada” e segura. Se alguém pergunta: “E se eu decidir não crer mais?” Eles dizem: “Você não pode decidir não crer”. Ao que nós dizemos: “Amigo, onde está seu livre arbítrio

agora? Se o livre arbítrio é jogado fora em favor da soberania divina, neste ponto ilógico e inconsistente, qual é a objeção em afirmar a soberania durante todo o processo de salvação, *como a Bíblia faz?* Onde? Deixe-me mostrar a vocês. Entendemos que a Bíblia ensina o seguinte.

Primeiro, *Deus preservará seus eleitos*. A salvação é uma corrente ininterrupta, uma “corrente de ouro”, como tem sido chamada, começando com os propósitos eletivos de Deus na eternidade. Paulo escreve:

Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou (Rm 8.29, 30).

Estas palavras foram escritas a pessoas que estavam sofrendo perseguição. Eles precisavam de encorajamento. Eles estavam receosos de que poderiam render-se ao mundo devido ao peso de sua dor. Assim, Paulo escreve para edificar sua confiança. Note o tempo dos verbos. O pretérito perfeito em português equivale ao aoristo grego, indicando uma ação completada. Aquilo que encontra-se no futuro, nossa glorificação, é tão certa que pode ser falada como um fato consumado. Nós estamos “glorificados”. Os elos da corrente da salvação são todos certos e seguros. Aqueles “conhecidos de antemão” são “predestinados”, são “chamados”, são “justificados”, são “santificados” (ou “conformados à imagem de seu Filho”) e finalmente, “glorificados”. Ele não diz que eles “serão glorificados”. Eles já *estão* “glorificados”, tão infalíveis são

os propósitos de Deus para salvar seu povo. Você é um crente? Você o é porque Deus determinou salvar você, deu a você o dom da fé (Ef 2.8,9), e está preservando você para a glória. Você está tão seguro quanto aos propósitos eternos e imutáveis do Deus Todo-Poderoso.

É com base neste fundamento que o apóstolo pode, então, fazer as perguntas vitais, retóricas dos versos 31–35.

“Se Deus é por nós, quem será contra nós?” – É irrelevante, se alguém está contra nós e procura nos destruir, porque Deus é por nós.

“Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus?” – Visto que Deus é o Juiz, e Cristo intercede, quem se atreveria?

“Quem nos separará do amor de Cristo?” – Quem poderia? O amor de Cristo por nós está ancorado na eternidade. Nada no tempo, nada neste mundo poderia interferir ou rompê-lo. A eloquência de Paulo é tão poderosa para rompê-lo, quanto os exemplos que ele apresenta:

Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 8.35b, 37–39).

Do modo como Paulo coloca, talvez seja possível expressar a segurança do crente de forma mais convicta,

mas é difícil imaginar como! Nada no céu ou na terra, absolutamente nada, pode separar-nos do amor de Deus.

Ah, mas e se eu decidir parar de crer? Sendo admitido que nada fora de mim pode separar-me do amor de Deus, alguma coisa dentro de mim, digo, minha vontade, me separaria? Perguntamos a você: “sua vontade é uma coisa criada? Ele não diz: “nem qualquer outra criatura”? Se, a despeito de tudo o que Paulo está dizendo, eu tenho o poder de destruir minha alma caindo na incredulidade, suas palavras absolutamente não dão conforto. Sobre tudo, *isso* é a coisa que eu temo. O que eu estou temendo é que perderei meus nervos por causa da pressão do sofrimento. Quando Paulo diz: “nem qualquer outra criatura”, ele nos inclui. Nada, absolutamente nada, pode deter Deus em seu propósito de salvar-nos. Judas diz que ele “é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante de sua glória” (Jd 24). Ele é capaz! Jesus disse.

As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar (Jo 10.27–29).

Não estamos apenas seguros; estamos duplamente seguros, duplamente abrigados nas mãos do Filho e do Pai. Somos, seremos e não podemos ser outra coisa, senão, salvos.

Segundo, *o povo de Deus perseverará*. Ficamos novamente face a face com a tensão entre a soberania de Deus

e a responsabilidade humana. A soberania de Deus protege e preserva seu povo na fé. Eles não apostatarão. Ele não os deixará. O que, então, devemos fazer com todas as advertências acerca da apostasia e com as exortações condicionais sobre a perseverança? É realmente simples. Não se esqueça dos *meios*. Deus preserva seu povo, mas é mediante a própria perseverança, que os crentes genuínos são preservados. Eles *perseverarão*. Eles *devem* perseverar. É através da perseverança que Deus nos preserva. Certamente também podemos afirmar o inverso. Através de seu poder preservante somos habilitados a perseverar. Jesus disse:

Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo (Mt 10.22).

A pessoa que é “salva” é a mesma que “persevera”. Somente aqueles que perseveram são salvos. O poder preservante de Deus torna a perseverança tão certa que uma pessoa pode dizer que aquele que falha em perseverar estará perdido. Isso significa que a imagem de Deus puxando-nos para o céu, reclamando e gritando, está errada. Semelhantemente, a imagem do “crente” presunçoso, carnal e feliz em sua rebelião e perversão, está errada. O decreto da eleição garante que aqueles que são salvos, continuarão a servir fielmente a Cristo.

Há uma importante carta no Novo Testamento dedicada ao tema da perseverança. O autor da carta aos Hebreus repetidamente adverte àqueles que são tentados a abandonar o Cristianismo (neste caso pelo Judaísmo) para que devam perseverar ou senão, estão perdidos.

Deve-se continuar na fé e prática certas. Deve-se continuar na fé, no amor e na obediência. “Temamos, portanto,” ele lhes fala, “que, sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado (Hb 4.1). Isso não deixa espaço para a presunção. Uma pessoa pode “não alcançar” a promessa de descanso que Deus dá para seu povo. Mais severamente, o autor adverte:

É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia (Hb 6.4–6).

É notório que existam versos difíceis, os quais não podemos examinar detalhadamente. O que podemos ver é que existe a possibilidade de apostasia; alguns tinham “caído”, e a chave para o gozo permanente dos dons da salvação é a perseverança. Ainda mais fortemente, ele adverte:

Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários. Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo (Hb 10.26,27,31).

A seguir, ele os exorta, e também a nós:

Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa (Hb 10.36).

“Temos a necessidade de perseverança” porque é somente quando “fazemos a vontade de Deus” que receberemos as promessas do evangelho. Estamos dizendo que uma pessoa pode perder sua salvação? Não! Estamos dizendo que uma pessoa que falha em perseverar, demonstra que ela nunca foi eleita. João diz: “eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos” (1Jo 2.19). A soberania de Deus assegura que seu povo perseverará. Se eles não o fizerem, isso indica que eles não eram seu povo.

A tradição reformada geralmente não tem estado confortável com a terminologia “segurança eterna”, porque ela negligencia este aspecto da responsabilidade humana e enfraquece o poder destas advertências. Os crentes genuínos precisam ser incitados ao discipulado fiel. Os hipócritas precisam ser despertados ou afugentados. Devemos, em vez disto, falar da “perseverança dos santos”. Concordamos que a soberania de Deus garante que perseveraremos, mas ainda, devemos perseverar. “Se perseveramos,” diz Paulo condicionalmente, “também com ele reinaremos” (2Tm 2.12). O eleito “vence o mundo”; ele não é vencido pelo mundo (1Jo 5.4). Jesus disse:

Se permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos... (Jo 8.31).

Os eleitos estão seguros. Eles são “guardados pelo poder de Deus” (1Pe 1.5). Ele promete preservá-los. Por-

que ele promete, eles perseverarão até o fim. Isso pode parecer um ensino áspero e, abordado de um ângulo, ele é. Mas também é tranquilizador. Eu *perseverarei*! Embora fraco, tentado, vulnerável, e às vezes, apavorado, eu continuarei na fé. Deus promete “guardar-me de cair”. Eu perseverarei.

A SEGURANÇA PODE SER DIFÍCIL

“Segurança eterna”, como a temos chamado, é a realidade objetiva que os verdadeiros crentes possuem. “Segurança” é a certeza experiencial de se possuir a segurança eterna. Uma é o fato; a outra é o sentimento. Contrário às suposições comuns, o sentimento ou senso de segurança pode não vir facilmente. Não queremos dizer que isso sempre acontece, ou que, a segurança não é experimentada por alguns imediata e profundamente. De fato, parece que Deus freqüentemente dá àqueles vindos de formação não cristã um poderoso senso de segurança, ao menos inicialmente.

Mas o Novo Testamento, geralmente não nos leva a esperar que esta seja a norma. Na verdade, o problema pastoral que mencionamos acima, a fé falsificada, é tão comum e há uma preocupação tão predominante, que a necessidade de agir contra ela, assegura que a verdadeira segurança freqüentemente não virá facilmente. Os pastores não deveriam estender a segurança direta e indiscriminadamente a todos que se professam crentes, porque nem todos que professam a possuem! Advertências são endereçadas repetidamente a crentes professos e a membros de igrejas, para examinarem-se a si mesmos e arrependem-se, ou tomarem cuidado. Eis a razão.

Em primeiro lugar, *é difícil distinguir o verdadeiro do falso crente*. O trigo e o joio, enquanto sementes e arbusto, pois não são diferentes visivelmente. Somente quando o trigo produz fruto pode ser distinguido do joio, até então, nesta época, eles são inseparáveis (Mt 13.24–30). O semeador lança a semente que é frutífera três vezes, mas duas delas não são genuínas. Tanto o solo rochoso quanto o espinhoso produzem fruto inicialmente, o primeiro até mesmo recebe a Palavra “com alegria” (Mt 13.20). A diferença entre o solo bom e estes não é visível aos olhos. A primeira vista eles parecem iguais.

Em segundo lugar, *o falso crente pode aproximar-se tanto da fé genuína a ponto de enganar-se a si mesmo e a outros*. João lidou com pessoas que faziam reivindicações profundamente espirituais acerca de si mesmos. Elas estavam dizendo que tinham “comunhão” com Deus, que “não tinham pecado”, que “o tinham conhecido”, que “permaneciam” nele, e que estavam “na luz” (1Jo 1.6, 8, 10; 2.4, 6, 9). João nega que qualquer uma de suas reivindicações fosse verdadeira. O escritor da carta aos Hebreus fala daqueles que tinham sido “iluminados”, “provaram o dom celestial”, tinham “se tornado participantes do Espírito Santo”, tinham “provado a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro”, e tinham recebido “o pleno conhecimento da verdade” (Hb 6.4, 5; 10.26). É difícil imaginar uma descrição mais completa da experiência cristã do que esta, e todavia era falsa para alguns. Vidas podem até mesmo passar por mudança extensivas e externas. Pedro fala daqueles que “escaparam das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo” e todavia “se deixam enredar de novo e são vencidos” (2Pd 2.20, 21). Até que ponto eles

tenham realmente “escapado”! Paulo pode falar de Demas como “meu cooperador” (Cl 4.14; Fm 24), e todavia, mais tarde, lamentar que “Demas, tendo amado o presente século, me abandonou” (2Tm 4.10). Paulo fala daqueles que eram tão dedicados a ele e seu evangelho, que teriam arrancado seus próprios olhos e lhe dado se pedisse. E contudo, por causa de seu flerte com a heresia, ele teme que possa ter trabalhado “em vão” (Gl 4.11). Uma pessoa pode progredir muito na caminhada cristã e opor-se intimamente a toda graça interna e mudança externa da vida.

Em terceiro lugar, *por estas razões o critério para a segurança deve ser rigoroso*. Tanto o auto-iludido como o conscientemente hipócrita devem ser advertidos, igualmente o desobediente. Repetidamente os crentes professos, membros da igreja visível, são claramente advertidos.

Deixe-me citar exemplos. Jesus disse que ninguém que diz: “Senhor, Senhor” (i.e. que faz uma profissão de fé verbal) entrará no reino, mas *somente* “aquele que *faz* a vontade de meu Pai que está no céu”. É previsto que um crente comprometido, ativo, chame a Cristo de “Senhor, Senhor”. “Muitos,” Jesus disse, “naquele dia, hão de dizer-me: ‘Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?’ Então, lhes direi explicitamente: ‘nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade’” (Mt 7.22, 23). Paulo lista vários pecadores, tais como fornicadores e ladrões, e conclui que eles não “herdarão o reino de Deus” (1Co 6.10). Em Gálatas ele argumenta, por quatro capítulos, que a salvação é totalmente de

graça. Então em 5.13, ele muda de direção, avisando as pessoas para não usarem da graça para dar ocasião à carne. Novamente, ele lista vários pecados (“obras da carne” tais como “impureza, inveja, ira”, etc.), e conclui “que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam” (Gl 5.21). Em Colossenses, ele novamente lista pecados e adverte que “por estas coisas é que vem a ira de Deus” (Cl 3.6). Em 1 Tessalonicenses, ele trata da imoralidade e adverte que “... o Senhor, contra estas coisas ... é o vingador” (1Ts 4.6). O ensino de Tiago é bem conhecido: “Assim também a fé sem obras,” diz ele, “é morta” (2.26). O exemplo mais vívido de todos está na carta aos Hebreus, com o aviso que já temos visto, começando com “se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo”, e conclui com “horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10.26–31). E poderíamos continuar.

Tem-se tornado prática comum nas igrejas evangélicas conceder segurança imediata e não qualificada àqueles que fazem uma profissão de fé. O resultado tem sido, estou convencido, dar segurança a milhares de pessoas que verdadeiramente nunca foram convertidas. Então, a fim de acomodá-los teologicamente, foi criada a categoria do “crente carnal”, uma noção nunca ouvida na história da igreja. O que é crente carnal? O crente carnal é uma pessoa que “recebeu a Cristo” mas que continua em pecado. Em vez de chamá-lo do que ele é – um hipócrita ou incrédulo – ele é acariciado com o título híbrido de “crente carnal”. Deste modo, um conceito não bíblico dá origem a um outro.

A questão que vem, a muitas de nossas mentes, não é teórica. “O que você me diz de fulano de tal?” Uma pessoa amada morna ou apóstata que uma vez professou a Cristo com entusiasmo, mas que caiu em desobediência.

Eles perderam sua salvação? Não, porque, como temos visto, a salvação não pode ser perdida. Mas novamente, é uma questão aberta, quanto a se eles foram ou não realmente salvos. Não podemos julgar. Somente Deus conhece o coração. Oramos por eles, os encorajamos e às vezes os exortamos. Mas o que *nunca* podemos fazer é confortá-los, e o Novo Testamento é claro sobre isso. Não há conforto, nem segurança, em qualquer lugar na Bíblia, para aqueles que professaram ou até mesmo para os que professam a Cristo e não andam com ele. Encontramos apenas advertências, cujas farpas são dirigidas para despertar a consciência dos obstinados e dirigi-los de volta ao rebanho de Cristo.

Todos pecamos. Todos tropeçamos, caímos e falhamos. Mas onde a rebelião (quer sutil ou aberta) tem se tornado característica de uma vida, onde a desobediência ou a frieza têm se tornado habitual, temos perdido qualquer direito a segurança; e insistir em chamar a mim mesmo ou a um outro de “cristão”, em tais circunstâncias, não é fé, mas presunção. “Se vocês me amam”, disse Jesus, “vocês guardarão os meus mandamentos”. Ou nas palavras de João: “Ora, sabemos que o temos conhecido por isso: se guardamos os seus mandamentos” (1Jo 2.3 e seguintes).

Eu admito que isso pode não soar igual ao que já tem sido ensinado a você. Mas gostaria de desafiar qualquer pessoa a encontrar alguma outra mensagem no Novo

Testamento. Se nossos amados e amigos devem ser despertados de qualquer modo, devemos deixar as flechas de Deus voarem velozmente, sem mascarar a morte com mil qualificações, até elas penetrarem nas juntas e medulas e despertarem uma fé verdadeira e permanente em Cristo.

A SEGURANÇA É ESPERADA

Enquanto que a segurança pode não vir facilmente, é esperado que o filho de Deus esteja certo de sua salvação. João declara que este é seu propósito ao escrever sua primeira carta:

Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus (1Jo 5.13).

“Mas eu não sei”, você suspira. Talvez você tenha lutado com a incerteza por anos. Você deseja experimentar a segurança de sua salvação, mas ela tem escapado do seu controle. Como observei acima, por muitos anos pessoalmente lutei com esta questão. Eu não me sentia salvo. Eu perguntava a mim mesmo se minhas crenças eram apenas uma questão de hábito herdadas de meus pais. Não é que eu duvidava de que a Bíblia era verdadeira, apenas se ela era verdadeira ou não *para mim*. O que podemos fazer para chegar à certeza?

Em primeiro lugar, *crer nas promessas de Deus*. Pode parecer óbvio dizer isso, mas às vezes é esquecido que a segurança é uma questão de fé, de crer nas promessas de Deus. Você crê na Palavra de Deus? Você se arrependeu

de seus pecados e recebeu a Jesus Cristo como Salvador e Senhor? Então aplique lógica estrita e fé positiva às promessas feitas aos crentes. A Bíblia não promete que “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”? (Rm 10.13) Sim. Você é um “todo aquele”? Sim. Então você está salvo? Sim, novamente. A Bíblia não diz que “para que todo aquele que nele crê não pereça mas tenha a vida eterna”? Você é um “todo aquele que”? Sim, você é. Você crê, no mínimo o suficiente para dizer. “Senhor, eu creio, ajuda-me na minha falta de fé”? Sim, você crê. Então qual é o resultado de sua fé? Você não perecerá. Será dada a você a vida eterna. Agora *creia* nestas coisas. Deus está dizendo isso sobre você em sua Palavra. Creia nele.

Em segundo lugar, *procure em sua vida o que era chamado de “sinais da graça”*. Em seu caráter e conduta existem evidências da obra do Espírito Santo? A suposição por trás desta aproximação, encontrada penetrantemente em 1 João, é que a verdadeira santidade é impossível para o não salvo. Onde a santidade está presente (e aumentando!), o Espírito deve estar presente; e vice-versa, onde não há santidade, não há Espírito. Se, contudo, a santidade está presente, podemos raciocinar dedutivamente que o Espírito está presente, e onde o Espírito está presente, deve haver fé genuína, regeneração e eleição. Isso não é tão complicado como pode soar. João repetida e simplesmente argumenta: “Se *isso*, então *aquilo*”.

Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado (1Jo 1.7).

Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça (1Jo 1.9).

Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; (1Jo 2.15)

Semelhantemente, ele argumenta. “Todos que fazem (ou não fazem) *isso* ou *aquilo*”.

Quem é o mentiroso, senão *aquele que nega* que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho (1Jo 2.22).

Se sabeis que ele é justo, reconhecei também que *todo aquele que pratica* a justiça é nascido dele (1Jo 2.29).

Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu. Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; *aquele que pratica* a justiça é justo, assim como ele é justo. Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isso se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo (1Jo 3.6–8).

Todo aquele que é nascido de Deus *não vive na prática* de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus. Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo. *todo aquele que não pratica* justiça não procede de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão (1Jo 3.9,10).

Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e *todo aquele que ama* é nascido de Deus e conhece a Deus. (1Jo 4.7)

Aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele, em Deus (1Jo 4.15).

Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois *aquele que não ama* a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê (1Jo 4.20).

Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido (1Jo 5.1).

Porque todo o que é nascido de Deus *vence* o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé (1Jo 5.4).

Sabemos que *tudo aquele que é nascido de Deus* não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o Maligno não lhe toca (1Jo 5.18).

Finalmente, ele pondera: “Por este ou aquele comportamento ou atitude, sabemos que somos crentes genuínos.”

Ora, *sabemos que o temos conhecido por isso*: se guardamos os seus mandamentos (1Jo 2.3).

Aquele, entretanto, que guarda a sua palavra, nele, verdadeiramente, tem sido aperfeiçoado o amor de Deus. *Nisto sabemos que estamos nele* (1Jo 2.5).

Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte (1Jo 3.14).

Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade. E *nisto conheceremos* que somos da verdade, bem como, perante ele, tranquilizaremos o nosso coração; (1Jo 3.18,19)

E aquele que guarda os seus mandamentos permanece em Deus, e Deus, nele. E *nisto conhecemos* que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu (1Jo 3.24).

Nisto conhecemos que permanecemos nele, e ele, em nós: em que nos deu do seu Espírito (1Jo 4.13).

Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e praticamos os seus mandamentos (1Jo 5.2).

Jesus ensinou a João que “pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7.15–20). Essencialmente é isso o que João está ensinando. Mas João, talvez, foi o primeiro a ensinar que uma vez que o fruto externo testifica da condição interior do coração, a regeneração de uma pessoa, e portanto sua salvação, pode ser conhecida através de um ato reflexivo. “Observe o fruto”, ele está dizendo. “Você entende o evangelho. O homem natural pode fazer isso? Certamente não, o evangelho é loucura para ele (1Co 2.14). Isso não é um sinal de que você é salvo? Você se entristece e confessa seus pecados. Você pensa que você mesmo operou isso dentro de você? Você guarda os mandamentos, você ama os irmãos, você não ama o mundo, você crê que Jesus é o Cristo. Um homem natural pode fazer estas coisas? Não existem sinais da obra do Espírito em sua vida e, portanto, eles não testemunham que você é um filho de Deus? Isso é, sem dúvida, o que Paulo quis dizer para fazermos quando ele nos exortou a “provar-nos” a nós mesmos, “examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé” (2Co 13.5). Igualmente, esta é a única coisa que Pedro poderia querer dizer quando concluiu sua longa lista de qualidades de caráter com a exortação.

Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum (2Pd 1.10).

Em outras palavras, uma pessoa torna-se segura de sua própria “chamada e eleição” observando o fruto do Espírito em seu caráter e comportamento. Isso nos guarda da segurança espúria e presunçosa, a segurança daqueles que dizem: “Senhor, Senhor”, mas não fazem a vontade do Pai.

Finalmente em terceiro lugar, procure o *testemunho interno, imediato do Espírito Santo*. Cremos que o apóstolo estava referindo-se a isso quando ele disse:

Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus (Rm 8.15, 16).

Coloquei isso em último, porque não creio que este testemunho interno aconteça em um vazio. Ele testifica que somos filhos de Deus através de sua Palavra, dos meios de graça, e através dos sinais da graça. Aqueles que têm falta deste testemunho celestial precisam buscá-lo, não através de experiências místicas, mas por meio das ordenanças da igreja. Entretanto, esse testemunho é direto, é uma comunicação espírito a espírito que não pode ser analisada, examinada ou explicada. J. I. Packer no livro *Knowing God* (O Conhecimento de Deus) se refere a uma velha senhora escocesa que disse: “isso é mais fácil de sentir do que de falar”. Não sabemos como sabemos, apenas sabemos. A ovelha conhece a voz do Pastor. Calvino comparava esta segurança ao sentido do paladar ou da visão. Como uma pessoa sabe que a noite é escura ou que o limão é azedo? Apenas sabemos; é verdade eviden-

te e autêntica e tão inegável quanto a própria existência. Deus concede este sentido espiritual a seus filhos. Ele o torna claro; ele o torna óbvio, real e inconfundível a eles. Ele nos dá a confiança que necessitamos para sentir-nos seguros.

Este é o equilíbrio da Escritura, e o equilíbrio que a igreja necessita desesperadamente.

A segurança é o direito de primogenitura do crente. A religião de Cristo torna a segurança possível. Você sabia que virtualmente ninguém falava de segurança até Lutero e Calvino surgirem? *Devem* ter segurança. *Devemos* buscá-la. Podemos estar seguros de que Deus a dará, também! Ele não recusará a segurança que precisamos e desejamos mais do que recusariam nossos pais terrenos. Mas não devemos esperá-la vir facilmente. A segurança é aquela certeza que somente vem juntamente com um andar firme, consistente, com o Senhor. Qualquer coisa menos que isso absolutamente não pode ser segurança, mas presunção. Os santos, se eles são santos, devem e querem perseverar.

8

Lei e Liberdade

Por favor, leia Mateus 5.17–22; Romanos 8.1–4

J. I. Packer chama a palavra “equilíbrio” de uma “palavra tímida, horrível”. Em geral, eu concordo com esta avaliação, e me encontro incomodado por poucas coisas, inclusive com a preocupação em manter uma “vida bem arredondada”. Sinto-me incomodado com aqueles cristãos professos, cuja principal ambição não é ser diferente, ou andar muito distante da tendência atual. Particularmente “não sou entretido”, como a Rainha Vitória colocaria, por aqueles que estão tentando equilibrar-me.

Todavia, temos constantemente apelado para o “equilíbrio” da fé reformada, encontrando em sua teologia cuidadosa e séria, a cura para o que aflige o crente e a igreja moderna. Seu equilíbrio entre a soberania divina e a responsabilidade humana provê repetidamente o discernimento necessário para manter a fé cristã em sua perspectiva apropriada: humildade sem aviltamento, contentamento sem fatalismo, testemunho sem manipulação, santificação sem passividade ou legalismo, e segu-

rança sem presunção. Todavia, em parte alguma o equilíbrio da fé reformada é mais óbvio do que na relação entre a lei e a liberdade.

A maior parte do ensino popular atual sobre a vida cristã, falha em mencionar qualquer padrão pelo qual avalia ou guia nossa conduta. Tipicamente, estas obras falam vagamente sobre “tornar-se como Cristo”. As escolhas morais são igualmente determinadas de maneira vaga pela “direção do Espírito Santo”, ou pelo “fazer por amor”. Estes sistemas de teologia, tanto o liberal como o evangélico, negam qualquer lugar à lei de Deus, e isso numa época que é tão completamente antinominiana como qualquer outra na história do mundo. Virtualmente, não há nada que esta sociedade condenará, exceto o absolutismo. Tudo é permissível, exceto violações das leis do pluralismo. Nossa sociedade mata em nome da vida, defrauda em nome do amor, rouba em nome da justiça. O relativismo governa. Estamos completamente desprovidos de padrões.

A igreja tem pago o preço por sua obscuridade moral e pelo que por vezes tem sido heresia ética. A igreja, hoje, está descontrolada com o antinomianismo e a carnalidade, e muito disto em nome do Espírito, do amor e da liberdade cristã. Princípios morais frouxos estão por toda parte. Igrejas liberais produzem estudos que toleram relações sexuais não conjugais de todo tipo – sexo antes do casamento, adultério e inclusive homossexualidade. No meio da maior crise que a família tem enfrentado em dois milênios, encontramos as igrejas papagueando a agenda do mundo, esta própria agenda está destruindo a família. Personalidades cristãs de TV têm roubado dinheiro de seus patrocinadores, se envolvido em grupos

de sexo e visitado prostitutas. Pessoas cristãs não se importam em fraudar seus impostos, roubar de seus patrões, beber em excesso, ver perversões na televisão ou no cinema, quebrar o sábado, e quebrar seus votos matrimoniais. O desafio a qualquer uma destas coisas é rotulado como “sem amor”, “condenatório” e “legalístico”, ou, a acusação mais condenadora da atualidade, “insensível”. Isaías condenou aqueles que chamavam o “mal de bem e o bem de mal” (Is 5.20). Este é o estado em nossa igreja e sociedade hoje.

A fé cristã tem sustentado um equilíbrio entre a lei e a liberdade. Ela tem evitado a anarquia moral do antinomianismo e seu resultado inevitável, a carnalidade. Tem também evitado o erro oposto do legalismo e seu resultado, a escravidão e o medo. A resposta para o caos ético de hoje deve ser encontrada com as seguintes linhas da interpretação bíblica.

UMA LEI PARA A VIDA

A fé cristã sempre tem enfatizado a continuidade entre o Antigo e o Novo Testamento, vendo os dois pactos como estando ligados por um pacto da graça fundamental. Assim, somos “descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gl 3.29).

Os santos do Antigo Testamento, tanto quanto nós, são salvos pela graça, salvos pela fé, salvos por Cristo, e ordenados a guardar a lei. Eles realmente confiavam em Cristo? Sim, confiavam, nos tipos, sombras e promessas. Certamente sua fé era sem a clareza de visão que temos deste lado da Encarnação, todavia era fé genuína no Messias. Deste modo, Abraão teve o “evangelho” prega-

do (Gl 3.8; cf. Gn 12.3), e ele, como Jesus disse: “alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se” (Jo 8.56). Moisés? “Se de fato crêsseis em Moisés, também creríeis em mim”, disse Jesus (Jo 5.46). Davi “referiu-se à ressurreição de Cristo” (no Salmo 16), disse Pedro no Pentecoste (At 2.31). Pedro em seu segundo sermão disse: “E todos os profetas, a começar de Samuel, assim como todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias” (At 3.24). Os profetas, os reis e os sacerdotes exibiram a obra profética, real e sacerdotal de Cristo, e o sistema sacrificial antecipou “o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. O Antigo Testamento estava centralizado em Cristo, na graça e na fé, e contudo a lei de Deus regulamentava a vida do povo. Nossa suposição deveria ser que não há necessariamente conflito entre a lei e a graça.

Isso é, de fato, o que encontramos no ensino do Novo Testamento. Jesus disse:

Não penseis que vim revogar a lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra. Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus (Mt 5.17–19).

Jesus diz: “Não penseis”, porque as pessoas estavam pensando exatamente o que ele disse. Ele era acusado de advogar a abolição da lei. Usando uma linguagem forte, enfaticamente ele nega que pretenda qualquer coisa des-

te tipo. Ele não veio “revogar” a lei e os Profetas. Ele veio “cumprir”. O que significa “cumprir”? O que quer que “cumprir” signifique, não significa “revogar”. Isso pareceria muito certo. Contudo, isso não tem impedido alguns de defender que Jesus de fato aboliu a lei. Outros têm banido a lei para um “período do reino” e com isso, na prática, a aboliram para a presente época. Entretanto, a intenção honesta da cláusula “até que o céu e a terra passem” deve ser estendida a normatividade da lei até o fim da história. Jesus está ensinando seus discípulos, que a lei deverá continuar a ser autoritativa para o povo de Deus até a consumação. Em tempo algum ela deixará de ser. Toda a lei, até a menor letra ou aspiração, continua em vigor, até seu pleno propósito ser “realizado”.

Se há alguma ambigüidade, seu significado torna-se mais claro quando ele continua falando. Ao menos a graduação no reino de Deus, talvez até exclusão ou inclusão, é determinada por como uma pessoa usa a lei. Aquele que “anula” os mandamentos é “menor” no Reino; aquele que os “guarda e ensina”, “será considerado grande no reino dos céus”. Jesus espera que, até que o céu e a terra passem, seus discípulos *guardem e ensinem* a lei de Deus.

Seu significado torna-se mais claro ainda em seu tratamento sobre a lei em si. Ele cita o sexto e o sétimo mandamentos (Mt 5.21 e seguintes), como exemplo, e em cada caso elucida, aprofunda e estende a aplicação de seu significado. A proibição de matar aplica-se mais do que tirar uma outra vida, inclui a ira e o amaldiçoar que levam ao homicídio. A proibição de adultério aplica-se mais do que ultrajar o cônjuge de uma outra pessoa, inclui a luxúria que conduz a isso. Longe de abolir a lei,

Jesus a “cumpre”, traçando seu verdadeiro significado e colocando-a em sua perspectiva apropriada. Com isso, fez com que a lei cumprisse sua função, pretendida como um juiz do motivo bem como da ação. A lei é “espiritual”(Rm 7.14) e, portanto, diz respeito a atitude interna bem como ao ato externo.

Tradicionalmente, os cristãos reformados seguem Calvino ao falar de um “terceiro” uso da lei. Além de convencer-nos de nossos pecados e restringir os malfeitores, ela foi dada, principalmente, para instruir os crentes. As mentes dos redimidos precisam de orientação. Não deveria ser colocada uma dicotomia entre a “Palavra” de Deus e a “lei” de Deus. Ela é uma instrução divina completa, para mostrar qual é a obrigação dos crentes (isto é, é lei, não sugestão ou recomendação). A Palavra de Deus é uma “lâmpada para os pés e uma luz para o caminho”. “Andar na lei do Senhor” é andar no caminho da bem-aventurança. A Palavra nos mantém puros e longe do pecado (Sl 119.105, 111). É proveitosa para “o ensino, para a repreensão, para a correção e para a educação na justiça” (2Tm 3.16). Somos santificados pela palavra da verdade (Jo 17.17). Temos “pela obediência à verdade, purificando nossas almas” (1Pe 1.22).

“Bem, isso soa legalista”, alguém diz. O que significa ser legalista? O legalismo é uma entre três coisas. Primeiro, ele se refere à tentativa de ser salvo pela guarda da lei. Obras de justiça são legalismo. Segundo, se refere a regras feitas pelo homem que excedem as exigências da Escritura. Aqueles que “obrigam a consciência” de outros crentes com regras não encontradas na Escritura são legalistas. Terceiro, se refere à conformidade externa à lei sem a submissão do coração. Aqueles que estão con-

tentes com a mera conformidade à letra, sem compreender o espírito da lei, são legalistas. *Mas não é legalismo obedecer a Deus. Não é legalismo ansiosa e precisamente conformar a vida à lei de Deus.*

“O que você me diz sobre a direção do Espírito?” Um outro pergunta. “Eu penso que no Novo Testamento significava sermos guiados pelo Espírito, não pela lei”. No Seminário escrevi um artigo sobre Romanos 8.4, de trinta e cinco páginas. Leia este versículo e diga-me de que modo o Espírito guia o crente. Paulo diz que “condenou Deus, na carne, o pecado”. Com que propósito?

...a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito (Rm 8.4).

Andar “segundo o Espírito” resulta no “preceito da lei” sendo “cumprido em nós”. Não faça o Espírito, que deu a lei (lembre-se, “a lei é espiritual”), brigar com o Espírito que guia o crente. Eles são um só.

“O que você me diz sobre o amor?”, um outro diz. “Eu penso que deveríamos tomar decisões baseadas no que é a coisa amorosa a fazer, não no que um livro de regras diz.” Nossa resposta aqui, como acima, é esta: está sendo estabelecida uma falsa dicotomia. O que a lei requer é a coisa amorosa a fazer. Siga o raciocínio em Romanos 13.8–10:

A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros; pois quem ama o próximo tem cumprido a lei. Pois isso. Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não cobiçarás,

e, se há qualquer outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. O amor não pratica o mal contra o próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor.

O que quer dizer “amar o próximo”? O que isso significa em nossa cultura hoje, pode não ter nada a ver com o que a Bíblia quer dizer. Hollywood tem uma noção de amor que é antitética à da Bíblia. Algumas pessoas usam a palavra para indicar emoções fortes, outros para indicar tolerância a diferentes estilos de vida, outros para indicar o erotismo. Pode-se tomar a palavra “amor” e enchê-la com qualquer conteúdo que se quiser. Mas se uma pessoa procura saber o que Deus quer de nós, ela deve ir à Bíblia, e a Bíblia nos dirige para a lei. “Pois quem ama o próximo tem cumprido a lei” (v. 8). Como? “Pois isso”, ele diz, e então lista vários dos Dez Mandamentos. “Pois isso”, é o que significa amar. Amar seu próximo significa que você não comete adultério contra seu próximo, mata, rouba ou cobiça seu próximo ou suas coisas. Em outras palavras, cumpre seis mandamentos dentre os dez do Decálogo. Isso é o que significa “amar” o próximo, não fazer “mal” ao próximo e assim “cumprir a lei”.

Muitos cristãos falham em entender a função da lei, porque eles a vêem através dos olhos dos fariseus e judaizantes, em vez de ver através dos olhos do salmista. Como consequência, eles não aproveitam a benignidade da lei. A polêmica do Novo Testamento contra a lei tem em vista a dura, sem amor e insensível perspectiva do legalista, não a lei em si mesma. O salmista, por outro lado, capta a perspectiva do piedoso quando ele entusiasticamente exclama:

Quanto amo a tua lei! É a minha meditação, todo o dia! (Sl 119.97)

Esta deve ser nossa perspectiva. Preste atenção a seu deleite nos mandamentos:

São mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado. (Sl 19.10)

É costumeiro em muitas igrejas reformadas ler os dez mandamentos todo domingo no culto. Por que isso é feito? Porque “pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3.20). Por que é importante estar consciente de nosso pecado? A convicção de pecado nos leva a Cristo para salvar-nos de nosso pecado. Ela é um tutor, ou um professor, que nos leva a Cristo (Gl 3.24). Mas este não é o fim da história. Tendo vindo a Cristo, ele nos leva novamente de volta à lei a fim de nos mostrar nosso dever. Assim, em Genebra, eles liam a lei *após* terem confessado seus pecados, insistindo no ponto que a lei era dada primariamente para guiar-nos em nossa jornada cristã.

LIBERDADE CRISTÃ PRESERVADA

O genial no conceito reformado sobre a lei é que ele corrige as liberdades sem cair no legalismo. Ironicamente, alguns dos grupos mais legalistas têm sido aqueles que têm estado mais ansiosos em negar à lei qualquer lugar na vida cristã. Tipicamente, eles têm abolido a lei enquanto que, ao mesmo tempo, adicionam uma grande quantidade de requerimentos extra-bíblicos, como não beber, não dançar ou não ir ao cinema. Suas regras pecu-

liares apoiam a observação de que o homem precisa de uma lei – se ele não tem a de Deus, fará sua própria.

A fé cristã tem inflexivelmente mantido que existe liberdade cristã em áreas fora da aplicação da lei moral. Em cada pedacinho ela tem argumentado a favor da necessidade de absoluta e precisa conformidade com a lei de Deus, tanto quanto tem argumentado a favor da liberdade de consciência em áreas não apontadas pela Escritura. Nenhuma tradição tem sido tão rigorosa e rígida em seu uso da lei. Nenhuma tradição tem sido tão rigorosa em banir os mandamentos de homens. Podemos usar os seguintes exemplos.

Existe liberdade cristã no uso da *riqueza*. A tradição reformada tem sustentado que a riqueza é moralmente neutra. Seu uso indulgente *pode* ser idólatra (Cl 3.5), mas ela pode ser desfrutada de modo a honrar a Deus. Ela também pode ser distribuída. Alguns advogados superzelosos do estilo de vida simples têm roubado das pessoas de recursos moderados, a habilidade de desfrutar o que Deus lhes tem dado. Estes zelotes têm sido corretamente acusados de manipulação criminosas. Eles têm tratado a riqueza como se fosse um conceito absoluto em vez de um conceito relativo. Quem é rico? O líder tribal que vive numa cabana de palha? Quem é pobre? A família da cidade do interior com sua TV e sem ar-condicionado? Ninguém pode julgar um outro quanto a como ele deveria usar sua riqueza. Seria legalista mandar que todos vivam conforme um padrão simples de vida ou um estilo de vida.

Há liberdade cristã no uso do *alimento e da bebida*. Isso proporciona a ocasião para o tratamento prolongado da questão sobre a liberdade cristã em Romanos 14,

1Coríntios 8–10 e, em parte, Colossenses 2.16–23. O apóstolo Paulo pergunta:

Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivêsseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças. não manuseies isso, não proves aquilo, não toques aquilo outro, segundo os preceitos e doutrinas dos homens? Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem (Cl 2.20–22).

Devemos condenar de maneira absoluta a glotonaria. Devemos severamente condenar a embriaguez. Mas abuso não é o mesmo que uso. Jesus purificou todo alimento (Mc 7.19). Alguns podem escolher absterem-se de certas comidas por causa de preferências pessoais. Mas temos a liberdade de comer e beber como nos agrada, até mesmo alimentos com gordura! Aqui, também, há uma tendência para com o infeliz legalismo, para com as regras feitas por homens que tiram o tempero da vida. Alguns têm feito da total abstinência um ídolo, e chegou o tempo de destruí-lo. Falamos muito energicamente? Leis feitas por homens obscurecem a graça. Paulo diz que aqueles que “exigem abstinência de alimentos” estão praticando “ensinos de demônios” (1Tm 4.1–4). A liberdade deve ser preservada.

Existe liberdade nas *escolhas vocacionais*. Podemos trabalhar onde desejamos trabalhar. Certamente, uma pessoa não pode tornar-se uma “prostituta cristã” ou um “gangster cristão”, como um membro da quadrilha de Mickey Cohen desejava. Mas, dentro dos limites de todo trabalho lícito e legítimo, não há vocações superiores ou inferiores. Aqueles que dedicam-se a força de trabalho secular não estão perdendo o “melhor de Deus”. Todos

os cristãos são chamados para o ministério cristão, mas nem todos são chamados para o ministério cristão *vocacional* (1Co 7). Temos liberdade nisto.

Existe liberdade nas *atividades de lazer*. Uma pessoa pode praticar esportes, desfrutar de música refinada e ler livros. Não é requerido de alguém estar sempre trabalhando para causas religiosas. Em Cristo existe a liberdade para relaxar e desfrutar o mundo. Novamente, isso deve ocorrer dentro dos limites da lei de Deus. Não se deve transformar o “dia do Senhor” num dia de diversão secular, ou encontrar prazer no imoral. Mas como Richard Sibbes disse. “Deus criou coisas terrenas para adoçar nossa viagem para o céu.”

Existe liberdade nas *decisões conjugais*. Uma pessoa pode escolher casar-se, ou escolher não se casar (1Co 7.27 e seguintes). A única restrição é que se case “no Senhor”. É absolutamente proibido para um cristão casar-se com um incrédulo (2Co 6.14 e seguintes). Mas, se você quer permanecer solteiro, você pode. Se você deseja casar-se, você pode. Se um quer casar-se com Sueli e não com Sara, ele pode. Há liberdade nisto.

Em cada um destes casos, há tanto a lei quanto a liberdade, liberdade e padrão. Graça não significa licenciosidade (Gl 5.13). Liberdade não é anarquia. O evangelho não revoga padrões. “Anulamos, pois, a lei pela fé?, Paulo pergunta. “Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a lei” (Rm 3.31). A fé define o papel e a função apropriadas da lei e marca seus limites. A fé estabelece tanto o domínio da lei quanto a esfera da liberdade.

Quando a relação entre lei e liberdade não é entendida, freqüentemente o resultado é uma praga de

sentimentos de culpa. Sentimentos de culpa somente são válidos quando existe culpa real, a culpa resultante de uma transgressão da lei de Deus. Quando há isso, deve-se arrepender-se do pecado e rejeitar o sentimento de culpa. Mas os sentimentos de culpa nunca deveriam ser usados como um meio de motivação positiva. Se você está pecando, arrependa-se. Faça o que é certo porque você deseja agradar a Deus, não porque você sente-se culpado.

Você deveria sentir-se culpado por comprar um carro bonito? Não, exceto se o desejo por ele é idólatra. Você deveria sentir-se culpado por não dar mais dinheiro para a igreja? Não, se você está dizimando. O que dizer sobre comer uma grande e deliciosa refeição? É pecado comer com grande apetite? Não necessariamente. Somente é pecado se você está sendo glutão. Se você está pecando, arrependa-se e pare. Livre-se da culpa. Há uma grande quantidade de motivação para a culpa tendo lugar na igreja hoje. Obrigações extra-bíblicas e não escriturísticas estão sendo amontoadas sobre as costas das pessoas, sobrecarregando-as com culpa e roubando-lhes de sua alegria. Francamente, existem as táticas e estilo de seitas. Nas seitas, tudo é governado por uma lei. A liberdade individual é negada e suprimida. Os líderes tomam decisão quanto a quem se casará com quem, quem fará que tipo de trabalho, quem viverá onde. Isso é escravidão. Onde você vir isso ou a tendência para isso, fuja.

Nossa questão é, isso é ordenado na Escritura? Se é, devemos fazê-lo, completamente, precisamente. Se não é, estamos livres para fazer ou não, como o gosto e a sensatez ditarem.

ORDEM RESTAURADA

Os Salmos 19 e 119 listam os benefícios que vêm através do conhecimento da lei. Eles incluem, sabedoria, purificação, pureza, conforto e direção. Viva consistentemente com a lei moral de Deus, e você viverá sabiamente. Seria difícil superestimar a bênção que vêm através da conformidade aos dez mandamentos. Um estudo publicado em New Haven, Connecticut (onde a Universidade de Yale está localizada) mostrou que o crime tinha aumentado entre 1960 e 1990 de modo fenomenal: assassinatos de 6 em 1960 para 31 em 1990; estupros de 4 para 168; roubos de 16 para 1.784; assaltos com armas de 72 para 2.008; invasão de domicílio de 567 para 4.476; roubo de carros de 475 para 3.459. O que é verdadeiro em New Haven é, mais ou menos, verdadeiro em todo o país. O crime é epidêmico. Todos estamos apavorados. Os tribunais e prisões estão cheios. Hoje, as pessoas boas estão aprisionadas em suas próprias casas, atrás de portas e janelas trancadas, e os criminosos estão caminhando livres. Lamentavelmente, como temos visto, a igreja não tem tido uma voz unânime promovendo a lei moral de Deus. Teologicamente, tem havido confusão. A prática atual tem sido desastrosa. Embora não haja crime violento na igreja, tem havido uma quantidade escandalosa de indiscrição sexual e má administração financeira. A igreja, chamada pelo apóstolo Paulo de “coluna e baluarte da verdade” (1Tm 3.15), tem sido uma coluna de sal. Todavia, cada um dos problemas que enfrentamos na sociedade ou na igreja é tratado pelos dez mandamentos. Os dez mandamentos ensinam os valores que restaurarão a ordem em nossa sociedade.

Não estamos em apuros hoje por causa do colapso de autoridade, quando pai ou mãe, professores e administradores escolares, a polícia, e nossos funcionários públicos eleitos são regularmente desonrados e desafiados? O quinto mandamento não estabelece a autoridade dos pais e, com ela, toda autoridade humana debaixo de Deus? A lei de Deus não requer que honremos toda autoridade legítima, e não condena o desafio e o desrespeito tão prevalecente hoje?

Não estamos em apuros hoje porque a vida humana não é mais considerada como sagrada, e com este barateamento da vida tem surgido o aborto, o infanticídio, o suicídio, o assassinato e os crimes horrendos envolvendo mutilação e desmembramento? Este mandamento não protege toda vida inocente, e não requer que a sociedade considere toda vida humana como sagrada?

Não estamos em apuros hoje por causa do colapso do casamento? A raiz deste colapso não está na rejeição do sétimo mandamento e sua condenação de todo sexo extra-conjugal? Ao mesmo tempo não estabelece a base para prevenir a ilegitimidade, as doenças venéreas, o divórcio, os lares quebrados, as famílias só com pai ou mãe, a homossexualidade e todos os crimes que brotam destes sintomas? A conformidade a este único mandamento não faria mais para curar esta epidemia de sofrimento, e não faria mais para curar toda a ordem social do que qualquer outro princípio?

Não estamos em apuros hoje porque tão poucos mostram respeito pela propriedade dos outros, e não dão a mínima importância se estão destruindo, “jogando no lixo” e roubando o que pertence a outros? O oitavo mandamento não sustenta a santidade da propriedade

privada, ordenando “Não furtarás”, e requerendo restituição quando a propriedade é destruída?

Não estamos em apuros hoje porque existem tão poucas pessoas em cuja palavra podemos confiar? Não é a causa “falta de credibilidade” entre as pessoas e anunciantes, políticos, homens de negócio, proprietários de lojas e, virtualmente entre todos, a perda do conceito de santidade da verdade, o princípio por trás do nono mandamento?

Não estamos em apuros hoje porque até mesmo aqueles que devem obedecer a lei o fazem de um modo tão legalista e farisaico, violando o espírito da lei (e o décimo mandamento), de modo que nossos políticos e códigos legais devem se desenvolverem além da compreensão a fim de evitar subterfúgios, dando origem à elite legal que controla as vidas de todo o restante, tudo em violação do décimo mandamento que internaliza e espiritualiza a intenção ou espírito da lei?

Finalmente, não estamos em apuros porque somos eticamente relativistas, não tendo padrões absolutos sobre a base dos quais julgar o comportamento e, portanto, somos forçados a aceitar todos os estilos de vida e escolhas morais como igualmente válidas? Não são os Mandamentos um a quatro os fundamentos morais da sociedade porque eles estabelecem que há um só Deus, e, portanto, há somente uma verdade e uma lei?

Não são estes Mandamentos o esboço dos princípios que irão curar o que aflige nossa sociedade e igreja hoje? Nenhum programa secular e nenhuma quantia de dinheiro pode vencer a destrutividade da anarquia moral prevalente.

Deste modo, para uma época decadente, antinominiana, nós restabelecemos a lei de Deus com seus padrões absolutos de certo e errado. Todavia, fazemos isso sem a escravidão do legalismo. Fazemos isso de modo a manter a liberdade do cristão e a alegria da vida cristã. Dizemos para a Igreja e para nossa nação, voltem para seus fundamentos morais.

9 Oração

Por favor, leia Tiago 4.1–10

Por que oram os que crêem na soberania de Deus? Tudo está predeterminado, e se não há nada que se possa fazer para mudar o que Deus decretou inalteravelmente desde a eternidade, por que orar? Por que orar para alguma alma perdida ser salva? Ela é eleita ou não. Por que orar para o enfermo ser curado? Deus ordenou seu estado de saúde.

Estas são boas perguntas, não são? O maior problema que elas suscitam é “O que é oração?” O que estamos fazendo quando oramos? O que estamos tentando realizar? Qual o propósito que Deus tem em mente ao incitar-nos a orar?

Muito do ensino popular sobre a oração é essencialmente errôneo. Alguns deles apresentam a oração como um tipo de instrumento para dobrar a Deus, “minha vontade, não a tua, oh Senhor.” Alguns deles são um pouco mais do que as “vãs repetições” condenadas por Jesus, uma mágica cristianizada planejada para conseguir

favores de um Deus relutante. Na prática, nestes círculos, a oração é definida como “intercessões”, e está limitada a isso.

Mas este não é o maior problema. A fraqueza fatal da igreja moderna não é seu *conceito* sobre a oração, mas sua *prática*, ou deveríamos dizer, a ausência de sua prática. A igreja ocidental, moderna, não é uma igreja que ora. Somos uma igreja de atividades. Temos encontros, programas e projetos para manter-nos ocupados. Temos construções, orçamentos, organizações e planos para discutir. Virtualmente temos tempo para tudo, inclusive para orações no início e término de nossas atividades, mas isso está ao redor dela. Encontros de oração congregacional são uma coisa do passado. Não hesito em dizer que o problema básico por trás da ausência de oração na igreja é a incredulidade.

Nenhuma tradição tem enfatizado a oração mais do que a reformada. Orações por conversões e reavivamentos são praticamente criação da comunidade reformada. Não tem havido falta de coragem quando ela volta-se para vigorosa intercessão. Todavia há uma amplitude e profundidade no conceito reformado sobre a oração, uma amplitude que restaura a oração a seu lugar central na vida do povo de Deus. Por que oramos? A oração é vital por duas razões básicas. Ela nos muda, e ela muda a História.

A ORAÇÃO NOS MUDA

Minha própria peregrinação pessoal na oração, alcançou um ponto de crise durante meu primeiro mês de estágio pastoral na Escócia, na primavera de 1978. Muito de minha instrução sobre oração recebi de organizações

universitárias para-eclesiásticas. Fomos ensinados a orar com listas de oração, o que ainda faço hoje. Mas também fomos ensinados, ou ao menos isso estava implícito, que a oração era o meio de obter o que queríamos de Deus. Até mesmo tínhamos sido avisados a *não* orar “seja feita a tua vontade”. Isso era considerado anular o propósito de nossa oração. Queríamos que Deus fizesse ‘X’, ou simplesmente fizesse sua vontade a qual ele faria de qualquer modo? Isso parece incrível para mim hoje, mas isso é o que nos foi ensinado. Você pode imaginar querer alguma outra coisa senão a vontade de nosso todo-sábio, todo-bom, Pai celestial? Você pode imaginar preferir sua própria vontade, baseada como ela é em seu próprio conhecimento limitado e completa tolice, à vontade de Deus? Mas voltemos a Escócia – um domingo de manhã era minha responsabilidade dirigir o culto de adoração e pregar. Antes de começar o culto um pequeno grupo de pessoas comprometidas encontrou-se com o pastor para orar pelo culto a seguir. Estávamos sentados em um círculo quando chegou o momento de orar. Em uníssono todos eles se levantaram, viraram-se e ajoelharam-se. O que se seguiu foi o mais incrível derramamento de oração que eu jamais tinha ouvido. A maioria das petições eu jamais tinha feito, foram de uma variedade “simplesmente legítima”. “Senhor nós realmente estamos alegres de estar aqui”, etc. Suas orações, contudo, eram apaixonadas, expressões de louvor centralizadas em Deus, confissão e intercessão. “Oh, Senhor, nós te louvamos!” “Oh, Senhor, te damos graças por tua grande graça e amor por teus pobres servos”; “Oh, Senhor, derrama teu Espírito sobre o ministro da tua Palavra esta manhã”; e assim por diante.

Como o período de oração estava para terminar, eu relutantemente antecipei minha responsabilidade para proferir a oração final. Mas desta vez eu estava destruído. Minhas orações banais, verborosas (tagarelas), frívolas pareciam completamente falidas para mim. Pensei comigo mesmo: “eu não tenho direito de dirigir estas pessoas na adoração – elas deveriam me dirigir”. Eu gaguejei durante minha oração e culto, e passei os seis meses seguintes num estado de crise, lutando com a dúvida se eu era ou não realmente chamado para o ministério. Suas orações me ensinaram muito sobre a oração e sobre mim mesmo.

A oração nos muda. Como? Podemos estabelecer três pontos.

Primeiro, ela nos leva à *postura de prostração espiritual diante de Deus*. Em primeiro lugar a oração não é intercessão, mas louvor. Robert Murray McChesney disse: “O que um homem é, é o que ele é sobre seus joelhos diante de Deus, e nada mais.” Esta é a perspectiva reformada. Não há Deus tão soberano, tão poderoso, tão terrível e tão inescrutável. Orar a este Deus muda nossa postura na vida, de agentes autônomos de vontade própria para humildes suplicantes ao Deus todo-poderoso.

É desta maneira que a Bíblia nos ensina a orar. Jesus disse: “Quando orardes”, (ele pressupõe que o fazemos) “vós orareis assim”,

Pai nosso, que estás nos céus,
Santificado seja o teu nome.
Venha o teu reino,
Faça-se a tua vontade,
Assim na terra como no céu (Mt 6.6,9,10).

Qual é o ponto central desta oração? O ponto central é o louvor e a adoração de Deus. Jesus começa sua oração com louvor. Está completamente mal orientado quem atirar-se na presença de Deus com uma lista de pedidos de compras, sem primeiro dar a Deus o que lhe é devido como Deus. Jesus louva o Pai celestial, o Pai que está em seu trono no céu, que dali soberanamente governa tudo que ele criou. Ele é um Pai, com amor e autoridade paternal. Seu nome deve ser “santificado”, ou posto à parte, pois ele é santo. Seu reino e vontade devem ser nossa preocupação, não nossos pequenos reinos e vontades. Jesus centraliza sua oração em Deus e nós precisamos fazer o mesmo. A oração não é uma lista rápida de “coisas”, endereçada levianamente a Deus. A oração é a mudança, não da mente de Deus, mas de toda nossa orientação, de uma concentração em nossas próprias preocupações, para uma centralização em Deus, na sua glória e vontade.

Segundo, além de humilhar-nos, a oração nos muda *construindo nossa fé*. Reveja as orações da Bíblia, e penso que é exatamente isso o que você encontrará repetidamente. Os profetas e ao apóstolos começam suas orações com o louvor e a adoração de Deus, porque assim fazendo eles ganham confiança na habilidade e boa vontade de Deus para conceder seus pedidos. A oração de Davi, por ocasião da dedicação dos materiais a serem usados na construção do templo, começou,

Bendito és tu, Senhor, Deus de Israel, nosso pai, de eternidade em eternidade. Teu, Senhor, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, Senhor, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos.

Riquezas e glória vêm de ti, tu dominas sobre tudo, na tua mão há força e poder; contigo está o engrandecer e a tudo dar força. Agora, pois, ó nosso Deus, graças te damos e louvamos o teu glorioso nome (1Cr 29.10–13).

Veja como ele narra aos ouvidos de Deus seus próprios atributos. Deus se agrada disso. E como estamos dizendo, isso muda Davi. Davi é consumido com a glória de Deus. Esta visão está construindo a fé. O templo deve ser construído. Ele será? Ah, sim! Este Deus pode fazer qualquer coisa.

Você encontrará um exemplo semelhante em Isaías 37.16, onde Ezequias, orando sobre a ameaça da invasão Assíria, diz:

Ó Senhor dos Exércitos, Deus de Israel, que estás entronizado acima dos querubins, tu somente és o Deus de todos os reinos da terra; tu fizeste os céus e a terra.

Ele relembra a si mesmo que Deus está entronizado no mais alto dos tronos, “acima dos querubins”, que ele é Senhor de “todos os reinos da terra”, que ele fez “os céus e a terra”, e portanto, ele pode lidar com os assírios.

Semelhantemente, em Jeremias 32, é prometido ao profeta Jeremias que depois de os caldeus invadirem e Israel ser carregado para o cativeiro, o povo de Deus será restaurado. Ele é instruído a comprar um terreno dentro da cidade, ainda que os caldeus construíssem suas “trincheiras”. Ele luta para crer que isso realmente está acontecendo. Ele quer saber qual é o sentido disto? Assim, ele ora:

Ah! Senhor Deus, eis que fizeste os céus e a terra com o teu grande poder e com o teu braço estendido; coisa alguma te é demasiadamente maravilhosa. Tu usas de misericórdia para com milhares e retribuis a iniquidade dos pais nos filhos; tu és o grande, o poderoso Deus, cujo nome é o Senhor dos Exércitos, grande em conselho e magnífico em obras; porque os teus olhos estão abertos sobre todos os caminhos dos filhos dos homens, para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas obras (Jr 32.17–19).

Sua oração continua. O que ele está fazendo? Ele está fortalecendo sua fé. Ele começa recordando o poder de Deus na criação e rapidamente compreende “coisa alguma te é demasiadamente maravilhosa”. Certamente Deus pode fazer tudo que planeja.

A Igreja Primitiva provê um outro exemplo. A primeira perseguição sofrida pela igreja infante, em Jerusalém, resultou na captura e prisão de Pedro e João, ameaças oficiais e uma igreja apavorada. O que eles fizeram? Oraram. Lucas registra para nós.

Ouvindo isso, unânimes, levantaram a voz a Deus e disseram. Tu, soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há (At 4.24).

Você vê como eles, no início, construíram sua fé relembando a sabedoria e o poder de Deus na criação? Vamos encarar isso. É difícil orar. Devemos bater e espancar nossa carne a fim de levar-nos a nós mesmos a orar e não abandoná-la uma vez que começemos. Por que isso é assim? Por causa da incredulidade. O que podemos fazer? Davi, Ezequias, Jeremias e a Igreja Primitiva, todos

lembraram-se da grandeza e do poder de Deus. Eles oram a Deus pelo que ele é. Eles humilham-se diante dele. Neste processo, eles são fortalecidos em sua fé. A oração os está mudando. Eles estão tentando fortalecer sua fé e crer que Deus, o grande Deus é capaz de fazer algo por eles em meio as provações.

Terceiro, a oração nos muda *limpando nossas almas*. Esta aproximação para orar, centralizada em Deus, conduz inevitavelmente à confissão de pecados. Isaías 6 provê o exemplo clássico do que acontece quando se recebe uma vigorosa visão da glória de Deus. A revelação do verdadeiro Deus, o Deus que não é apenas santo, mas “santo, santo, santo”, leva-nos a clamar:

Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos! (Is 6.5)

Orações de louvor conduzem a orações de confissão. Escute Daniel, como ele ora pelo retorno à Palestina dos exilados na Babilônia.

Orei ao Senhor, meu Deus, confessei e disse. Ah! Senhor! Deus grande e temível, que guardas a aliança e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos. (Dn 9.4)

Até este ponto a oração de Daniel é uma oração de louvor. Mas rapidamente ela muda para confissão:

...temos pecado e cometido iniquidades, procedemos perversamente e fomos rebeldes, apartando-nos dos

teus mandamentos e dos teus juízos; e não demos ouvidos aos teus servos, os profetas, que em teu nome falaram aos nossos reis, nossos príncipes e nossos pais, como também a todo o povo da terra. A ti, ó Senhor, pertence a justiça, mas a nós, o corar de vergonha, como hoje se vê; aos homens de Judá, os moradores de Jerusalém, todo o Israel, quer os de perto, quer os de longe, em todas as terras por onde os tens lançado, por causa das suas transgressões que cometeram contra ti. Ó Senhor, a nós pertence o corar de vergonha, aos nossos reis, aos nossos príncipes e aos nossos pais, porque temos pecado contra ti. Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão, pois nos temos rebelado contra ele e não obedecemos à voz do Senhor, nosso Deus, para andarmos nas suas leis, que nos deu por intermédio de seus servos, os profetas. Sim, todo o Israel transgrediu a tua lei, desviando-se, para não obedecer à tua voz; por isso, a maldição e as imprecações que estão escritas na lei de Moisés, servo de Deus, se derramaram sobre nós, porque temos pecado contra ti (Dn 9.4–11).

A limitação de espaço requer que paremos sua oração neste ponto, mas ela continua no mesmo espírito por mais oito versículos! O louvor conduz a confissão. Daniel está mudando. Ele está crendo em Deus e relatando seus pecados e os do seu povo e abandonando-os.

Vemos o mesmo com Neemias. Ele recebe um relato da condição desesperada daqueles primeiros exilados, que retornaram do cativeiro para a Palestina. Eles estão em “grande miséria e desprezo; os muros de Jerusalém estão derribados, e as suas portas, queimadas” (Ne 1.3). Ele reage deste modo:

Tendo eu ouvido estas palavras, assentei-me, e chorei, e lamentei por alguns dias; e estive jejuando e orando perante o Deus dos céus. E disse. Ah! Senhor, Deus dos céus, Deus grande e temível, que guardas a aliança e a misericórdia para com aqueles que te amam e guardam os teus mandamentos! Estejam, pois, atentos os teus ouvidos, e os teus olhos, abertos, para acudires à oração do teu servo, que hoje faço à tua presença, dia e noite, pelos filhos de Israel, teus servos; e faço confissão pelos pecados dos filhos de Israel, os quais temos cometido contra ti; pois eu e a casa de meu pai temos pecado. Temos procedido de todo corruptamente contra ti, não temos guardado os mandamentos, nem os estatutos, nem os juízos que ordenaste a Moisés, teu servo (Ne 1.4–7).

Aqueles que se aproximam para orar como se Deus fosse um Papai Noel celestial estão errando completamente o alvo. Você deseja ver Deus fazer uma grande obra? Talvez seja algo tão rebuscado quanto a construção de um templo (ou igreja), libertar-nos de um inimigo irresistivelmente poderoso, livrar-nos do controle de um poder escravizante, ou da perseguição? Talvez seja ver uma pessoa amada salva, um amigo liberto das drogas, um vizinho curado de uma enfermidade? Então livre-se do pensamento de que a coisa crítica é mudar a Deus. *Nós* somos as pessoas que devem ser mudadas. É exatamente isso que Tiago ensina a seus leitores.

Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres (Tg 4.3).

Eles estavam orando, mas seus motivos eram todos errados. Não era suficiente pedir; eles deviam pedir de modo certo, e fazer isso significava que eles deviam mudar.

Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração. Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza. Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará (Tg 4.8–10).

Deus ouvirá nossas orações e nos exaltará *se* orarmos como devemos, orações ricas com louvor e confissão de pecado, orações ardentes com declarações apaixonadas. Tal oração nos muda. Constrói nossa fé. Remove quaisquer barreiras de pecado que talvez estejam presentes. Cria o tipo de condições sob as quais Deus está desejoso de abençoar.

A ORAÇÃO MUDA A HISTÓRIA

“Tudo isso é bom e verdadeiro”, você diz, “mas na verdade você ainda não respondeu a pergunta. Orar realmente faz alguma diferença?” Bem, agora que a oração mudou você e o levou a uma condição espiritual de humildade e confiança, e que Deus está desejoso de ouvir sua oração e abençoar você, a resposta é sim, ela faz. Tiago simplesmente diz:

Nada tendes, porque não pedis. (Tg 4.2)

Até mesmo uma criança pode entender o significado desta sentença. “Se você tivesse pedido, você teria; mas

você não pediu, assim você não tem”. Pedir resulta em receber. Falhar em pedir, resulta em privação. Jesus disse o mesmo:

Por isso, vos digo. Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á (Lc 11.9, 10).

Por que alguém que crê que tudo está predeterminado, aceita isso? Por que *você* crê que a oração faz alguma diferença? Deixe-me responder.

Em primeiro lugar, é *arbitrário* levantar a questão do relacionamento entre a responsabilidade humana e a soberania de Deus no caso da oração. A questão é muito mais ampla do que isso. A verdadeira questão, como temos sugerido, não é “Por que orar?” mas, “Por que levantamos da cama de manhã?” E esta é uma questão que todos os teístas devem responder. Todos que crêem que Deus prevê todas as coisas, em outras palavras, todos os cristãos, devem lidar com a questão de como algo que nós fazemos, faz alguma diferença. Se Deus prevê, como ele certamente prevê, então nada pode ser diferente do que como Deus tem previsto que seja e, como consequência, nada que fazemos faz qualquer diferença. O fato é, há um mistério no relacionamento entre a responsabilidade humana e a soberania de Deus, um mistério que não podemos resolver. Deus prevê e preordena todas as coisas, e nós devemos levantar da cama e devemos orar.

Em segundo lugar, a oração deveria ser vista apenas como *um outro meio* para os fins de Deus, exatamente

como tudo mais na vida cristã. Como as pessoas são salvas? Através da pregação do evangelho e da oração. Como as pessoas são curadas? Através do uso da medicina e através da oração. A oração muda a “história”, não somente o que as pessoas famosas fazem, mas simplesmente tudo. Podemos dar alguns exemplos. Moisés ora e uma batalha vai bem. Moisés pára de orar e a batalha vai mal (Êx 17.11). Elias ora e não chove por três anos. Ele ora novamente e a chuva volta a cair (Tg 5.17, 18). Daniel ora e é sustentado pelo anjo Gabriel que “no princípio de tuas súplicas, saiu a ordem” o que resultaria na libertação da nação de Israel do cativeiro (Dn 9.22,23; 10.12 e seguintes). “Ah, mas eram pessoas excepcionais”. Tiago faz o oposto. “Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu” (Tg. 5.17). A chave é o caráter. É “a oração eficaz de um homem *justo* que é abençoada. Todavia, ela “pode realizar muito” (Tg 5.16). A oração, você vê, realiza.

Por que Tiago nos fala para “orar uns pelos outros, para sermos curados”, a menos que seja verdade que, em resposta a oração, Deus cure (Tg 5.16)? Por que Paulo pede aos colossenses para orarem “para que Deus nos abra porta à palavra”, a menos que seja que, ao responder a oração, Deus abra portas de oportunidades (Cl 4.3)? Por que é que Paulo ora, no começo das cartas aos Efésios, Colossenses e Filipenses, para que seja dado a seus leitores “espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele”; que seus corações “sejam iluminados” (Ef 1.17, 18), que eles “transbordem do pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento

espiritual” (Cl 1.9); que seu “amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda percepção”(Fp 1.9), *a menos* que fosse possível realizar estas mudanças no coração, estas mudanças religiosas e espirituais, através da oração? Por que Jesus promete, “se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito”(Jo 15.7; cf. Jo 14.13,14; 15.16; 1Jo 5.14)?

Não, a verdadeira questão não é porquê os que crêem na soberania de Deus oram, mas por que os outros oram? Somente faz sentido orar para Deus mudar um coração humano se ele é capaz de fazê-lo. Se, contudo, ele pode ser detido pela vontade humana, se ele deve ser convidado a ajudar, se ele somente pode bater docilmente e deve humildemente esperar a porta ser aberta para ele, então por que orar pela salvação de pecadores? Nossas orações não pressupõe que Deus pode levantar o espiritualmente morto, dar visão ao espiritualmente cego, e entendimento ao espiritualmente obtuso? A doutrina da soberania de Deus é um incentivo a orar, não um inibidor. A oração é o meio pelo qual vemos o plano de Deus colocado em ação. Em resposta a oração Deus ocupa-se ativamente.

Esse é o ensino bíblico. Oramos porque orar nos muda. Através da oração somos humilhados, crescemos na fé e purificamos nossos corações. Com isso nos tornamos espiritualmente prontos para receber a bênção de Deus. Tiago expressa tudo isso numa frase. Nós “confessamos (nossos) pecados uns aos outros, e oramos uns pelos outros, para sermos curados” (Tg 5.16). A confissão deixa-nos espiritualmente prontos, e a seguir através da intercessão ocorre cura real. A oração é um meio. Ela prepara. Ela realiza.

Se esta é a teoria, então o que dizer sobre a prática efetiva? Provavelmente ela é muito parecida com a incredulidade. Ocorre pouca oração. Spurgeon dizia que ele orava como se tudo dependesse de Deus e pregava como se tudo dependesse dele. Frequentemente oramos muito pouco, visto que tudo depende de nós, pensamos, e pregamos com pouco entusiasmo ou sentimento, visto que tudo depende de Deus. O que deveríamos estar fazendo? Deveríamos fortalecer nossa fé narrando os atributos com adoração em extensas orações de louvor. Deveríamos remover as últimas barreiras à fé e bênção através da confissão de nossos pecados. A seguir, deveríamos assaltar o trono da graça com nossas petições. “Sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições”, Paulo falava aos filipenses (Fp 4.6). Tendo sido mudados pela oração, somos livres para pedir as coisas que desejamos, com a confiança de que Deus ouve e responderá.

O que dizer sobre aquela pessoa amada não convertida? Esta pessoa foi exposta ao evangelho no passado e zombou dele. Repetidamente ela tem dito que não deseja mudar ou abandonar seus pecados de estimação por causa de Cristo. Esta outra pessoa é indiferente e o tem sido por anos. Nada parece capaz de acender seu interesse pelas coisas de Deus. Deus, em resposta a oração, pode mudar o coração do mais perdido dos perdidos. Ele pode mudar o coração do mais endurecido, do mais do contra, do incrédulo mais indiferente. Orar abre a porta. Ele promete ouvir nossas orações e fazê-lo. Orar derruba os portões do inferno. Orar faz cair o fogo de Deus.

O que dizer acerca daquele amigo que está escravizado a sua luxúria? O que dizer desta outra pessoa que é um cativo das drogas ou do álcool? O que dizer daquela

pessoa cujo temperamento explode imprevisível e violentamente? Não há esperança? Deus, em resposta a oração, pode mudar seus corações. Ele não é impotente diante da vontade humana. Ele não precisa esperar até ser convidado. Pleiteie com ele! O poder liberto na oração pode vencer qualquer obstáculo.

Então há os problemas conjugais do seu filho, de sua filha, de seu vizinho, de seu amigo. Tem havido problemas morais. Talvez ocorra pouca comunicação. As finanças estejam fracas. A situação parece desesperada. As diferenças parecem irreconciliáveis. Os corações estão sendo rasgados em pedaços. As feridas são profundas e ainda estão sangrando. O que podemos fazer para ajudar? Esta é a pergunta que sempre fazemos. O que podemos fazer? Aqui está a resposta. Podemos implorar o poder reconciliador de Deus. Ele pode curar qualquer divisão, e já o fez antes. Ele pode acender um fogo no mais preguiçoso dos homens e lançar gelo sobre a mais violenta das mulheres. Ele pode colocar seu unguento sobre as feridas mais profundas e curá-las. Orar, pleitear, crer, Deus pode fazer o impossível e promete fazê-lo em resposta a nossas orações.

O que dizer sobre a igreja e o mundo? Alguma coisa pode inverter o declínio que vemos nas instituições ao nosso redor? A igreja nunca se levantará do profundo sono em que ela está agora? Nunca veremos um reavivamento varrer novamente a igreja, com o evangelho trovejando dos púlpitos, os bancos da igreja cheios de pessoas espiritualmente famintas? Nunca veremos um reavivamento inundar toda a nação, trazendo as massas indiferentes e hostis para o conhecimento salvador de Jesus Cristo? Nunca veremos o evangelho tocar tanto a nação, que os

ladrões tornem-se raros e o crime violento quase uma coisa do passado? Nunca veremos a ocasião em que “o conhecimento da glória do Senhor cubra a terra como as águas cobrem o mar?” A resposta é muito simples e acessível para que a erremos. Não estava a Igreja Primitiva “perseverando unânime em oração” (At 1.14; 2.42). O Pentecoste não começou num encontro de oração? Um compromisso de orar não nos mudará, e ao fazê-lo, levará à mudança do mundo?

A oração é o meio que Deus nos deu para a mudança do mundo. Há mais de dez anos, eu freqüentei meu primeiro encontro de oração no sábado à noite na Igreja de Gilcomston do Sul, da Igreja da Escócia em Aberdeen. O encontro começou às 19 horas e terminou, para meu espanto, às 22h15min. Mais de três horas de oração! As orações começaram com adoração e louvor, mas dentro em breve suas intercessões foram percorrendo todo o mundo. Ao mesmo tempo, o “Barco do Povo” estava afundando no mar do Sul da China com dezenas de milhares. Junto com as orações pelo reavivamento espiritual na Igreja da Escócia, haviam orações apaixonadas pelos “pobres sofrendores do barco do povo”. Dentro de uma semana um encontro internacional de chefes de Estado foi convocado por Margaret Thatcher, e logo a Marinha americana estava tirando estas pessoas desesperadas do mar. Eu creio que o encontro de oração do sábado à noite teve algo a ver com isso. Não há limite para o que Deus poderia fazer em nossa geração. “Não temos porque não pedimos”. Vamos nós, que cremos na soberania de Deus, estar ocupados com o negócio da petição.

Recentemente recebi uma carta de um bom amigo da Flórida. Um membro da Igreja Presbiteriana de Granada.

Por quase dez anos, agora, ele tem estado à beira da morte por causa da condição de seu coração.

Em dezembro, ele teve outra vez numa longa fila de incidentes críticos. Seu relato sobre o incidente capta, melhor do que qualquer coisa que eu poderia dizer, o significado do conceito bíblico de oração, tanto quanto a força que vem da confiança na soberania de Deus.

Gostaria de compartilhar com você um incidente significativo. Em dezembro último, no Dia de Pearl Harbor, eu acordei tendo uma forte dor anginal. Minha esposa levou-me direto para o hospital. Meu coração estava instável o dia todo e ficou muito pior por volta das 17 horas, assim fiz minha décima primeira excursão à sala de emergência cardíaca.

Este era um procedimento de emergência rotineiro, pelo qual tinha passado antes, ou assim pensava! Contudo, em algum lugar durante o caminho o procedimento falhou...

Então, de repente, lembro-me de pensar que estava tendo o mais vívido sonho de minha vida. Sonhei que estava deitado sobre uma mesa de operação, numa pequena sala cheia de pessoas. As pessoas estavam gritando umas com as outras. A sala me parecia muito familiar e eu simplesmente não podia crer quão realista este sonho era.

Uma moça negra bonita bateu em meu peito com seu punho, tão forte quanto ela podia! Meu corpo estremeceu todo. Eu senti minhas costelas estalando do golpe, mas não parecia machucar. A moça negra inclinou-se sobre mim, sorriu afetuosamente, e disse: 'Sr. Frank, eu sinto muito, eu tinha que fazer aquilo no Senhor!' Quão estranho! Isso era um sonho ou o que?

Então alguém gritou, “afastem-se”, e literalmente recebi o choque da minha vida. Senti o cheiro de carne queimando, eu tinha uma dor queimando no peito e um peito queimando. Eu não podia respirar por mim mesmo, meu peito doía muito. Eles estavam freneticamente me perfurando no pescoço e em todo meu corpo com agulhas ... veias ruins, eu imaginei. Isso definitivamente NÃO era um sonho; era um incidente ‘código azul’!

Muitas vezes, eu via as pessoas olhando umas para as outras, balançando suas cabeças e dizendo, que realmente eu não estava conseguindo, eu estava morrendo! Eu imaginei que todas aquelas pessoas, que obviamente estavam tentando salvar minha vida, não sabiam que eu podia ver e ouvi-las. Isso era deprimente. Mas espere! Tudo não estava perdido! Deus estava ali comigo. Minha esposa e meu pastor, Jim Smith, a família Rupp, a família Kerr e a família Ramsey estavam na sala de espera orando. A corrente Granada de oração seria acionada. Nenhum de nós morre por acidente. Deus decidiria a consequência deste incidente.

A moça negra, que socou-me no peito e deu-me choques, tomou-me pela minha mão esquerda, inclinou-se e disse para mim. ‘Você conhece Jesus?’ Eu disse: ‘Sim, de que outra forma poderia passar por isso?’ Bem, eu sei que é o que eu disse e sei que ela entendeu, porque ela sorriu aquele sorriso especial. Mas não estou certo se disse com palavras porque minha boca estava coberta com um aparelho de respiração artificial. Senti sua mão quente e forte e meu braço começou a formigar. Eu podia sentir o poder do Espírito Santo movendo-se sobre mim. Eu senti que Deus estava me dando a escolha de ir para casa

com ele ou ir para casa uma vez mais com minha família. Eu escolhi permanecer com minha família como em outras ocasiões.

Dias mais tarde, o chefe da equipe da emergência cardíaca parou pela unidade cardíaca para dar-me sua perspectiva sobre o que aconteceu naquela noite fatal. O Dr. Martin humildemente disse-me que ele e os outros médicos e enfermeiras sentiam que eles não poderiam ter o crédito por eu estar vivo hoje. Ele sentia que o crédito deveria ir para uma autoridade superior ... alguém mais poderoso do que ele. Quão certo ele estava! Eu lhe agradei por salvar a minha vida pela segunda vez em dois anos, e tentei explicar-lhe que embora Deus tenha salvo minha vida, Deus usou a ele e sua equipe e todos os meus irmãos e irmãs em Cristo que estavam orando, para realizar este evento milagroso.

Concluindo, o que Deus ensinou-me através deste incidente? Deus está sempre presente e no controle. Nenhum de nós jamais morre por acidente sem seu conhecimento ou permissão. Ele nos levará para casa quando quiser.

Deus responde nossas orações e geralmente trabalha em nossas vidas através de um irmão ou irmã em Cristo, como a moça negra, e todos aqueles guerreiros de oração de Granada. Precisamos praticar, mais e mais, esta atividade privilegiada, poderosa e misteriosa que chamamos de oração. *Estou convencido de que ele muda o curso natural dos eventos como fez comigo no Dia de Pearl Harbor.*

Quando alcançamos e tomamos sua mão, Deus fará nossa dor suportável, nosso sofrimento doce, e dará significado a aqueles eventos na vida que são tão difíceis de entender.

10 Orientação

Por favor, leia o Salmo 23

Com quem vou me casar? Onde vou viver? Onde vou trabalhar? Estas são as três grandes questões da vida. Há dezenas de outras menos importantes que também pesam muito sobre nós. Onde vou estudar? Devo comprar este carro? Faço essa viagem? Algumas vezes pode ser muito difícil responder a essas questões. Minha decisão de ser o pastor dos jovens na Igreja Presbiteriana de Granada em vez de professor de Bíblia em uma escola cristã, em Macon, em junho de 1982, tomou várias semanas de debate interno e oração confusa. Dia após dia, eu gritava por dentro: “O que eu faço? Muitos de vocês já estiveram nessa situação. Outros *sempre* estão assim. Não sabemos exatamente o que fazer.

A questão que devemos tratar aqui é se Deus vai nos ajudar ou não em nossas decisões. Para isso, mais do que em qualquer outro assunto, devemos adotar um entendimento evangélico de Deus e de nosso relacionamento com ele. Devemos reconhecer que Deus é um ser pessoal

que ama seu povo em Jesus Cristo e que promete guiar seu povo como um Pai e como um Pastor. Devemos admitir ser verdade que:

Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso; refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome (Sl 23.2, 3).

E novamente o salmista Davi diz:

Bom e reto é o Senhor, por isso, aponta o caminho aos pecadores. Guia os humildes na justiça e ensina aos mansos o seu caminho. ... Ao homem que teme ao Senhor, ele o instruirá no caminho que deve escolher (Sl 25.8, 9, 12).

Parece bastante claro que Deus nos *leva, guia e instrui no caminho que devíamos escolher*. A discussão que ocorre nos círculos evangélicos é sobre *como* Deus guia seu povo. Como ele torna sua vontade conhecida? Como ele comunica o melhor caminho a seguir? Há dois extremos a serem evitados. O primeiro é o excesso do superespiritual. Disposições interiores, providências extraordinárias, sonhos e vozes separadas da Palavra tornam-se infalivelmente cheias de autoridade. Muita bobagem tem sido feita em anos recentes em nome do que “Deus me disse para fazer” por um desses meios. O outro extremo a evitar-se é aquele de reduzir a orientação a nada mais do que a aplicação de princípios bíblicos. A Bíblia, nesse conceito, torna-se um manual para a vida que virtualmente dispensa ajuda sobrenatural. Essa posição tende para o Deísmo, um

conceito que elimina qualquer interação pessoal ou comunicação significativa entre Deus e seu povo.

Em algum lugar entre estas duas posições encontra-se o equilíbrio bíblico. Deus guia seu povo. Ele faz isso por meio de seu Espírito. Mas o Espírito faz seu trabalho por meio de princípios sadios e, como veremos, através da interpretação de nossas circunstâncias.

A ILUMINAÇÃO DO ESPÍRITO

A tradição reformada nega firmemente que Deus dê a seu povo alguma nova revelação, “tendo cessado aqueles antigos modos de Deus revelar a sua vontade a seu povo” (*Confissão de Fé de Westminster*, I.1). Mesmo aqueles que não concordam com isso são obrigados a concordar que Deus *geralmente* não guia seu povo falando-lhe audível ou diretamente. Ele não fez isso nos tempo bíblicos, e não o faz agora. O agricultor hebreu comum que buscasse a orientação de Deus quanto ao que plantar, trigo ou cevada, não recebia a resposta diretamente. Ele orava pela sabedoria necessária para tomar a decisão, e lhe era dada. Do mesmo modo, mesmo aqueles que crêem em profecia progressiva e em revelação por sonhos, são obrigados a concordar que este tipo de orientação é igualmente a rara exceção hoje. A maior parte de nossa orientação, a variedade diária para pessoas comuns, é muito mundana, até mesmo para o carismaticamente inclinado.

Todavia, o papel sobrenatural do Espírito Santo é mais vital ainda. Devemos ter o Espírito Santo se quisermos evitar cálculos errados e passos em falso. Contudo, sua obra, desde a conclusão do cânon da Escritura, deveria ser entendida como a de *iluminação* e não de *inspiração*.

O Espírito Santo é a chave para orientar, mas ele não nos orienta dando novas informações (como em “fazer isso ou aquilo”), e sim iluminando a Palavra dada e nossas circunstâncias, mostrando-nos o caminho da sabedoria. Ele nos dá uma paz segura e convicção certa, garantindo-nos que estamos nos movendo numa direção consistente. Ele ilumina todos os fatores diante de nós, de modo que somos capazes de escolher aquilo que é sábio e bom.

Como ele faz isso? Já demos algumas sugestões. Para uma resposta mais completa avancemos para a próxima seção.

PRINCÍPIOS EVANGÉLICOS DE ORIENTAÇÃO

Vamos considerar como o Espírito faz esta obra. Respostas seguras podem ser encontradas revendo o ensino evangélico padrão sobre orientação.

Em primeiro lugar, *Deus nos orienta através da Escritura*. Isso é verdade tanto no sentido específico (a) proibindo certas opções e prescrevendo outras, quanto no sentido mais geral (b) dando forma aos desejos, pontos de vista e a perspectiva do filho de Deus. Por exemplo, se eu estivesse procurando casar-me, a Escritura me diria para não me casar com uma mulher não-cristã, como no item ‘a’. Mas, também daria forma a meu conceito sobre o que o casamento é, por que o casamento é uma “condição respeitável”, e sobre as qualidades a observar em uma esposa, como no item ‘b’. Deste modo, um homem solteiro piedoso procurará uma esposa cristã tanto porque isso é o que a Escritura requer, como porque a Escritura deu forma a seus desejos, de modo que é isso que ele *deseja*

também, deseja até mesmo ardentemente. Se eu fosse procurar um emprego, a Escritura não me diria para procurar um emprego como um traficante ou gangster (bandido), como no item 'a', mas ela também mealaria sobre a dignidade do trabalho e para procurar um trabalho que maximiza meus dons, ao mesmo tempo em que sirvo a igreja e a sociedade, como no item 'b'.

No sentido prescritivo e restritivo, lemos:

De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho? Observando-o segundo a tua palavra.... Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti (Sl 119.9, 11).

No sentido de dar forma, lemos:

Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos (Sl 119.105).

Paulo pôde dizer que,

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra (2Tm 3.16, 17).

A Palavra de Deus nos equipa “para toda boa obra” limitando nossas opções e dando forma a nossos interesses. Ela nos ensina em um sentido positivo, informando-nos sobre a verdade e treinando-nos na justiça. Ela também nos reprova, corrigindo erros e mostrando-nos onde erramos o alvo.

A Bíblia é o primeiro meio pelo qual Deus guia seu povo. Mais do que qualquer outro fator, ela determina o tipo de vida que devemos levar. Milhares de opções são literalmente eliminadas pela influência da Bíblia sobre nós. Nada que é ilegal, imoral, egoísta ou sem amor, pode ser considerado. Mas novamente, é importante compreender que ela faz isso não apenas por meio de regras específicas (nosso item 'a'), mas também dando-nos a "mente de Cristo" (1Co 2.16, nosso item 'b'). Pela constante leitura, estudo e meditação na Palavra de Deus, começamos a "pensar os pensamentos de Deus após ele", para usar a frase da Calvino. Assim, estar "cheio do Espírito" é "deixar a Palavra de Cristo habitar ricamente em você" (compare Ef 5.18, 19 com Cl 3.16). Ser "guiado pelo Espírito de Deus" deve especificamente fazer morrer a carne e andar no Espírito (Rm 8.12–14).

A Bíblia nos ensina a olhar para a vida e suas opções como Deus olharia para ela. Quando digerimos interiormente a Palavra de Deus, torna-se quase instintivo para nós, responder ao mundo da perspectiva que Deus tem, com base nos valores e prioridades divinas. Muitos que combatem com firmeza não vêem necessidade de olhar para nada além disso. Mais de uma vez eu tenho ouvido de pessoas com grande angústia de alma, quando elas não têm fundamentos sancionados biblicamente, debatendo-se com a dúvida se procuram ou não um divórcio. Elas perguntam: "O que Deus quer fazer comigo?" Não há mistério em responder nestas circunstâncias. Fique quieto! A chave para as dificuldades de muitos é a ignorância da mente de Cristo como revelada em sua Palavra e iluminada pelo Espírito. A chave para seu alívio é o conhecimento.

Em segundo lugar, *Deus orienta-nos através da oração*. Você está tendo dificuldade para tomar uma decisão? Você tem orado pedindo orientação? Você não tem porque não pedir, diz Tiago.

Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida (Tg 1.5).

Freqüentemente, na vida de Jesus, as principais decisões foram precedidas de oração (Lc 3.21; 5.16; 6.12; 9.18; 9.28, 29; 11.2 e seguintes, etc.). Como foi verdadeiro na Escritura, podemos pensar sobre o papel da oração na orientação tanto num sentido geral quanto específico. Uma pessoa deveria orar a respeito de uma decisão particular, para que faça a coisa certa e que glorifique a Deus. Mas há também a realidade mais geral que está no contexto da oração, para que Deus nos dê respostas. Pode até mesmo ser que estejamos orando acerca de “y” quando vem uma clara resposta concernente a “x”. Muitas, e muitas vezes eu quero elaborar um esboço para meu sermão durante minhas devocionais matutinas, quando estou lendo uma passagem da Escritura não relacionada, ou orando sobre alguma outra coisa. Da mesma forma, freqüentemente tenho recebido claras e fortes convicções acerca de um ministério em nossa igreja – que devemos fazer isso ou parar de fazer aquilo. De fato, cada nova idéia sobre meu ministério pastoral tem ocorrido durante minhas orações matinais. Por que esta seria a tendência? Porque, quando pedimos, Deus ouve (e responde) e *nós* ouvimos. Quando oramos, (finalmente) diminuimos nosso ritmo e escutamos. Quando oramos, não estamos

enchendo nossas mentes com notícias, música, conversas, entretenimentos, e deste modo temos uma oportunidade de ouvir Deus. Quantos casamentos são uma confusão porque esposos e esposas não estão parando para orar e escutar? Quantas escolhas vocacionais têm sido feitas tolaemente porque as pessoas não têm sido humildes na oração e pacientemente esperado e escutado? Lembre-se, não menospreze a insensatez do coração humano ou a estupidez do cérebro humano. Somos lentos e propensos ao erro. Necessitamos da sabedoria de Deus se queremos viver sabiamente. Para obtê-la devemos pedir.

Em terceiro lugar, *Deus nos orienta por meio de conselhos piedosos*. Cada passo do caminho no processo de tomar decisões deveria incluir a advertência e o conselho do sábio. Muitas vezes, nossas fortes convicções são incompletas. Realmente não temos pensado em tudo completamente. Existem pontos cegos em nossa visão das coisas. Não temos considerado todos os fatores. Porque uma perspectiva empenada (torcida) é inevitável, é necessário que busquemos o conselho de outros. Sozinhos, somos fracos. “Mas na multidão de conselheiros há segurança” (Pv 11.14). A solidão conduz a presunção. “Mas com os que se aconselham se acha a sabedoria” (Pv 13.10).

O caminho do insensato aos seus próprios olhos parece reto, mas o sábio dá ouvidos aos conselhos (Pv 12.15).

Ouve o conselho e recebe a instrução, para que sejas sábio nos teus dias por vir (Pv 19.20).

Onde não há conselho fracassam os projetos, mas com os muitos conselheiros há bom êxito (Pv 15.22; cf. 20.18; 24.6).

A autoridade na igreja não deve ser dada a um único indivíduo. O governo deve ser coletivo e o poder distribuído. Mudanças no *status quo* devem vir somente através de deliberação coletiva. Sobre uma base regular em comissões e concílios a sabedoria será encontrada na “multidão de conselheiros” quando propostas são corrigidas, alteradas, melhoradas e, finalmente, rejeitadas ou aprovadas por meio da sabedoria coletiva dessas assembléias.

Uma outra área onde este princípio é bem ilustrado é na chamada para o ministério. É preciso fazer uma distinção entre as chamadas “interna” e “externa”. A primeira é a convicção de uma pessoa de que ela tem sido dotada e chamada para pregar. Mas essa chamada nunca é considerada como suficiente sozinha. A chamada “interna” deve ser confirmada pela última, a chamada “externa”, feita por meio da igreja. A igreja coletivamente avalia o sentido da chamada que um candidato tem e a confirma ou a rejeita. Isso serve para prevenir decisões não sábias que estão destinadas a frustrar e magoar o não dotado. Pesarosamente, nos últimos anos temos visto muitos jovens irem para o seminário, gastam três ou quatro anos e muito dinheiro sendo treinados, são ordenados e servem por vários anos na igreja, e então compreendem que não têm os dons. Abatidos, devastados financeira e emocionalmente, e, pior, algumas vezes profundamente cínicos acerca das coisas de Deus, eles abandonam o ministério. Conhecendo a insensatez e a falsidade de seu próprio coração (Jr 17.9), o homem sábio exigirá confirmação.

Estes são os princípios de orientação geralmente aceitos nas igrejas evangélicas. Estas são as coisas que o

Espírito Santo usa para orientar seu povo. Nós as afirmaremos e, de certa forma, até as sublinharemos se tivermos uma mais profunda doutrina do pecado. Devemos ter a orientação de Deus em nossa tomada de decisão por causa de nossa capacidade para o erro. Esta orientação não é dada pelo Espírito Santo por meio de impulsos, vozes ou sonhos, todas estas coisas são muito subjetivas para corações inclinados ao pecado, mas através do critério objetivo da Escritura, da oração e do conselho piedoso.

OS SUPLEMENTOS

Embora os princípios acima sejam vitais, eles não vão longe o suficiente. Eles sentem falta da informação crítica que se alcança com a compreensão sobre a soberania de Deus. Podemos resumir esta doutrina com uma frase. Deus fez você o que você é. Através da criação, da redenção e da providência, Deus tem feito o que você é. Não têm havido acidentes; ele é o autor de todos os fatores. Porque ele é, podemos admitir que todas estas coisas trabalham juntas indicando o tipo de vida que Deus tem ordenado que eu deveria viver. No entendimento do que Deus tem *feito* conosco, pode ser encontrado profundo discernimento do que Deus *quer* para nós.

Deixe-me dar um exemplo. Quando Paulo foi chamado para ser um apóstolo? Na estrada de Damasco, quando Jesus apareceu a ele numa luz ofuscante? Num sentido, sim. Isso foi quando a chamada em si foi recebida. Mas, ele diz aos gálatas que Deus o tinha separado “antes de eu nascer”(Gl 1.15). Sim, ele foi chamado “pela sua graça” na estrada de Damasco. Mas Paulo pode recordar toda

sua vida e ver a mão de Deus trabalhando. Deus o estava preparando para o trabalho de evangelização aos gentios enquanto ele ainda estava no ventre, depois em todo seu desenvolvimento, antes da sua conversão até a experiência na estrada de Damasco.

Tenho conhecido pessoas que foram convertidas quando adultos, que desprezam seus dons naturais e formação familiar recusando-se a fazer uso dessas coisas. Até onde os dons naturais e a formação familiar relacionam-se com a salvação? Paulo os considera como refugo (Fp 3.4–8). Mas ele nasceu com cidadania romana e, quando capturado, ele a usou (At 16.35–40; 25.11). Ele foi educado como um fariseu, e quando colocado contra a parede identificou-se com eles, defendendo-se como “fariseu, um filho de fariseus” (At 23.6). Ele recebeu a primeira porção de educação de Gamaliel e da Universidade de Tarsis, e é óbvio seu uso disto, através de seus escritos. Assim, quando ele se recorda toda sua vida, ele vê o Deus soberano preparando-o para seu trabalho a cada passo do caminho. Todos os fatores foram ordenados por Deus para equipá-lo para a tarefa de levar o evangelho aos gentios, o primeiro grupo dos quais eram judeus que freqüentavam às sinagogas. Ele entendia o pensamento da seita mais rigorosa do Judaísmo e seus mais veementes oponentes, os fariseus, e mais tarde, os judaizantes. Por quê? Porque Deus tinha ordenado que ele deveria nascer numa família de fariseus. Ele *conhecia* o mundo judeu. Mas ele também nasceu numa família de fariseus, vivendo numa cidade gentílica, Tarsis. Assim, ele conhecia o mundo gentílico também. Ele podia falar e escrever a língua grega; tinha freqüentado suas escolas. Ele conhecia seu pensamento. Ele leu seus poetas (At 17.1

e seg.). Quando salvo, foram então adicionados dons espirituais em cima dos naturais. A criação, a providência e a redenção estavam em harmonia uma com a outra.

Como você aplica estes princípios? Estas são as perguntas que eu faria a alguém que está procurando a orientação de Deus. Quem fez você? Deus? Bem, então, o que ele tem feito você ser? Quais são seus dons naturais? Quais são seus interesses naturais? Por que Deus teria dado a você esses dons e interesses, a não ser que ele planejasse que você usasse, até mesmo os desenvolvesse? Não é honra ao Criador quando aquilo que ele cria, funciona com sua plena capacidade?

Então, eu faria uma segunda série de perguntas. Que oportunidades você tem tido? Quem as tem dado? Deus não é soberano sobre suas oportunidade e falta de oportunidades?

Deixe-me ilustrar com minha própria vida. Eu gosto de ler e estudar História; eu sempre gostei. De onde vem este desejo? Eu creio que ele é parte do que eu sou, de como fui criado. Algumas pessoas gostam de Mecânica, alguns de livros. Eu, de História. Porque é inato, não há explicação, exceto que Deus concedeu. Mas então, houve fatores encorajadores ao longo do caminho. Meu pai gostava de história de guerra e me expôs a uma grande quantidade dela. Meu professor do quinto grau, o velho Sr. Beacon, reconheceu meu interesse e jeito para História, e me estimulou. Quem ordenou e determinou estes fatores? O Deus da providência. Então, quando eu despertei espiritualmente, deveria ter esperado que o Deus da redenção conduzisse numa direção completamente contrária àquela que ele tinha desenvolvido todos aqueles anos? Ou haveria continuidade e convergência

entre criação, providência e redenção? A menos que o Criador, o Governador e o Redentor sejam três deuses diferentes, cada um com programas diferentes, devíamos esperar harmonia. Eu penso que sempre soube que minha vocação envolveria o estudo de História. Quando comecei a discernir a chamada para o ministério, percebi que a chamada veio a alguém que já tinha descoberto que uma grande parte da interpretação bíblica está no entendimento da história, tanto o contexto histórico no qual a Escritura foi escrita, como a história da interpretação das várias passagens. A primeira vez que sentei para preparar um estudo da Bíblia, e ensiná-lo, tive a certeza de que estava fazendo o que de fato fui criado para fazer. Havia um senso de dever. Isso caiu bem. Toda minha vida tinha me preparado para aquele momento e para a tarefa do ministério do ensino.

Você pode dizer as mesmas coisas sobre você. Você tem interesses e habilidades naturais. Houve oportunidades ao longo do caminho que alimentaram e desenvolveram esses interesses e habilidades. Quando você decide escolher uma matéria no colégio, seguir uma carreira, e depois um lugar para viver, estes fatores, todos determinados pelo Deus da criação, da providência e da redenção, não desempenharão um papel vital? Os dons e a chamada de Deus caminham de mãos dadas. O que ele fez você ser? Quais são seus interesses? Quais suas habilidades? Quais são suas oportunidades? Fazemos estas perguntas supondo que você já está aplicando os princípios evangélicos acima descritos. Você está na Palavra de Deus, orando e buscando conselhos piedosos. Mas visto que você está fazendo isso, pergunte-se o que seu Criador e Governador, seu pai e amigo, fez você ser? Você é bom

com números? Prossiga então. Você é dotado em música? Desenvolva-o. Um bom organizador e realizador? Procure por trabalho administrativo. Sente que deve ensinar e pregar? Exercite seus dons.

Temos considerado principalmente vocações materiais, mas os mesmos princípios aplicam-se a todas as coisas. Quais são seus interesses? Quais são suas oportunidades? Ambas as vezes que selecionei seminários para frequentar, a decisão foi longa e dolorosa, mas finalmente clara. Um californiano tolo, superficial, precisava sair dos Estados Unidos e estudar com um homem da qualidade e caráter de J. I. Packer. Isso “caiu bem”. Havia um senso de dever. O mesmo foi verdade quanto meu retorno aos Estados Unidos, para o Seminário Gordon-Conwell. Havia uma convergência de fatores que um dia deixaram-me – eu me lembro do momento – convencido que eu devia ir. Vir para minha igreja atual foi uma experiência semelhante. Eu gosto de História – aqui é uma igreja histórica. Eu creio na pregação – aqui está um púlpito alto. Eu creio na adoração tradicional, reverente, isso é o que eles procuravam. Eu adoro a Escócia – aqui está uma herança escocesa. Eu tinha sonhado em servir uma igreja central. Isso se adapta bem. Pareceu correto.

Examine por um momento a questão do casamento. Como sabia que não devia casar-me com alguém do norte da Alemanha? Porque o Governador do mundo nunca me deu uma oportunidade para fazer isso. Se ele tinha a intenção de casar-me com uma mulher do norte da Alemanha, ele o teria arranjado. Em vez disso, antes ele colocou a jovem Emily inequivocamente em minha vida. A seguir ele me deu um grande amor por ela. Aqui está uma questão interessante. Por que amamos as pessoas

que amamos? Embora não deseje de modo algum insultar minha esposa, a resposta para mim e, a menos que eu erre meu palpite, a resposta para muitos de nós é, “eu não sei!” Nós amamos. Ah, posso falar sobre seu ser gracioso, inteligente, divertido, encantador e assim por diante. Mas a linha básica é, eu apenas amo. Eu não sei por que a amo. Eu apenas amo. Tem a ver com quem eu sou e com quem ela é, e como combinamos. Portanto, eu tomo estas coisas como indícios daquele que me fez “quem eu sou” para o que eu devo fazer. O Espírito deve iluminar nossas circunstâncias. Ele deve ajudar-nos a interpretar os fatores criacional e providencial. Mas quando tomamos os dons, oportunidade e interesses que ele nos tem dado e os usamos para sua glória, o agradamos. Quando o Dr. Werner von Braun construiu o foguete lunar Saturno 5 e ele decolou e cumpriu sua tarefa perfeitamente, ele glorificou o Dr. Von Braun. Mais do que isso, ele glorificou o Deus, que fez o homem, que fez o foguete Saturno 5. Assim é com todos os nossos dons. Quando os usamos, glorificamos o Deus que os deu. Sabemos o que ele quer pelo que ele tem feito. Aquilo para o que ele nos criou, é o que devemos procurar ser.

Há também uma liberdade no Cristianismo que acaba dizendo, como Agostinho fez. “Confie em Deus e faça o que você quiser”. Não somos cativos de uma “terceira” vontade de Deus, oculta. Temos a verdadeira liberdade para fazer o que queremos fazer, porque o que queremos (quando estamos andando com Cristo) foi determinado pelo que Deus nos fez ser. Por alguns anos, eu presumi que, se eu quisesse algo, Deus não o desejaria para mim. Eu presumia que a criação e a redenção eram estranhas uma a outra. Meus desejos naturais, eu supunha, eram

carnais e inválidos. Esta pode ser uma perspectiva muito prejudicial e opressiva sobre a vida, sufocando os desejos naturais dados por Deus. Somos livres em Cristo para ser tudo que queremos ser. Certamente esta aproximação está aberta a abuso. É fácil procurar nossa própria vontade em nome da vontade de Deus. Mas quando estamos procurando a orientação do Espírito através da Palavra, da oração e de conselhos piedosos, encontraremos nossos desejos convergindo com os dele. O que queremos, somos ajudados a conhecer, é o que ele quer. Harmonia é a nova ênfase. O que ele nos salvou para sermos, revela ser a mesma coisa que ele nos criou para sermos. Somos libertos em Cristo para nos tornarmos tudo que ele nos fez para ser.

A fé cristã é belamente holística. Ela não limita nossos esforços às coisas “espirituais”. Ela não limita o envolvimento de Deus a coisas sobrenaturais. Todas as coisas cooperam para o bem do povo de Deus. Ele nos orienta através da totalidade de sua obra, sua Palavra, seu mundo, com seu Espírito conduzindo e iluminando-nos a cada passo do caminho, até chegarmos ao lugar onde nos tornamos certos de que o próximo passo é tomado em sua sabedoria. Este senso de dever nunca é infalível. Nos equivocamos, mas é possível alcançar um alto grau de certeza de que, quando vemos nossa criação, providência e redenção convergirem, realmente estamos caminhando nos “caminhos da justiça”, nos caminhos que ele escolheu para nós.

11

Uma fé para um modo de Vida

Por favor, leia Romanos 11.33–36

Devemos agora chegar ao fim de nossa jornada quanto as implicações práticas das doutrinas da graça. Temos realçado essas doutrinas, especialmente as doutrinas da soberania de Deus, da depravação do homem e da graça soberana. Procuramos demonstrar a aplicação delas às várias áreas da “piedade prática”, e descobrimos, mais do que o suficiente, que é de importância crítica para a vida e modo de vida cristã. Agora, resta-nos somente resumir nossas descobertas e dirigir estas verdades para dentro de nossos corações e consciências, a inspiração para que retornemos a Romanos 11.36

Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém.

ABRANGENTE

Quando é que alguém está na mais religiosa disposição de mente e coração? Não é na atitude de oração? E

qual é a atitude de oração? Não é a atitude de “completa dependência e humilde confiança?” Esta é a essência da oração. Uma pessoa dobra seus joelhos em oração porque ela necessita de Deus. Todavia, quando a oração termina, algumas pessoas se levantam e ocupam-se de seus negócios numa disposição de mente totalmente diferente, como se fosse tudo para elas, como se elas não fossem mais dependentes de Deus. Precisamos de uma concepção sobre Deus que nos faça manter esta atitude de oração, esta atitude de dependência e confiança, quando nos levantamos e começamos as outras atividades da vida. Eu nunca sou autônomo. Eu nunca me basto. Eu nunca me encontro numa esfera que exclui Deus. A vida não se dividirá em religiosa e não religiosa. Porque Deus é soberano sobre toda vida, a dependência de Deus é interminável e a atitude de oração sempre necessária.

Assim, existe uma abrangência acerca do Cristianismo que não se encontrará em outras religiões. Podemos ver isso em dois sentidos. Tudo é *para* Deus, e tudo é *por meio de* Deus. Em primeiro lugar, tudo que eu faço, e tudo que alguém faz, deve ser *para* sua glória e segundo sua ordem. Em segundo lugar, tudo que eu faço deve ser *por meio da* força que ele dá. Novamente, a reivindicação de Deus sobre mim é abrangente. De igual modo, o controle de Deus sobre minha vida é abrangente. Eu sou dependente dele o tempo todo. Assim, eu sou responsável perante ele o tempo todo. O tão lamentado problema do “Cristianismo de Domingo”, da pessoa que age de uma forma no domingo na igreja e de outro diferente na segunda, não suportará o teste da verdade. Minha obrigação para com Deus é abrangente. Minha necessidade dele é abrangente. Eu sempre estou sob seu governo. Eu

sempre estou em suas mãos. O Cristianismo, então, é mais do que uma “religião”. Ele é uma “cosmovisão” completa. Abraham Kuyper entendeu a essência desta perspectiva quando disse.

Não há uma polegada em toda área da existência humana da qual Cristo, o soberano sobre tudo, não proclame, “É meu”.

O próprio Kuyper talvez seja o exemplo máximo de um homem com uma cosmovisão. Tendo sido educado em Leyden (a Harvard da Holanda), ele foi convertido enquanto era ministro em uma igreja através do testemunho de uma velha senhora. Seu coração redimido foi consumido com a visão do Cristo glorificado em todas as esferas. Durante o tempo de sua vida ele escreveu 230 livros, editou dois periódicos, fundou a Universidade Livre de Amsterdam, foi membro do Parlamento e finalmente, Primeiro Ministro da Holanda. Tudo isso foi feito em adição a sua principal obra, o estudo teológico, dentro do qual ele mereceu reconhecimento como um dos principais teólogos de seus dias. Por ocasião do vigésimo quinto aniversário como editor do *De Standaard* (O Estandarte) Kuyper disse,

Um desejo tem sido a paixão dominante de minha vida. Um alto motivo tem agido como uma espora sobre minha mente e alma A saber. Que a despeito de toda oposição mundana, as santas ordenanças de Deus sejam estabelecidas novamente no lar, na escola e no estado para o bem das pessoas; entalhar, por assim dizer, na consciência da nação as ordenan-

ças do Senhor, das quais a Bíblia e a Criação dão testemunho, até a nação homenagear novamente a Deus.¹

De muitas maneiras isso simplifica a vida cristã. As pessoas parecem ter uma certa dificuldade em entender o que o Cristianismo é. De fato, ele é muito simples. Ele é “primeiro Deus”, em todo lugar. Ele é a vida vivida a partir da perspectiva do “para Deus, por meio de Deus”. Ele é a atitude que diz: Quer eu coma, quer eu beba, ou faça qualquer outra coisa, faço tudo para a glória de Deus (1Co 10.31); que diz: Sem ele nada posso fazer (Jo 15.5).

ESPERANÇOSO

O famoso historiador Carl N. Degler, que publicou recentemente *In Search of Human Nature* (A Procura da Natureza Humana), traça a explicação sobre a natureza humana e o conseqüente comportamento nas ciências sociais seculares desde 1800 e, especialmente, a partir de Darwin. Ele percebe que a discussão secular tem balançado de um lado para o outro entre natureza e educação como explicação para o comportamento. Mas o que estes dois pólos têm em comum é muito mais importante do que aquilo em que divergem. O elemento comum (surpresa!) é o determinismo. O argumento da educação, que em geral tem sido o conceito da maioria desde 1930, postula um determinismo ambiental. Por que nos comportamos como fazemos? O lado “educacional” responde, por causa de nosso meio-ambiente. Fomos espancados por

1. Abraham Kuyper, *Lectures on Christianity*, p. iii.

nosso pai, dominados por nossa mãe, sofremos na pobreza, tivemos falta de educação, perdemos oportunidades, etc. Isso explica nosso comportamento. A chave para eliminar o mal no mundo é alterar o meio-ambiente. É necessária uma mudança social.

O argumento da “natureza” explica o comportamento pela natureza das coisas. Ele postula um determinismo genético. Nos comportamos como fazemos porque a natureza nos programou do modo que somos. Este conceito dominou o pensamento social de aproximadamente 1800 até 1930, e tem obtido domínio novamente nestes últimos anos. A lógica desta posição levou alguns Estados, no passado, a decretar políticas de impor a castração daqueles indivíduos considerados geneticamente inferiores, incluindo alguns criminosos, os deficientes mentais e algumas raças. Hoje, o homossexualismo está sendo chamado de uma condição genética, bem como o alcoolismo e até mesmo todo comportamento criminoso. Defeitos genéticos ou fraqueza são a razão para todo comportamento anti-social e destrutivo. A esperança para o futuro deve ser encontrada na experimentação genética.

A coisa fascinante para mim é que o homem sem Deus rejeita a doutrina da predestinação, todavia, quando senta-se para descrever o comportamento humano, ele não pode evitar o determinismo. Basicamente ele possui duas alternativas e ambas são deterministas! Ambas destroem a liberdade e a responsabilidade humana. Mas a vontade de Deus estabelece o único fundamento para a liberdade humana. A *Confissão de Fé de Westminster* diz isso explicitamente ao afirmar que Deus decretou todas as coisas, todavia ele o fez de tal modo que não “violenta” a vontade da criatura, “nem é tirada a liberdade ou a con-

tingência das causas secundárias, antes estabelecidas” (III.1). Porque a fé cristã afirma que Deus decreta todas as coisas, inclusive os atos livres dos homens, ela preserva a responsabilidade humana e a realidade de suas escolhas. Ela é equilibrada de um modo que nenhuma outra perspectiva é ou pode ser.

Que diferença isso faz? É vital para preservar a esperança. Você é como os animais, impotente perante as forças da natureza? Admito, as forças da natureza são poderosas. As coisas nos genes de uma pessoa e em seu meio-ambiente produzem um impacto significativo sobre o seu comportamento e escolhas. Mas elas são determinativas? Elas são fundamentais? Ou é sua vontade? Se são o meio-ambiente ou os genes, de fato você é impotente. Você não tem escolha. E aqui está a chave – não há solução, ou ao menos nada que seja acessível a você. Você nada pode fazer para ajudar-se. Você é uma vítima, oprimido por forças ocultas que estão além da sua capacidade de resistir. É por esta razão que você é levado a beber. Esta é a razão de você ser promíscuo. Esta é a razão de você perder a paciência e tornar-se violento. Esta é a razão de você tornar-se deprimido. Você é como um dos cachorros de Pavlov. O sino toca e você saliva. Você está programado ou condicionado a fazer o que faz. O que pode ser feito de acordo com os sistemas seculares? A posição da “educação” inevitavelmente conduz à proposta liberal da intervenção maciça do governo com o propósito de corrigir males da sociedade. A posição da “natureza” conduz ao mundo Hitleriano da eugenia e a eliminação de espécimes humanos inferiores. Somente o conceito cristão preserva a esperança de que eu posso ser diferente do que eu sou. Ele preserva a realidade das

escolhas e responsabilidade humanas, enquanto reconhece que uma Força toda determinativa não é absolutamente uma força, mas o Deus pessoal da Bíblia, cuja ajuda pode livrar-nos dos maiores poderes da natureza. Eu sou um bêbado, ou um homossexual, ou um criminoso, primária e determinativamente, porque eu *escolhi* ser. *Eu* sou responsável. E, pela graça de Deus, eu posso escolher ser diferente. Não será culpa do meio-ambiente ou de meus genes. Eu fui feito à imagem de Deus com o poder de escolher. Sempre há esperança, com o poder que Deus dá, que eu comece a fazer escolhas certas.

REALÍSTICO

“Falta de realidade na religião é uma coisa execrável”, diz J. I. Packer.² Precisamos ser realistas acerca do pecado. Ao mesmo tempo em que não minimizamos a grandeza da graça de Deus (de fato trata-se da “excelsa graça” de Deus), devemos ser realistas quanto ao que pode ser feito neste mundo para eliminar os resultados do pecado. Este realismo transforma-se em completo ceticismo quando nos voltamos para as várias utopias e sistemas estatísticos, para aperfeiçoamento da humanidade e da sociedade. Volumes poderiam ser escritos sobre este único assunto. Mas nosso assunto é a “piedade prática”, e portanto nos lembraremos da paz de mente que vem por meio de um conceito realístico do mal como ele nos toca pessoalmente.

Em primeiro lugar, a fé deve ser realista acerca da *santificação*. Milhares de cristãos têm sido tiranizados pela

2. J. I. Packer, *Knowing God* IVP, p. 228

idéia de que eles não deveriam lutar com o pecado. Têm sido dito por aqueles que falham em compreender a penetrabilidade do pecado, que se eles tivessem ou uma experiência especial ou fé o suficiente, eles eliminariam a presença do pecado e a luta que a acompanha. Eu chamo isso de tirania porque ela é irrealista e irrealizável. As pessoas têm conduzido a si mesmas, numa tentativa quase louca de encontrar a chave para a vida cristã fácil.

O entendimento sobre a *ordo salutis* é uma compreensão belamente sensível e equilibrada das coisas que pertencem umas às outras, mas são diferentes. Justificação não é santificação. A primeira é uma declaração, enquanto que a santificação é um processo. Regeneração não é santificação. A primeira nos liberta do poder escravizante do pecado, enquanto que a última trata do progresso necessário de mortificar o pecado que permanece. Somos passivos quando Deus regenera, somos justificados no momento em que exercitamos a fé, mas devemos “operar” a santificação, porque “Deus está trabalhando” em nós.

Em segundo lugar, a fé deve ser realista acerca do *sofrimento*. Os tolos evangelhos da “saúde e riqueza” desta e de gerações anteriores, imaginam que a vida pode ser sem dor. Cristãos superficiais, não treinados, podem concluir que porque “Deus é amor” e porque somos seus filhos, ele não deseja que sofram. Pessoas acostumadas a pensar desta forma podem ser completamente devastadas quando lhes sobrevêm uma tragédia inevitável, bem como ficar desiludidas e iradas com Deus. “Por que ele permitiu isso acontecer?” elas gritam. Novamente, a fé cristã promove um conjunto de expectativas muito mais realista e bíblica. Ela trata mais seriamente com os efeitos

do pecado de Adão e com os julgamentos de Deus – este é, afinal de contas, um mundo caído. Além disso, os resíduos de pecado que permanecem no coração dos regenerados estão enraizados tão profundamente que eles raramente tornam-se evidentes sem sofrimento – “a quem o Senhor ama, ele disciplina”.

Em terceiro lugar, a fé deve ser realista acerca da *necessidade da lei*. Os antinominianos promovem uma versão da vida cristã que está livre dos constrangimentos da lei. Novamente, eles falham em levar a sério os efeitos do pecado. A erradicação do pecado é tão difícil e incompleta nesta vida, que até mesmo o coração redimido, necessita de critérios objetivos para ordenar a conduta. Os santos precisam de limites. Os santos precisam de orientação. Os santos precisam da lei se devem viver segundo a vontade de Deus. O lugar da lei na vida cristã certamente está aberto ao abuso. O legalismo é um perigo constante, mas a carnalidade e as racionalizações subjetivas do pecado também são um perigo. Vida sem limites parece apelação. Na realidade, ela conduz ao desastre moral.

Às vezes a fé cristã é acusada de ser uma fé infeliz, austera e áspera. Ela foi rotulada com estes títulos, porque ela não tem medo de dizer a verdade. Alguns preferem viver em um mundo de fantasia, livres da dor, da luta e de limites. Uma pessoa pode viver com esta perspectiva por um tempo e falar como Poliana acerca de como a vida é maravilhosa. Mas eventualmente, a fantasia encontra a realidade, e então a dor é imensuravelmente pior, composta pelo desapontamento e até mesmo por um senso de traição. Sustentamos que a alegria é maior e a paz é mais consistente quando uma pessoa encara ocasio-

nalmente os fatos amargos da vida em um mundo sob a maldição de Deus. A vida é dura. A vida é uma luta. Lidamos diariamente com a enfermidade e com a morte. Cristo não nos liberta da dor, antes nos capacita a lidar com nossa dor. “Falta de realidade para com Deus é a doença devastadora do Cristianismo moderno”, diz Packer.³ A fé bíblica nos ajuda a ser reais.

EQUILIBRADO

Para onde quer que olhemos, na igreja contemporânea, vemos que a verdade está desequilibrada. Elementos da verdade são confiscados, isolados, exagerados e, deste modo, distorcidos. Verdades parciais são proclamadas como se fossem a verdade toda e, como Packer diz, “uma meia-verdade apresentada como a verdade toda é uma completa inverdade”.⁴ A fé cristã tem sido deformada a ponto de ficar irreconhecível. A cura para o que aflige a igreja pode ser encontrada nas respostas cuidadosas, equilibradas, que a fé bíblica dá para as principais questões que enfrentamos.

Em primeiro lugar, ela alcança o correto equilíbrio entre *a parte de Deus e a nossa parte*. Já comentamos sobre isso diversas vezes. A santificação é uma obra de Deus ou do homem? De ambos. Nós evitamos a passividade daqueles que a fazem apenas uma obra de Deus, e a frustração e o fracasso daqueles que a fazem somente uma obra do homem. Deus salva ou o homem salva-se? Ambos. Deus salva através do nosso uso dos meios de graça ordenados.

3. J. I. Packer, *Knowing God* IVP, p. 228.

4. J. I. Packer, *A Quest For Godliness*, Crossway, p. 165.

Evitamos o fatalismo daqueles que dizem que ela é totalmente de Deus e as práticas manipulativas daqueles que dizem que ela é totalmente nossa. Oramos, pregamos o evangelho, e aguardamos pela ação de Deus.

Em segundo lugar, ela alcança o correto equilíbrio entre o *objetivo e o subjetivo*, entre fato e sentimento, entre conhecimento e experiência.

Considere as seguintes áreas. Nós estamos sob a *lei* ou sob a *graça*? Ambos. Evitamos o legalismo daqueles que vivem debaixo da lei como um meio de justificação por afirmar claramente que uma pessoa é justificada pela fé; e evitamos a carnalidade daqueles que rejeitam a lei e transformam a graça e “a direção do Santo Espírito” numa licença para pecar.

A *segurança* (da salvação) é fácil ou difícil de se conseguir? É ambos. Ao insistir que os “sinais da graça” devem estar presentes na vida dos crentes, evitamos a presunção daqueles que barateiam a graça, tornando a segurança muito fácil, promovendo a carnalidade entre os crentes e a falsa segurança entre os auto-iludidos; e evitamos o equívoco de fazer a segurança muito difícil, conduzindo crentes sensíveis ao desespero e negando a muitos outros a paz de coração que eles deveriam ter, visto que, “estas coisas foram escritas para que saibais que tendes a vida eterna”.

Finalmente, a *orientação* é encontrada através do Espírito ou através da Palavra? Ambos. São evitados, por um lado, os fanáticos extremos que reivindicam a inspiração direta do Espírito, palavras do Senhor, impulsos infalíveis; e, por outro lado, os deístas que amordaçam a Deus e não lhe permitem falar. O Espírito nos guia, não através de nova revelação, mas iluminando a Palavra dada

e nossas circunstâncias. Assim, a autoridade e finalidade da Escritura é protegida, bem como a realidade de um vivo relacionamento com Cristo.

A fé cristã deve ser abrangente, esperançosa, realista, equilibrada e evangélica. Isso produzirá um sopro de ar fresco em um mundo instável, confuso. Ela nos dará uma estrutura dentro da qual entendemos nossa *identidade* como humildes pecadores salvos pela graça; nossas *experiências* em um mundo caído – de sofrimento, lutas, dúvidas, deveres e orientação; e nossos *deveres* de adoração, oração e testemunho.

Índice de Pessoas

- Anderson, John 95
Anselmo 98
Aquino, Tomás de 38
Agostinho 11, 13, 38, 53, 187
- Barnhouse, Dr. Donald 59–60
Bradford, John 43
Bright, Bill 94
Bunyan, John 94
- Calvino, João 13, 15, 38, 132, 133, 140, 178
Carey, William 75, 86, 94
Cecil, Ricard 95
Cohen, Mickey 145
- Dallimore, Arnold 95
Darwin, Charles 192
Defoe, Daniel 74
Degler, Carl N. 192
Duff, Alexander 95
Duncan, “Rabi” 110
- Edwards, Jonathan 38, 95
- Fergammo, Vince 56
Ferguson, Sinclair 28
- Haden, Bem 59
Havergal, Francis Ridley 72
Hodge, Charles 65
- Kennedy, D. James 94
Kuyper, Abraham 191–192
- Livingstone, David 95
Lutero, Martinho 38, 103, 133
- Machen, J. Gresham 54
McCheyne, Robert Murray 95, 156
Moffat, Robert 95
- Moody, Dwight 37
Morrison, Robert 94
Muggeridge, Malcolm 67
Murray, Ian 75
Murray, John 90
Newton, John 95
- Packer, J. I. 78, 94, 107, 132, 135, 186, 195, 198
Pal, Krishna 75
Paton, John G. 45, 46, 95
- Richardson, Dr. John 53
Richardson, R. J. 53
Rowlands, Daniel 94
Rylands, Sr. John 86
Ryle, J. C. 108
- Schaeffer, Henry F. 36
Scott, Thomas 95
Sibbes, Richard 146
Spafford, Horatius 70
Sproul, R. C. 13
Spurgeon, Charles Haddon 11, 26, 94, 167
Still, William 91
Stott, John 107
- Thatcher, Margaret 169
Tiago II, Rei 74
- Van Puffelen, Anton 46
Venn, Henry 95
von Braun, Dr. Werner 187
- Warfield, Benjamin B. 38, 45–46, 107
Watts, Isaac 30
Wesleys (Carlos e João) 37, 94
Whitefield, George 37, 94, 95
Wilson, John 95

Índice de Personagens Bíblicos

- Abraão 23, 73, 137
Adão 48, 197

Daniel 160–161, 165
Davi 138, 157, 158, 159, 174
Demas 124

Elias 165
Esaú 23
Esposa de Potifar 57
Ezequias 158, 159

Faraó 24, 57

Gabriel 165
Gamaliel 183

Herodes 13

Isaías 12, 26, 84, 137, 158, 160
Isaque 23
Ismael 23

Jacó 23
Jeremias 14, 40, 158, 159
Jó 49, 64
João 67, 81, 82, 101, 121, 123, 126,
127, 128, 131, 159

José 12, 57
Judas 118

Lucas 159

Moisés 24, 34, 138, 161, 162, 165

Neemias 161
Nicodemos 82
Noé 14

Paulo 14, 15, 16, 19, 22, 24, 25–28,
29, 35–38, 40–42, 54, 55, 62–69,
72, 73, 75, 76, 83, 89, 92, 93, 99,
102, 109–111, 115–118, 121, 124,
131, 141, 145–148, 165, 167, 177,
182, 183
Pedro 13, 66–67, 123, 131, 138, 159
Pilatos 13, 48

Rebeca 23

Samuel 138
Sara 73

Tiago 65, 125, 162, 163, 165, 166, 179
Timóteo 16

Índice de Assuntos

- Antinomia / Antinomianismo 78–79, 83, 85, 136–137
Arminianismo 85, 93, 115
Batista 94
Breve Catecismo 18
Calvinismo 31, 33, 34, 35, 85
Calvinista 30, 34, 94
Catecismo Maior 14, 18
Confissão de Fé de Westminster 12, 15, 33, 175, 193
Congregacional 154
Contentamento / Descontentamento 31, 68–72, 73
Cruzada Estudantil para Cristo 94
Depravação Humana 13–14, 15, 17, 21, 29, 35, 50, 104, 189
Determinismo 192–193
Eleição / Predestinação 17, 18, 19, 22, 23, 24, 26, 28, 33, 35, 47, 78, 79, 81, 83, 85, 115, 119, 131, 132, 193
Esperança 46, 54, 66, 72–76, 94, 96, 168, 193, 194, 195
Evangelismo Explosivo 94
Fariseu / Farisaísmo 99, 142, 150, 183
Igreja da Escócia 74, 95, 169
Igreja da Inglaterra 38, 95
Igrejas Reformadas 17, 143
Índios 33
Inquisição Espanhola 74
Mexicanos 33
Pacto 8, 137
Perseverança 54, 66, 108, 119–121
Presbiterianas (Igrejas) 45, 169, 173
Protestante 94
Puritanos 75
Reforma 94
Reformado / Reformadores 11, 34, 42, 43, 78, 87, 121, 135, 136, 137, 140, 143, 144, 154, 175
Soberania de Deus 8, 11, 12–13, 14, 15, 17, 21, 22, 25, 26, 35, 39, 47, 50, 58, 62, 68, 72, 76, 77, 78, 87–96, 98, 99, 116, 118, 121, 135, 153, 164, 166, 169, 170, 182, 189
Tradutores Wycliffe da Bíblia 50

Índice de Referências Bíblicas

Gênesis	13.10	180	10.22	119
6.5 14	15.22	180	10.29,30	13
12.3 138	19.20	180	11.25-27	80
45.8 57	20.18	180	11.25-30	77
50.20 12, 57	21.1	93	11.28-30	79
	24.6	180	11.29	34
Êxodo			13.20	123
4.11 60	Eclesiastes		13.24-30	123
17.11 165	9.3 14		28.19,20	78
Números	Isaías		Marcos	
12.3 34	1.18 19		4.3-9	84
	5.20 137		4.3-20	84
1 Crônicas	6.5 160		4.10-13	84
29.10-13 158	6.9 84		4.13-20	84
	37.16 158		4.13	84
Neemias	45.7 12		7.19	145
1.3 161			9.23	73
1.4-7 162	Jeremias		Lucas	
	9.23,24 40		3.21	179
Jó	17.9 14, 181		5.16	179
1.5-22 59	32.17-19 159		6.12	179
1.20,21 64			7.47	30
Salmos	Ezequiel		9.18	179
16 138	18.4 48		9.28,29	179
19 148	Daniel		11.2 e seg.	179
19.10 143	9.4-11 160, 161		11.9,10	164
23 173	9.22,23 165		13	48
23.2,3 174	10.12 e seg. 165		13.5	49
25.8 174			João	
25.9 174	Oséias		1.12,13	81
25.12 174	4.6 19		1.13	15
119 148	Jonas		3.7,8	82
119.9 177	2.9 15, 42		3.8	15, 82
119.11 177			3.19,20	14, 42
119.97 143	Mateus		5.46	138
119.105 140, 177	5.17-19 138		6.35	82
119.111 140	5.17-22 135		6.36,37	83
139 62	5.21 e seg. 139		6.44	15, 83
139.8 62	5.29,30 108		6.65	83
Provérbios	6.6,9,10 156		8.31	121
11.14 180	7.15-20 131		8.56	138
12.15 180	7.22,23 124		10.27-29	118

- 14.13,14 166
 15.5 99, 192
 15.7 166
 15.16 15, 40, 166
 17.17 140

 Atos
 1.14 169
 2.23 13, 54
 2.31 138
 2.39 16
 2.42 169
 2.47 16
 3.24 138
 4.24 159
 4.28 13
 5.31 16
 5.41 67
 11.18 16
 13.48 16, 86
 14.22 65
 16.14 16
 16.35-40 183
 17.1 e seg. 183
 18.10 92
 20.27 19
 23.6 183
 25.11 183

 Romanos
 1.16 91
 1.30,31 29
 3.10-12 14
 3.20 143
 3.31 146
 4.19 43
 4.20,21 73
 5.3-6 66
 6.1-11 97
 6.4 100
 6.5,6 100
 6.11 106
 6.14 101
 6.17,18 101
 7 109-111
 7.7-8.4 97
 7.14 109, 110, 140
 7.15 109, 110
 7.19 110

 7.22 109
 7.24 110
 7.25 110
 8 28, 111, 115
 8.1-4 135
 8.4 141
 8.12-14 178
 8.12-17 113
 8.13 109
 8.15,16 132
 8.17 54
 8.18 54
 8.23 54
 8.24,25 54
 8.26 54
 8.26-39 45
 8.28 12, 54
 8.28-39 113
 8.29 116
 8.30 55, 116
 8.31-35 117
 8.35 117
 8.37 76
 8.37-39 117
 9-11 22, 83
 9.1-11.36 21
 9.6 22
 9.7 23
 9.11-13 23
 9.14 24
 9.15,16 24
 9.16 83
 9.18 24
 9.19 24
 9.20-22 25
 10.9 25
 10.12 25
 10.13 25, 83, 128
 11.5 24
 11.26 24
 11.33-36 11, 26, 189
 11.36 189
 13.8-10 141
 14 144

 1 Coríntios
 1.18-31 33
 1.18 36
 1.20 36

 1.21-23 37
 1.26-29 35, 36, 38
 1.29-31 40
 1.30 15, 40, 99
 1.31 40
 2-3 42
 2.1 89
 2.2 90
 2.3-5 37, 89
 2.5 37
 2.14 42, 92, 109, 131
 2.16 178
 4.7 42
 6.10 124
 7 146
 7.27 e seg. 146
 8-10 145
 9.27 109
 10.31 192
 15.10 41, 44

 2 Coríntios
 3.18 102
 4.2 92
 5.17 102
 6.14 e seg. 146
 12.1-10 59
 12.2 62
 12.7,8 63
 12.9 63, 89
 12.9,10 68
 12.10 68, 72
 13.5 131

 Gálatas
 1.15 182
 3.8 138
 3.24 143
 3.29 137
 4.11 124
 5.13 125, 146
 5.17 109
 5.21 125
 5.22,23 102
 5.24 108

 Efésios
 1 22, 28
 1-2 28

1.1-14 21	2 Tessalonicenses	1 Pedro
1.3-3.21 28	2.13 16	1.5 121
1.4-6 28		1.6,7 66
1.4,5 15	1 Timóteo	1.22 140
1.6 29	3.15 148	
1.7 99	4.1-4 145	2 Pedro
1.7,8 29-30		1.10 131
1.11 12	2 Timóteo	2.20,21 123
1.11,12 28	1.9 16	
1.17,18 165	2.1-24 109	1 João
2.1 29	2.12 121	1.6 123
2.1-3 14	3.16 140, 177	1.7 128
2.5 15	3.17 177	1.8 123
2.8 40	4.2-4 92	1.9 129
2.8,9 15, 117	4.10 124	1.10 123
5.18,19 178		2.3-11 113
6.11-18 108		2.3 130
	Filemom	2.3 e seg. 126
Filipenses	24 124	2.4 123
1.9 166		2.5 130
2.13,14 99	Hebreus	2.6 123
3.4-8 183	2.14,15 100	2.9 123
3.12 111	2.15 101	2.15 129
4 75	4.1 120	2.19 121
4.6 167	6.4,5 123	2.22 129
4.11,12 69	6.4-6 120	2.29 129
4.13 69	10.26-31 125	3.6-8 129
	10.26 123	3.9,10 101, 129
Colossenses	10.26,27 120	3.14 130
1.9 166	10.31 120	3.18,19 130
2.16-23 145	10.36 121	3.24 130
2.20-22 145	12.6-11 65	4.7 129
3.5 108, 144		4.13 131
3.6 125	Tiago	4.15 129
3.8 108	1.2-4 66	4.19 15, 41
3.10 108	1.5 179	4.20 130
3.16 178	2.26 125	5.1 130
4.3 165	4.1-10 153	5.2 131
4.14 124	4.2 163	5.4 101, 121, 130
	4.3 162	5.13 127
1 Tessalonicenses	4.8-10 163	5.14 166
4.6 125	5.16 165, 166	5.18 101, 130
5.16-18 64	5.17,18 165	
5.23 102		Judas
		24 118

A DOCTRINA DA GRAÇA NA VIDA PRÁTICA

“Se os evangélicos sabem disso ou não, a sua sobrevivência depende da redescoberta dessa doutrina que honra a Deus.”

James Boice

“... o objetivo da teologia é capacitar os cristãos a viverem do modo que Deus quer – abrangentemente e intensamente, como Cristo. A teologia – e a teologia Reformada em particular – deve nos tornar mais como Jesus. E é isso que faz o livro de Terry Johnson. Ele leva a teologia a honrar a Deus e ser prática ao mesmo tempo. Já não era sem tempo!”

Derek Thomas

Terry Johnson, autor de vários livros, é pastor senior de Independent Presbyterian Church in Savannah, Georgia, nos Estados Unidos.